

# **POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?**

**Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal**



**JOANA RAFAELA FERNANDES DE OLIVEIRA**  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA  
Orientação do Professor Doutor Nuno Grande  
Co-orientação do Professor Diogo Seixas Lopes  
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra  
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA (DARQ)  
Coimbra, 26 Julho de 2013



# **POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?**

**Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal**



Agradecimentos,

à mãe, ao irmão, aos avós maternos e à madrinha pelos laços inquebráveis e por serem os pilares críticos de todo o percurso;  
aos amigos de sempre, pela dedicação;  
aos colegas de curso, pelo companheirismo académico;  
ao Sílvio, por cada palavra de incentivo e pelo livro;  
à Dra. Lígia Teles, pelo apoio e amizade;  
aos orientadores, pelo conhecimento e estímulo transmitidos;  
por fim, e, em especial, a Nuno Portas.



## ÍNDICE

<b>Resumo   Abstract   Résumé</b>	<b>09</b>
<b>Introdução</b>	<b>15</b>
<b>Ambiência</b>	<b>28</b>
1.1. O fim dos CIAM: a crise na arquitectura moderna	<b>31</b>
1.2. Dos anos 50 a uma nova geração	<b>35</b>
<b>Parte A</b>	
<b>A 1. Nuno Portas e as Políticas de Autor</b>	<b>54</b>
A 1.1. <i>A Sacristia</i> , o LNEC e a revista <i>Arquitectura</i>	<b>57</b>
A 1.2. Visão Autoral	<b>65</b>
A 1.2.1. <i>Cahiers du Cinéma</i>	<b>65</b>
A 1.2.2. <i>Politiques des auteurs</i>	<b>69</b>
A 1.3. Exportar Portugal	<b>73</b>
A 1.3.1. Álvaro Siza como veículo da arquitectura portuguesa pelo Mundo	<b>73</b>
A 1.4. Mapa Cronológico	<b>83</b>
<b>[Capítulo Charneira   25 de Abril de 1974]</b>	<b>84</b>
<b>Parte B</b>	
<b>B 1. Nuno Portas e as Políticas Sociais</b>	<b>88</b>
B 1.1. Um mapa de referências: o neo-realismo italiano, as ciências sociais francesas e a matemática como geradora de formas	<b>88</b>
B 1.2. Fundo de Fomento da Habitação	<b>101</b>
B 1.2.1. O direito à habitação	<b>101</b>
B 1.3. Serviço de Apoio Ambulatório Local	<b>123</b>
B 1.3.1. Novas Políticas Urbanas	<b>123</b>
B.1.3.2. Metodologias de Realojamento Urbano	<b>129</b>
B 1.4. O espaço colectivo	<b>139</b>
B 1.5. Mapa Cronológico	<b>145</b>
<b>Conclusão   Ser (um autor) social e político</b>	<b>146</b>
<b>Mapa Cronológico</b>	<b>159</b>
<b>Entrevista</b>	<b>161</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>177</b>
<b>Índice de Imagens</b>	<b>193</b>





## RESUMO

### POLÍTICAS DE AUTOR, POLÍTICAS SOCIAIS

#### Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal

É em períodos de crise que a crítica aparece mais vincada e mais frontal, como forma de interrogação sobre dúvidas que se levantam. Por estar ligada à construção material do mundo, a Arquitectura é das primeiras áreas do pensamento e das artes a assinalar esses momentos. Por outro lado, procura também outras afirmações para refutar o que tinha sido feito até então. Na segunda metade do século XX, entre o rescaldo do fim dos CIAM (Congresso Internacional de Arquitectura Moderna) e o aparecimento de vias críticas europeias muito fortes (nomeadamente, em Inglaterra e Itália), surge a necessidade de reinterpretar e rever o Movimento Moderno. Nuno Portas foi, em Portugal, umas das pedras basilares para a construção dessa outra via: uma arquitectura moderna construída com uma forte significação contemporânea e social.

Numa altura em que a ditadura salazarista deixou de exercer tanto poder na expressão de um estilo de construção, e após o Congresso Nacional de Arquitectos de 1948, os dois maiores pólos de ensino e debate da profissão - Lisboa e Porto - unem-se no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. É neste cenário que a crítica de arquitectura ganhou o seu verdadeiro âmago na figura de Nuno Portas e da revista *Arquitectura*, fundamental na discussão do Movimento Moderno em Portugal. Com os seus textos e entrevistas publicados nas mais variadas revistas nacionais e internacionais da especialidade, mostrou projectos de arquitectos emergentes como Álvaro Siza, Manuel Tainha, Vítor Figueiredo e Nuno Teotónio Pereira. O seu artigo, *A responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal*, foi o mote que deu início à internacionalização da arquitectura nacional. No entanto, Nuno Portas vive o paradoxo de defender esses profissionais enquanto autores, e a convicção de que o arquitecto tem acima de tudo uma função social. Ou seja, está ao serviço da comunidade revogando qualquer tipo de vedetismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nuno Portas, crítica, políticas de autor, políticas sociais, internacionalização da arquitectura portuguesa.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

**ABSTRACT**

## AUTHOR'S POLICIES, SOCIAL POLICIES

## Nuno Portas and the role of the architecture in Portugal

It is in times of crisis that criticism appears more strongly and more frontal, as a form of inquiry into questions that arise. Why be tied to construction material world, Architecture is the first areas of thought and the arts to mark these moments. On the other hand, it also seeks to refute other claims that had been made so far. In the second half of the twentieth century, from the aftermath of the end of CIAM (International Congress of Modern Architecture) and the emergence of strong European critical pathways (namely, England and Italy), there is a need to reinterpret and revise the modern movement. Nuno Portas was in Portugal, one of the cornerstones for building this another way: modern architecture built with a strong social and contemporary significance.

At a time when the Salazar dictatorship failed to exercise such power in the expression of a style of construction, and after the Congress of Architects in 1948, the two largest centers of teaching and discussion of the profession - Lisbon and Porto - join in Survey the Regional Portuguese Architecture. It is in this scenario that the criticism of architecture gained his real heart in the figure of Nuno Portas and *Arquitectura's* magazine, the fundamental discussion of the Modern Movement in Portugal. With your texts and interviews published in various national and international journals and magazines of the specialty showed projects emerging architects such as Álvaro Siza, Manuel Tainha, Vítor Figueiredo and Nuno Teotónio Pereira. Your article, *The responsibility of a new generation in the Modern Movement in Portugal*, was the motto that started the internationalization of national architecture. However, Nuno Portas the paradox lives to defend these professionals as authors, and the conviction that the architect has above all a social function. Then, the architect must serve the community, revoking all the stars.

KEY-WORDS: Nuno Portas, criticism, author's policies, social policies, internationalization of portuguese architecture.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## RÉSUMÉ

### POLITIQUES D'AUTEUR, POLITIQUES SOCIALES

#### Nuno Portas et le rôle de l'architecte au Portugal

C'est dans les moments de crise que la critique semble plus forte et plus frontale, comme une forme d'enquête sur les questions qui se posent. Pour être lié à la construction matérielle du monde, l'Architecture est l'un des premiers domaines de la pensée et des arts à signaler ces moments. D'autre part, il cherche aussi à réfuter les affirmations d'autres qui avaient été faites jusqu'au présent. Dans la seconde moitié du XX<sup>e</sup> siècle, à partir du lendemain de la fin du CIAM (Congrès International d'Architecture Moderne) et de l'émergence de fortes chemins européens critiques (à savoir, l'Angleterre et l'Italie), il est nécessaire de réinterpréter et de réviser le mouvement moderne. Nuno Portas était au Portugal, une des pierres angulaires de la construction de cette autre façon: l'architecture moderne construite avec une forte signification sociale et contemporaine.

À une époque où la dictature de Salazar n'a pas exercé un tel pouvoir dans l'expression d'un style de construction, et après le Congrès des Architectes en 1948, les deux plus grands centres d'enseignement et de discussion de la profession - Lisbonne et Porto - participent à l'Enquête de l'Architecture Régionale Portugaise. C'est dans ce scénario que la critique de l'architecture a gagné son cœur réel dans la figure de Nuno Portas et du magazine *Arquitectura*, la discussion fondamentale du Mouvement Moderne au Portugal. Avec ses textes et entretiens publiés dans divers journaux nationaux et internationaux de la spécialité, il y a montré des projets d'architectes émergents comme Álvaro Siza, Manuel Tainha, Vítor Figueiredo et Nuno Teotónio Pereira. L'article, *La responsabilité d'une nouvelle génération dans le mouvement moderne au Portugal*, était un des slogans qui a commencé l'internationalisation de l'architecture nationale. Cependant, le paradoxe Nuno Portas vit à défendre ces professionnels que les auteurs, et la conviction que l'architecte a surtout une fonction sociale. Alors, l'architecte doit être au service de la communauté, révoquant du tout les vedettes.

**MOTS-CLÉS:** Nuno Portas, critique, politiques d'auteur, politiques sociales, internationalisation de l'architecture portugaise

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## INTRODUÇÃO

### Objectivos

O objectivo principal desta dissertação é abordar o tema das Políticas Sociais e de Autor no panorama arquitectónico português, com especial destaque para o processo da internacionalização da arquitectura portuguesa. A dissertação pretende compilar informação existente sobre o assunto, tendo como referência o percurso heterodoxo de Nuno Portas, arquitecto, urbanista e, no caso que nos interessa, crítico e analista atento às políticas de autor – na crítica de arquitectura – e as políticas sociais – na gestão da cidade.

A leitura dos artigos escritos por Nuno Portas para revistas nacionais e internacionais permite uma perspectiva fundadora sobre o trajecto da arquitectura portuguesa no estrangeiro. A presente crise económica obriga a alargar as vertentes futuras, necessitando da crítica para que os projectos de arquitectura possam ser vistos e debatidos além-fronteiras. Deste modo, outro dos objectivos da dissertação é analisar e mapear o percurso de Nuno Portas, da sua fase autoral para a social.

Resultado da situação socioeconómica do país, existe uma ruptura das realidades sociais e culturais. No caso da Arquitectura, o caminho a traçar deve ser bem planeado, calculando não só a questão económica e a falta de investimento na construção, mas também dando valor à qualidade do trabalho dos arquitectos

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



portugueses. A crítica e teoria da arquitectura são fundamentais para este fim, porque tornam público o seu valor. Outro objectivo é, portanto, o de sublinhar a relevância da crítica através do estudo de um dos seus protagonistas.

Depois da exposição *O Ser Urbano*, organizada em 2012 por Nuno Grande em Guimarães, no âmbito da Capital Europeia da Cultura 2012, e na sequência de teses de mestrado do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (DARQ) e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) sobre outras áreas da carreira de Nuno Portas, pretende-se aprofundar o contributo deste na e para a arquitectura portuguesa. E, a partir desta última, entender os primórdios da sua internacionalização. Para tal, é preciso questionar o caminho que se pretende tomar: elevar o autor, dignificar a sociedade, ou ambos?

### **Pertinência | Estado da Arte**

A escolha deste tema advém, primeiro, do trabalho realizado na cadeira de Teoria III para a Exposição de Guimarães 2012 sobre Nuno Portas. E, depois, da proposta do grupo de trabalho do Seminário de Investigação, *Continuidade ou Crise?*. O ano de 2012 trouxe vários estudos acerca da carreira de Nuno Portas e investigações de conclusão de mestrado pertinentes sobre a sua ligação ao cinema, ao LNEC, à revista *Arquitectura* e à fase teórica e prática entre os anos de 1957 e 1974. A exposição *O Ser Urbano. Nos Caminhos de Nuno Portas*, organizada no âmbito de Guimarães, Capital Europeia da Cultura 2012, incidiu sobre esse percurso. Esta retrospectiva sublinhou também o contributo para a arquitectura portuguesa da crítica e publicação dos projectos em revistas com circulação internacional.

No entanto, os temas da sociologia do habitar e das políticas sociais urbanas continuam na ordem do dia. Habitar é o primeiro amparo que temos e, a cidade, por sua vez, é precisamente constituída por milhares deles. O espaço social, também ele habitado, surge como espaço de partilha. Assim, habitar é construir sociedade. E as perguntas começam-se a colocar: Que vivências têm os nossos espaços públicos? Que políticas sociais temos? Marginalizamos os bairros sociais, contudo glorificamos as obras de arquitectos famosos de largos investimentos.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

Esta discrepância encontra ecos e reflexões em fontes bibliográficas de referência, como as teorias sociais e urbanas de Henri Lefebvre, que influenciaram Nuno Portas. Hoje, existe uma clara urgência de repensar a sociedade civil e o espaço público, bem como a construção de mecanismos alternativos de gestão e planeamento sustentável. Como defendeu Nuno Portas, nos Cadernos Municipais ou nos livros Políticas Urbanas I e II, a disposição do espaço urbano traduz as relações entre a economia e a sociedade, condicionando o sentido territorial.

A dissertação toma por base estes campos, alargando a disciplina da crítica de arquitectura a toda a carreira de Nuno Portas. Esta produção é o tema principal da dissertação, num cenário de crise após o fim dos CIAM e seu seguimento. A tese pretende mapear o pensamento crítico e intelectual, reconsiderando o que já foi dito e escrito sobre este assunto.

Existe a necessidade de encadear o discurso arquitectónico com outras áreas disciplinares como o cinema e a sua crítica. O conceito de “políticas de autor” foi introduzido nesse campo, nomeadamente com a *Nouvelle Vague* em França, tendo influência no pensamento de Nuno Portas. O cinema foi, deste modo, um catalisador de experiências bem-sucedidas e trazidas para o âmbito da Arquitectura. Este diálogo entre disciplinas não renunciou a um programa social: afirmando a dignidade necessária para uma população carenciada, a responsabilização individual pelos interesses colectivos e a democratização do acesso à arte.

O tema tem uma repercussão contemporânea pelo quadro presente de investimento precário na sociedade e cultura em Portugal. A valorização da competência dos arquitectos portugueses, graças às críticas dos seus projectos/obras, surge como hipótese da sua necessária internacionalização. É, pois, de todo o interesse disciplinar, entender como começou esse processo.

Existe uma rede de contactos e de referências, bem como outras vertentes das artes e da ciência, entrecruzando dois mundos que tendem a viver apartados um do outro. A Arquitectura, só por si, não pode mudar a sociedade e, por isso, Nuno Portas procurou estar sempre em trânsito entre várias disciplinas e vários problemas, compreendendo o contexto que o rodeava, nacional e internacionalmente, e afirmando o desassossego da sua geração.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## **Metodologia**

A dissertação foi desenvolvida com base numa pesquisa intensiva do que foi escrito e dito acerca do arquitecto Nuno Portas, bem como sobre a crítica de arquitectura em Portugal. Este levantamento, tendo como fim a obtenção de conclusões finais sobre a crítica como modo de internacionalizar a arquitectura, procura clarificar a transição de políticas defendidas pelo arquitecto. Todavia, existe toda uma rede de referências – sociais, políticas, ou artísticas – fundamentais na investigação deste tema para, com elas, compreender uma época e o seu enquadramento, mas também para saber questionar certos pontos e filtrar a informação recolhida. A metodologia foi distribuída por cinco fases distintas, identificadas da seguinte forma:

### **Fase 1: Pesquisa:**

Nesta fase inicial, procedeu-se à recolha de informação generalizada relativa aos contextos arquitectónicos internacional e nacional, ao contexto cultural que motivou a ideias como a das “políticas de autor,” à raiz ideológica que motivou uma corrente reformista subscrita por Nuno Portas. E, obviamente, relativa aos escritos do próprio arquitecto e ao que foi escrito sobre ele.

### **Fase 2: Selecção de Informação:**

Após a pesquisa de informação e partindo da leitura de livros, teses, revistas e outros artigos, relativa à generalidade do tema e aos contextos mais específicos, foram cruzadas as informações mais pertinentes com fim à aquisição de conclusões. Paralelamente, inseriu-se, aqui, também, a visualização exaustiva de filmes da época em estudo, como outro campo de referências autorais e sociais.

### **Fase 3: Redacção de Texto:**

Em paralelo com a fase anterior, a redacção de texto e interligação de temáticas orientou todo o resto do tempo até à entrega final.

### **Fase 4: Entrevista:**

Foi realizada uma conversa com Nuno Portas, para acrescentar o seu próprio comentário às temáticas consideradas. Foi uma nova perspectiva, *a posteriori* e em causa própria, da investigação.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

### **Fase 5: Conclusões Finais:**

Reunidas as respostas, foram formuladas as conclusões. Tanto ao nível do tema geral, como das questões levantadas na própria figura de Nuno Portas e a sua ligação aos dias de hoje.

### **Caso de Estudo**

O caso de estudo da dissertação é a produção teórica de Nuno Portas, considerada nos seus inícios e momento de viragem entre as décadas de 1950 e 1970. No seu âmago, este caso divulga novas culturas, procurando saber mais e compreender o seu tempo e contexto, nacional e internacional. A crítica ao Movimento Moderno, por não acompanhar mudanças políticas, sociais, económicas e culturais, levou à discussão de novas soluções para os problemas do Mundo.

Nuno Portas abraçou as expectativas e as frustrações da sua geração, dividida em duas organizações de arquitectos, geradas pelos pólos de ensino e debate de arquitectura em Portugal: na figura de Keil do Amaral, as Iniciativas Culturais Arte e Técnica de Lisboa, constituíam-se como um lugar de debate da arquitectura; no Porto, a Organização dos Arquitectos Modernos, defendia uma arquitectura ainda de pendor modernista. Os dois grupos tiveram um papel decisivo no sucesso da organização do Congresso Nacional de 1948. A partir daqui, a arquitectura portuguesa precisava de um novo caminho.

A revista *Arquitectura* procurou, precisamente, apontar esse rumo. Nuno Portas assumiu as rédeas da nova estrutura da revista. Num dos artigos basilares da crítica de arquitectura em Portugal, *A responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal*, debateu o Movimento Moderno e indicou outras vias: “pensamos que uma importante contribuição para esse debate – que constitui uma das preocupações centrais da revista – seria precisamente o interrogar de uma novíssima geração, não só nas suas ideias e intenções, mas sobretudo nas suas obras.” (PORTAS, 1959). A ideia era mostrar projectos de arquitectos nacionais promissores. Nuno Teotónio Pereira e o *atelier* da Rua da Alegria, por exemplo, onde Portas estava a começar a dar os seus primeiros passos como arquitecto, tiveram um papel importante na crítica e no desenvolvimento da habitação social portuguesa.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



Contudo, não era só em Portugal que a Arquitectura devia resolver as suas questões primordiais. Num plano mais alargado, na conjuntura europeia, o CIAM X não chegou a conclusões, levando-o a escrever no mesmo artigo que “a intransigência acirrada de um Team X não explica totalmente um impasse; de facto, a própria cultura italiana necessita de resolver as recentes oposições internas, produto natural do aparecimento de obras às vezes brilhantes mas cujo historicismo polémico não pode contribuir para uma síntese da nova etapa do movimento”. (PORTAS, 1959). O prognóstico adivinhava uma tarefa árdua.

Cada geração tem responsabilidades e o que se pedia a esta (e o que mais uma vez se pede à nossa), é a “de promover um diálogo fecundo, a de procurar um método comum de interpretação da realidade complexa que a solicita, a de abdicar de vocabulários feitos quando possam ser estes factores de abstracção formal” pois, “mais importante ainda do que uma unidade formal ou conceptual é, certamente, a definição dos planos de actuação do arquitecto e do urbanista em face das necessidades objectivas de cada país ou região.” (PORTAS, 1959)

Nuno Portas tinha esse conhecimento. As suas viagens tornaram todas estas questões muito próximas e parecidas e, na verdade, eram as mesmas: “a formação do espaço responderá a uma procura minuciosa das necessidades humanas, resolvendo no plano das formas as ambiguidades e as contradições das exigências pessoais e sociais”.

## **Estrutura**

Esta tese de mestrado pretende contribuir para uma “quadratura do círculo” sobre a carreira de Nuno Portas, ligando um momento de crise no mundo da arquitectura portuguesa paralelo ao que vivemos hoje.

Por estar ligada à construção material do mundo, a Arquitectura é das primeiras áreas do pensamento e das artes a assinalar esses momentos. Por outro lado, procura também outras afirmações para refutar o que tinha sido feito até então. O primeiro capítulo contextualiza a crise gerada pelo fim dos CIAM e, em particular, a situação na sociedade portuguesa.



A Parte A desenha o mapa das referências autorais de Nuno Portas. A sua formação católica e a sua actividade em cineclubes foram as duas fases fundadoras da sua vida. Viria, portanto, mais tarde, a influenciar toda a sua carreira. Do *atelier* de Nuno Teotónio Pereira ao LNEC, a primazia foi dada ao autor. Bem como a ideia de publicar as obras de Siza internacionalmente, exportou, de certa forma, um pouco dos arquitectos portugueses com ele. Por conseguinte, traçar o diagrama das referências autorais e perceber como funcionou este *networking* foi um dos desafios desta tese.

Entre parênteses, encontra-se o momento charneira entre as duas políticas: o 25 de Abril de 1974 que permitiu o apoio directo estatal às políticas sociais. Sendo o momento charneira entre os dois diferentes tipos de políticas, a abordagem faz-se através da poesia de Manuel Alegre e Sophia de Mello Breyner Andresen.

Na Parte B, o enfoque será dado a explicitar as políticas sociais. Ligado a um diálogo entre disciplinas, desde as Ciências Sociais à Matemática, os exemplos de relação são muitos. Nuno Portas é uma figura sempre em trânsito de conhecimento, dentro e fora de Portugal. Não se cingiu à disciplina da Arquitectura ou do urbanismo, mas, pelo contrário, abriu horizontes de interesse e pontos de contacto de diversas arquitecturas. O ponto alto, embora temporalmente curto, foi o Serviço de Apoio Ambulatório Local, onde pôde colocar o autoral e o social em paralelo.

No entanto, Nuno Portas dividiu-se depois entre ideias de pendor marcadamente sociais e políticos, ao serviço da comunidade, e a noção do arquitecto enquanto autor. A conclusão incide sobre essa dúvida. Políticas de Autor ou Políticas Sociais? Por fim, o último capítulo aborda a crise actual, primeiro, de um ponto de vista social e económico e, depois, a reputação da arquitectura portuguesa contemporânea. Por fim, termino com um subcapítulo que fecha todo o tema, consagrando o arquitecto, autor social, no campo político, pois quem exerce esta profissão também faz política.







## AMBIÊNCIA

### 1.1. O fim dos CIAM: a crise na arquitectura moderna

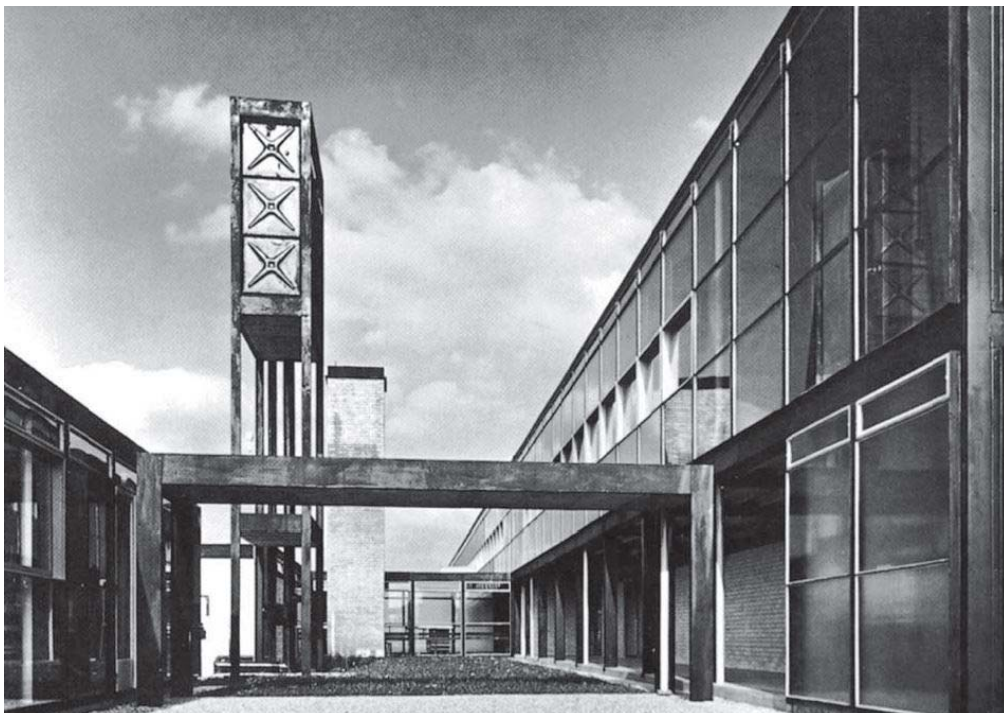
**“This Heroic Period of Modern Architecture is the rock on which we stand. Through it we feel the continuity of history and the necessity of achieving our own idea of order.”**  
**(Alison and Peter Smithson)**

A mudança dos sistemas políticos para Estados-Providência e o crescimento económico e industrial com base no capitalismo deram origem a uma forte e descontrolada migração das áreas rurais para as urbanas. Assim, sem grandes infra-estruturas e habitações capazes de aguentar esta sobrecarga populacional, as condições de vida do operariado eram degradantes. O Movimento Moderno discutia, precisamente, o tema das habitações operárias no seio dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM), especialmente, no CIAM de Bridgewater, em 1947. (CAMPOS, 2011, p.13-15)

Os CIAM que significavam progresso, rigor, método e experimentalismo passaram a fechar-se em dogmas e ortodoxismo, sem perceberem as transformações que operavam nas novas realidades urbanas. O Team X, saído do décimo CIAM,



1 | Anúncio do fim dos CIAM, em Otterlo, 1959, pelo Team X.



2 | Escola Secundária de Hunstanton, 1949-1954, de Alison e Peter Smithson.



realizado em Dubrovnik, em 1956, passou a ser o elo mais forte de ligação entre o fim do Moderno e o início de uma outra coisa. Este grupo, com voz plural e numerosas ideias, sistematizou a sua prática no empírico, pragmático e antidogmático, baseando-se, profundamente, na investigação das relações humanas, na procura de uma arquitectura de comunidade. Deste núcleo duro saíram as vias críticas holandesa (Aldo Van Eyck, Jaap Bakema), francesa (Georges Candilis, Shadrach Woods), italiana (Giancarlo de Carlo) e inglesa (Alison e Peter Smithson) e, portanto, uma reinterpretação crítica do Movimento Moderno. (CAMPOS, 2011, p.17)

Apesar da forte corrente funcionalista inglesa, bem como o seu New-Brutalism, o Neo-Realismo (Roma) de Ludovico Quaroni; Mario Ridolfi; Mario Fiorentino (popular) e o Neo-Liberty (Milão e Turim) de BBPR, Ignazio Gardella, Franco Albini, Ernesto Nathan Rogers e, mais tarde, Carlo Ayomino ou Aldo Rossi – *Casabella-Continuità* (tradição) interessam, particularmente, para este estudo. Itália encontrava-se numa situação delicada, restabelecendo-se da destruição deixada pela guerra e enfrentando reformas políticas, sociais e económicas. Os debates ideológicos eram frequentes e a teoria da arquitectura italiana das décadas de 50 e 60 passaria a ser uma referência por toda a Europa. Bruno Zevi, mesmo antes, já publicara editoriais e livros, mostrando o organicismo de Frank Lloyd Wright e o *New Empirism* da arquitectura nórdica, na pessoa de Alvar Aalto. (FERREIRA, 2009, p.28-32).

Ao mesmo tempo, surgia uma nova consciência social e artística com debates e maior atenção para a expressão das artes. O experiencialismo tecnológico e artístico abriu novas oportunidades criativas de rever os conceitos sociais mais importantes no âmbito arquitectónico. No fundo, refundar as bases da arquitectura do presente, do agora. Todas estas novas vias críticas preocupavam-se com a vontade do cidadão comum, a contextualização do lugar e o pré-existente. Surgiu um interesse pela memória e pelo vernáculo. O interesse pelas Ciências Sociais cresceu, passando a ser um instrumento de trabalho directo com as populações.

Se uns apregoavam a continuação de uma revisão do Movimento Moderno, outros imploravam por uma ruptura eficaz e decisiva. Caminhava-se para um espaço dúbio da História da Arquitectura, cheio de experiências e debate que veio a dar origem ao chamado Pós-Modernismo.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



3 | Fotograma do filme *Os Verdes Anos*, 1963, de Paulo Rocha.

## 1.2. Dos “verdes anos” portugueses à “laranja mecânica” de uma nova geração

**“A economia é a infra-estrutura da sociedade.”  
(Karl Marx)**

Se a vida de Nuno Portas fosse feita em filme, um dos possíveis enquadramentos seria a construção das Avenidas Novas, em Lisboa, tal como no filme *Os Verdes Anos* de Paulo Rocha (1963). Os edifícios modernos, tão perto de máquinas agrícolas, num rural à beira de ser urbanizado e engolido na área que hoje chamamos metropolitana. Este rural era, de certa forma, o espaço-limite da trama, onde a diferença de classes sociais estava bem presente. A precariedade era um sítio comum: as rendas das habitações dispararam nos grandes centros urbanos aquando da vaga migratória do interior para o litoral, as camadas mais baixas da sociedade portuguesa trabalhava para a sobrevivência diária.

Os anos 50 foram, no entanto, vividos com grande esperança. O pós-guerra fomentou uma sede de liberdade e de consciencialismo. Portugal era, de facto, um país rural e as populações do interior viviam isoladas do que se passava nos grandes centros de decisão. Existia um desfasamento considerável em relação ao resto da Europa na maior parte dos sectores da sociedade. Mesmo a Alemanha, saída da guerra e distribuída pelos Aliados e URSS, dava os primeiros passos na requalificação económica plena. Contudo e apesar de Portugal não ter entrado na Segunda Guerra Mundial (pelo menos, não de uma forma directa), continuava a ter uma indústria rudimentar. O êxodo rural tomava proporções nunca antes vistas: a litoralização começava, então, o seu trajecto até à desigualdade que assistimos hoje.

As áreas artísticas, de uma maneira geral, aproximaram-se umas das outras. Foi uma época colectiva e anónima. Os artistas queriam, antes de mais, defender, expressiva e, mais importante que tudo, democraticamente, o seu talento com base na realidade do País. As conjunturas alinharam-se de uma forma tal que se impunha esta oportunidade como a ideal para colocar tudo o que se sabia sobre o Movimento Moderno em prática. Logo, o desenho simples, verosímil e, claro, funcional seria o porta-voz deste novo momento. Paralelamente, em Julho de 1946, o Movimento de



4 | Relatório do 1º Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948.

Unidade Democrática (MUD) organizava a I Exposição Geral de Artes Plásticas (EGAP) que expunham o neo-realismo português, naquele que ficaria para a História como o primeiro momento em que a classe contesta, directamente, o Regime. O eclectismo estético de jovens voluntariosos com forte empenho social fazia antever o desenrolar dos acontecimentos. No entanto, não se tratava de um grupo formalmente fechado. Nesse mesmo ano, as Iniciativas Culturais Arte Técnica (ICAT), espaço e debate da cultura e da arquitectura, lideradas por Francisco Keil do Amaral, adquiriram a revista *Arquitectura* e tornaram-na um instrumento de divulgação do que se construía em Portugal. Serviu como plataforma de debate e troca de experiências projectuais entre pares, expondo os problemas na construção civil, como por exemplo, a exploração dos operários, vindos das áreas rurais e pouco habituados a grandes obras e a falta de mão-de-obra especializada. A especulação imobiliária atacava as áreas da expansão habitacional, forçando à subida do custo com a habitação. (TOSTÕES, 1997, p. 22-24).

O Congresso Nacional de Arquitectos de 1948 permitiu que a classe debatesse, internamente, uma série de problemas. Viana de Lima alertava para a responsabilidade do arquitecto na sociedade. Um ano antes, Fernando Távora já tentara abordar a questão da 'Casa Portuguesa' – identidade original de uma casa feita em Portugal enquanto marca cultural (FRANÇA, 1967, p. 30-34) - e antes deste, Francisco Keil do Amaral, com referências aos casos ingleses e holandeses, punha a nu, no seu ensaio "O problema da habitação", o défice de condições habitacionais da generalidade da população. A busca fazia-se no sentido do ambiente verde, da salubridade, da luz solar e da máquina em série. A organização da cidade queria-se como na *Carta de Atenas* e nos *Cinco Pontos para uma Nova Arquitectura*, com a separação das vias automóveis das pedonais. (TOSTÕES, 1997, p. 26).

Havia as figuras tutelares saídas do Congresso - Keil, Januário Godinho e Viana de Lima –, os jovens - como Álvaro Siza, Nuno Portas, Vieira de Almeida ou Raúl Hestnes Ferreira – e os arquitectos da transição entre uns e outros - Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira e Francisco Conceição Silva. Através destes últimos, que imprimiram o seu cunho pela evolução de conceitos entre a vanguarda e o caso português, a arquitectura portuguesa tomou balanço para o sucesso anunciado. Em Távora, tínhamos o peso da cultura, do pormenor e do racionalismo moderno; em Teotónio Pereira, a importância do espaço construído pelo seu interior, tendo sido o primeiro a falar sobre o contexto, sendo o seu *atelier* da Rua da Alegria o ponto máximo de debate e de trabalho de equipa com a intenção de mudar a imagem do

A ARQUITECTURA RELIGIOSA E A ARTE MODERNA

Apontamentos da Arte Cristã

A verdade é, portanto, que a arte cristã moderna em Portugal tem sido influenciada por duas correntes principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.



Uma igreja em Lisboa, de João de Almeida, Museu de Arte Moderna de Lisboa.

DO SENTIDO DE UMA ARQUITECTURA

de JOÃO MEDEIROS DE ALMEIDA

A arquitectura religiosa moderna em Portugal tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.

A arte cristã moderna em Portugal tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.

A arte cristã moderna em Portugal tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.

A arte cristã moderna em Portugal tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.

A verdade é, portanto, que a arte cristã moderna em Portugal tem sido influenciada por duas correntes principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.

A arquitectura religiosa moderna em Portugal tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte cristã tradicional tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna. A arte moderna tem sido influenciada por dois factores principais: a arte cristã tradicional e a arte moderna.



Uma igreja em Lisboa, de João de Almeida, Museu de Arte Moderna de Lisboa.

NIVEN BUSH  
**DUELO AO SOL**  
Publicações Europa-América

equipamento religioso e da habitação social; em Conceição Silva era reconhecível a visível marca de autor e o rigor no desenho (TOSTÕES, 1997, p. 175-184).

Este não foi um momento de final de ciclo, mas, precisamente, o contrário: aqui se começaram novos e prestigiantes desafios para a arquitectura portuguesa. O pós-Congresso tirou os arquitectos mais vanguardistas da gaveta a que o Estado Novo os tinha relegado. Corbusier, Gropius e Mies passaram a ser, sobejamente, conhecidos e os seus conceitos aplicados nos projectos, mas também Zevi, Frank Lloyd Wright e Aalto. Keil do Amaral, eleito Presidente do Sindicato (TOSTÕES, 1997, p. 26-28), foi aquele que mais motivou a classe para a organização de um inquérito à habitação em Portugal e, por conseguinte, aquele que impulsionou o programa do inquérito saído do Congresso, uma das maiores conquistas do Sindicato. Keil trouxe aos debates a importância do trabalho de levantamento, explanando-a nos seus livros e artigos. (TOSTÕES, 1997)

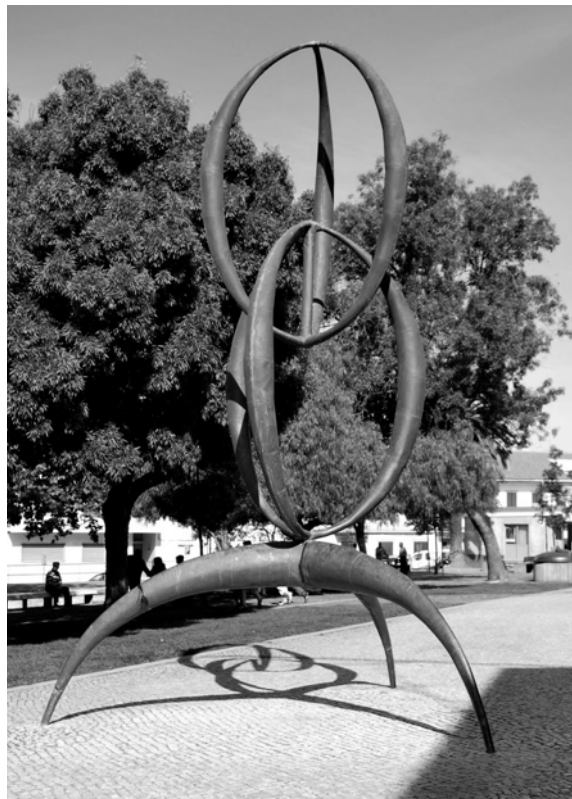
No Porto, a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM), aproximava-se dos ideais do Movimento Moderno. A Exposição no Ateneu Comercial Portuense, em 1951, pretendia recuperar mais de cem anos de atraso e colocar Portugal na rota da actualidade. Távora participava nos últimos CIAM, sendo já natural para os arquitectos do Porto seguirem os Congressos Internacionais. (CAMPOS, 2011, p. 27)

Na consequência do Congresso de 48, o Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR), com figura central em João Medeiros de Almeida, procurava com formação técnica, cultural e espiritual fazer uma arquitectura religiosa contemporânea. Seriam, também, uma voz crítica às igrejas recentes do panorama português – no Porto, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição; em Lisboa, as Igrejas de São João de Deus, Santo Condestável e São João de Brito (TOSTÕES, 1997, p. 32). Institucionalizado em 1954 e aceite pelo Patriarcado, o Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) teve como principal figura Nuno Teotónio Pereira, cuja reflexão e divulgação da arquitectura moderna tendia para a resistência ao funcionalismo puro e duro. Pioneiramente, publicou os textos de Le Corbusier (*Cité Radieuse* e *Charte d'Athènes*) traduzido em português por ele próprio e à margem de qualquer grupo. Ana Tostões (1997, p. 32) caracterizou Teotónio Pereira “tão silencioso quanto actuante”.

Os arquitectos que assumiam, agora, a responsabilidade da mudança de paradigmas tinham viajado pelos venerados roteiros de obras do Movimento Moderno, entre as quais as habitações sociais. O tema ‘Máquina de Habitar’ teve como expoente máximo o Bloco de Marselha, de Le Corbusier, e era, portanto, um dos



6 | Cinema S. Jorge, em Lisboa, inaugurado em 1950 , de Fernando Silva.



7 | Monumento ao Prisioneiro Político, 1953, de Jorge Vieira.



pontos de passagem obrigatórios. Nesta linha modernista, alguns projectos públicos destacaram-se mais, como o Bairro das Estacas, Lisboa, de Formosinho Sanchez e Ruy d'Althoughia, 1949 (Prémio da Bienal de S. Paulo de 1954, a proposta compunha-se em blocos de duplexes perpendiculares ao eixo viário), Cinema S. Jorge, Lisboa, de Fernando Silva, 1950 (prémio Municipal de Arquitectura em 1950), pousadas para a Hidroeléctrica do Cávado, de Januário Godinho (projecto de 1949-1959), Monumento ao Prisioneiro Político, 1953, de Jorge Vieira.

Numa perspectiva de carácter mais periférico, as pequenas obras tinham uma abordagem marcadamente modernista. Foram pontos isolados e não puderam ser alargados a toda a construção portuguesa pela falta de clientes e pelos poucos recursos em geral.

Nesta altura, o jornal *LER* publicou entrevistas a vários arquitectos notáveis. A ideia que transparecia era que a classe precisava de um novo fulgor e isso mostrava-se transversal a todos eles. Logo, não havia, uma produção arquitectónica em continuidade (TOSTÕES, 1997, p. 46). Há que frisar as qualidades de adaptação e recriação dos modelos internacionais, apesar de numa situação extemporânea e exterior ao contexto europeu, terem resgatado o poder da ideia de cidade e de protecção social do cidadão comum, a memória e a procura da identidade como via de superação do Movimento Moderno. A habitação colectiva passou a ser vista como peça repetível, em função dos novos bairros, mais contemporâneos e mais intencionais.

É, normalmente, nas questões habitacionais do País que se denota o seu grau de desenvolvimento e a resposta que a própria sociedade consegue dar no decorrer de reformas estruturais ou crises económicas profundas. O cliente-tipo dos arquitectos portuenses pedia um programa de habitação unifamiliar e/ou de férias, com especificidades e, de preferência, pedia jovens arrojados que conhecessem as obras modernas (TOSTÕES, 1997, p. 52). Aqui, os projectos individuais ou de autor eram a resposta à encomenda privada. Em Lisboa, pelo contrário, o Município encetava um Bairro, Alvalade, planeado de raiz, de habitação social, apoiada por equipamentos públicos. Isto contrariava a primeira ideologia do Estado Novo, que era, exactamente, o oposto: casas unifamiliares com logradouro, na clara intenção de manter a ruralidade dentro da cidade, do tipo cidade-jardim inglesa ou a *Heimatstil* nazi.

Nuno Teotónio Pereira, como conhecedor do neo-realismo italiano, projectava habitação social numa escala adaptada às preexistências. Nesta linha, os trabalhos para as Caixas de Previdência tinham sido modelos para habitação operária e social e

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



8 | *Atelier* de Nuno Teotónio Pereira.

aquando o projecto para a construção em torre com quatro habitações por piso de Olivais Norte com Nuno Portas a fazer parte do *atelier* - curiosamente, a prova final de curso de Portas recaía neste campo de estudo, tendo como título *Habitação Social-Proposta para a Metodologia da sua Arquitectura*. Teotónio assume dentro do seu *atelier* a dimensão cívica aliada à escala urbana. Dos anos 50, trazia na bagagem um forte sentido crítico, trabalho de equipa, investigação aberta e fomentada pelo discurso e pelos debates. A trilogia das igrejas do Sagrado Coração, a de Almada e o Convento de Sassoeiros foram a marca pessoal da *Sacristia – atelier* de Nuno Teotónio Pereira - perante o novo momento da Igreja Católica.

Também as novas igrejas feitas em França por Le Corbusier (Ronchamp e La Tourette) inspiraram o MRAR a “repensar a espiritualidade no quadro da polémica da arte sacra” (TOSTÕES, 1997, p. 99). O movimento tinha muita força e actividade no panorama português. Faziam reuniões periódicas para a discussão de projectos recentes no âmbito dos temas religiosos. “Mas é certamente, pela sua situação no coração de Lisboa e sobretudo pela inovadora espacialidade proposta, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus a congregar a dimensão de modelo” (Tostões, 1997, p. 204). Num momento em que a Igreja portuguesa se colocava quase indiferente perante a Ditadura ou a favor desta, do Concílio Vaticano II saiu uma proposta diferente. Além de haver um forte despertar de consciências, emergiu o conceito de uma maior união entre as diversas comunidades cristãs e uma aproximação destas a outras comunidades não cristãs e aos cidadãos não crentes. A abertura à sociedade contemporânea previa dificuldades naturais, contudo o processo passaria também por uma nova metodologia nesta abordagem. Daí, a espacialidade de uma nova igreja: “uma igreja encostada como as pombalinas com um pátio central, às escadinhas, a ligar as duas ruas e a distribuir coisas tão diferentes como igreja, restaurante, teatro, escritórios, quiosque, residências... Enfim, uma miniatura de cidade.” (PORTAS, 2005, p.234).

“Tudo isto faz de Nuno Teotónio Pereira uma referência incontornável do nosso tempo, na sua dupla vertente enquanto «ser social» e «ser profissional».” (RIBEIRO, 2004, p. 113)

Numa altura em que a Ditadura Salazarista deixou de exercer tanto poder na expressão de um determinado estilo de construção, e após o Congresso Nacional, os dois maiores pólos de ensino e debate da profissão, Lisboa e Porto, juntaram-se no Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. De 1955 a 1960, o Inquérito, com o aval do ministro das Obras Públicas da altura, Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira,



9 | *Arquitectura Popular em Portugal* publicada em 1961.

percorreu o País de lés a lés. Logo, o território ficou dividido em seis zonas e as várias equipas por elas distribuídas. O levantamento foi apresentado a António de Oliveira Salazar em formato de maquete do livro e a Imprensa deu notoriedade ao projecto. No entanto, a conclusão a que se chegou foi, precisamente, que não havia uma 'Casa Portuguesa', mas sim um vasto conjunto de tradições tão diferentes quanto o número de regiões em que se divide o País e que a arquitectura popular portuguesa tem uma certa continuidade, de cariz intemporal, que não se influencia facilmente nos modelos das várias épocas ou das modas internacionais. As visões antropológicas foram destacadas, visto que a intenção era voltar a adquirir "a ideia de harmonia entre território, arquitectura e a vida dos habitantes, promovendo a relação entre propostas de transformação e a paisagem existente" (TOSTÕES, 1997).

Embora o Regime quisesse uma arquitectura populista e historicista, a classe respondeu com novos programas de habitação, indústria e equipamentos públicos, pois o papel do arquitecto passou a ser, exactamente, o de planear cidades, solucionando os problemas sociais do cidadão comum. A década de 50, em particular, mostrou uma evolução desenfreada de fenómenos sociais. Assim, havia que dar resposta metodológica e crítica aos modelos internacionais herdados do Movimento Moderno.

A publicação do resultado final do Inquérito, em 1961, veio desmistificar a existência da 'Casa Portuguesa'. Lembrou um compromisso entre arquitectura e paisagem, moderno e regional e, acima de tudo, entre a cultura académica e a realidade. O Inquérito forneceu informações muito importantes acerca da realidade fora dos principais centros urbanos. Por outro lado, as tentativas de habitação social que estavam a ser construídas, produziram, a par do Inquérito, a consciencialização de uma necessidade de participação activa das populações no processo de habitação e da importância primordial da sociologia urbana. Neste seguimento, o 1º Colóquio sobre Urbanismo mostrava os problemas nos centros industriais e também a importância do planeamento na prevenção como solução.

A reforma do Ensino, tão evocada para um salto qualitativo na formação dos jovens aprendizes, inseria disciplinas das Ciências Sociais no quadro do curso de Arquitectura. Geografia Humana, Sociologia e Economia passariam a ser áreas incontornáveis da aprendizagem. No Porto, paralela e similarmente, recebiam-se provas de CODA teóricas de reflexões críticas e consciência político-sociais, entre as quais se conta a de Nuno Portas, rejeitada em Lisboa. As pertinências das publicações portuenses eram, em parte, polémicas mas, francamente, humanizadas.



10 | *Atelier* de Carlos Ramos.

Além disso, tratavam problemáticas actuais para a classe. Há que referir a exposição dedicada à arquitectura finlandesa, destacando Alvar Aalto, figura referencial na obra de Álvaro Siza Vieira (TOSTÕES, 1997, p. 171).

Carlos Ramos foi uma das figuras mais importantes na revolução do ensino da arquitectura em Portugal. Influenciado, primeiro, pela *art déco* e, depois, pelo Movimento Moderno, produziu, entre 1930 e 1950, obras eclécticas. A sua comunicação e valor enquanto professor ditaram a transformação do seu *atelier* numa escola prática, visto que não havia mudança de paradigmas dentro do Ensino (Cristino da Silva ficara com o lugar de professor na Escola de Belas Artes de Lisboa). Gerou-se, então, uma simetria entre as opções académicas e as de *atelier* (TOSTÕES, 1997, p. 28). A palavra de ordem é partilha: da ética, da profissão e da palavra. Anos mais tarde, com a saída de Marques da Silva, Carlos Ramos ascenderia ao cargo de professor da 4ª cadeira de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto, onde daria um valor importantíssimo ao desenho como instrumento intensivo do projecto. A herança que nos deixou foi precisamente o poder da memória colectiva e a função social, catalisadora de experiências pela sua voraz pertinência.

No campo político, Portugal preparava-se para entrar na década de 60. Humberto Delgado candidatava-se à Presidência de Portugal, sendo derrotado por Américo Tomás. Depois de vários incidentes – ocupação do paquete “Santa Maria”, avião da Transportadora Aérea Portuguesa (TAP) desviado, golpe militar falhado de Beja, atentados à bomba das Brigada Revolucionárias (BR) -, com visibilidade na Europa e na América que insistiam para a mudança de regime, a censura abrandou, os delitos políticos deixaram de ser tão reprimidos e a Ala Liberal almejava mudar o regime por dentro.

A partir de 1956, a geração de 30, José Daniel Santa-Rita, Carlos S. Duarte, Frederico Sant’Ana, Raúl Hestnes Ferreira, e no ano seguinte, Nuno Portas, começaram uma nova viragem na reflexão teórica da revista *Arquitectura*. Tinham a intenção da:

- divulgação crítica das experiências italianas, escandinavas, inglesas e catalãs;
- reflexão da cultura moderna, vista como uma continuidade cultural;
- visão histórica, ao mesmo tempo, sobre a Arte e o Património com a questão da contextualização da arquitectura portuguesa em plano de fundo (TOSTÕES, 1997, p. 155-158).



11 | *Arquitectura*, nº59, 1957.



“Continuação de acção na defesa e valorização da actividade dos arquitectos e dos artistas plásticos, (...) apoiando todas as experiências de aprofundamento da realidade portuguesa, todo o esforço tendente a ligar a criação artística à vida autêntica do nosso povo e da nossa época.”

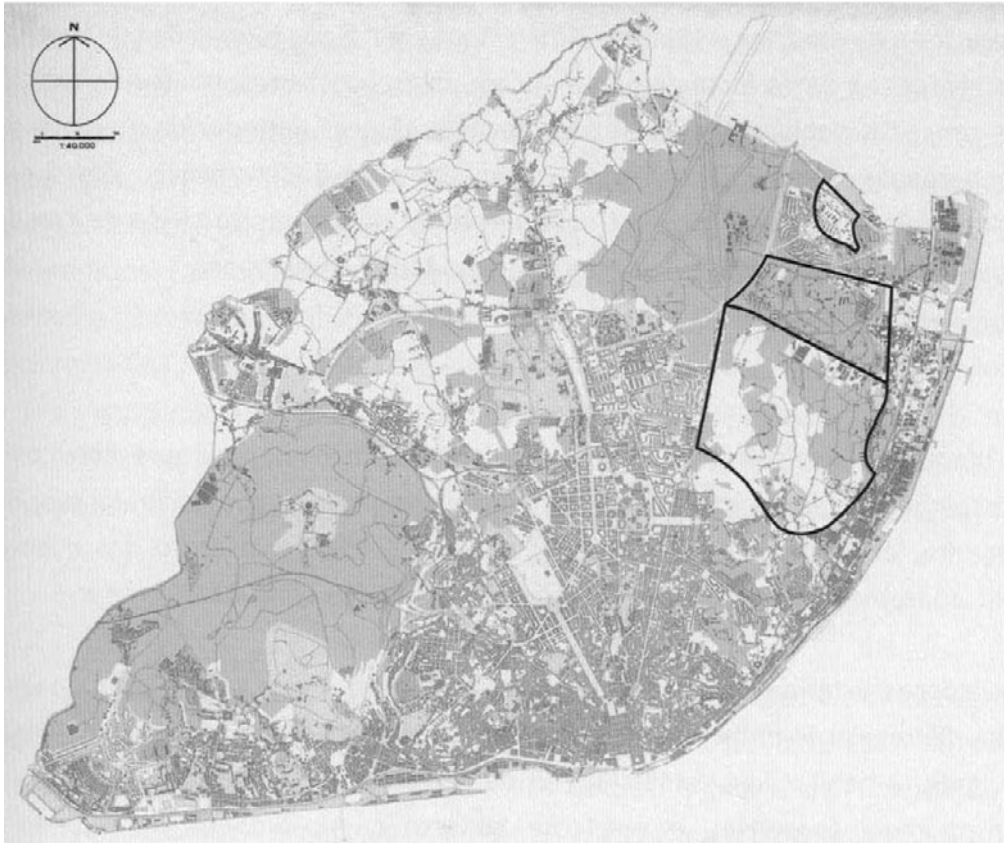
(Editorial, *Arquitectura*, Lisboa, 3ª série, nº 60, Outubro 1957, p. 3)

A nova geração liderada por Nuno Portas, mais próxima da arquitectura italiana, queria participar na solução do debate da arquitectura portuguesa. Havia problemas técnicos e de relação com o lugar, com as pessoas desses lugares. Publicaram o jovem Álvaro Siza, uma monografia de Fernando Távora, as teses de Vieira de Almeida, mas também as reflexões de Coderch ou Candilis, os projectos de Scarpa, entre outros.

Na Casa para Vila Viçosa de 1958, a par da Casa Metelo e da Casa Dr. Barata dos Santos, o sítio, o ambiente e a cultura dos utilizadores é igual a um claro e único gesto, bem diferente dos efeitos especiais do Estilo Internacional. O projecto só poderia ser para aquele sítio e para aquelas pessoas, não fazendo sentido em mais nenhum outro lugar.

Logo, “é encarado o processo de humanização em curso com um realismo sem precedentes e assim transformando em tese experimental” (TOSTÕES, 2004, p.308). “Como se se tratasse de uma implicação com a realidade em que a vontade de experimentar justifica a busca permanente de uma arquitectura humanizada, feita sem retórica artificiosa. Porque a complexidade resulta apenas da vocação investigadora enquanto tese em aberto.” (TOSTÕES, 2004, p.21)

O início da guerra colonial em 1961 iria precipitar o país para profundas mudanças políticas e sociais. A emigração em massa das classes mais desprotegidas para o centro da Europa ou para a América não afectou a classe profissional dos arquitectos. Hestnes Ferreira e Manuel Vicente foram trilhar caminho profissional na América junto de Kahn. Após o afastamento de Salazar do Governo por razões de saúde, o liberalismo económico marcelista prometia aos que ficaram uma certa abertura ideológica e um desafio nas economias familiares. Nuno Teotónio Pereira aproveitou este baixar de guarda para se empenhar politicamente na questão da Habitação e a aproximação aos conceitos explicitados na INA-CASA. Olivais Sul com uma proposta de 50 000 habitantes de Rafael Botelho e Carlos Duarte e, mais tarde, o Bairro de Chelas com plano de Silva Duarte e o Bairro da Pasteleira de Bartolomeu Costa Cabral foram importantes marcos como pontos de introdução de uma nova



12 | Plano de Lisboa com as áreas habitacionais de Chelas, Olivais Sul e Olivais Norte assinaladas.

viragem. Contudo, a problemática do crescimento urbanístico das periferias de Lisboa e Porto, bem como a litoralização, previam desequilíbrios futuros à escala territorial mais abrangente. De certo modo, as expansões urbanas mostravam demasiada aleatoriedade, comprometendo as vivências daquelas populações. O empenho na progressão da disciplina do urbanismo fazia cada vez mais sentido e era apoiado por mais arquitectos. Rafael Botelho, já experimentado em planos, elaborou, dentro de um trabalho interdisciplinar com outros colegas, planos de Parques e Reservas Naturais, como por exemplo, o da Península de Setúbal ou o da Arrábida, e Planos Directores Participados, como o caso do Plano de Urbanização do Funchal.

As pessoas começariam a relacionar-se com imagens reconhecíveis fortes e não com a planta livre, *open-space* ou conceitos abstractos. A utilização de objectos repetitivos, coloridos ou de fenómenos que são entendidos pelo popular, com elementos comunicantes, (FERREIRA, 2009, p. 257) estava na ordem do dia. Por exemplo, o chamado “Franjinhas” do *atelier* Nuno Teotónio Pereira: a sua pele exterior - dupla fachada em recorte com palas de betão - quebrava os convencionalismos e indicava uma certa rebeldia perante o Regime. A própria entrada dava uma continuação da rua para dentro do edifício de escritórios, muito socializante perante o peão. (FERREIRA, 2009, p. 406-407).

É neste cenário que a crítica de arquitectura ganhou um centro polarizador na revista *Arquitectura* e na figura de Nuno Portas. Com os seus textos e entrevistas publicados em várias revistas nacionais e internacionais, mostrou projectos de arquitectos emergentes. Foi com o artigo “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”, publicado na revista *Arquitectura*, que a internacionalização da arquitectura nacional começou a ser preparada. Juntamente com o artigo, a crítica de projectos de arquitectos emergentes como Álvaro Siza, Manuel Tainha, Vítor Figueiredo e Nuno Teotónio Pereira. O alerta perante a necessidade de dissipar a indecisão nas questões cruciais deste momento na cena nacional e internacional estava lançado: “a responsabilidade deste momento é, com efeito, duplamente grave: no conjunto dos problemas do movimento moderno no Mundo, ou, pelo menos, na Europa e na situação particular que se mostra entre nós” (PORTAS, 1959 p.13).

Nuno Portas escreverá durante a década de 60 vários livros a apoiar a cidade democrática e a arquitectura de série, tomando uma posição de resistência face às arquitecturas de autoria e às resiliências do Movimento Moderno. Este foi o caso de *Arquitectura para Hoje* que os anos 70 irão explorar: o retorno crítico às cidades

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



13 | Nuno Portas.



14 | As Avenidas Novas.

portuguesas, o modo como a arquitectura a constrói, a tomada de decisões para as pessoas que a habitam (hoje), o espaço público como uma forma urbana, paisagem e arquitectura.

Em conclusão, a ânsia de fazer tudo o que não tinha sido feito até então fez dos anos 50 uma década de debates sobre a revisão do Movimento Moderno. A primeira fase de euforia moderna deu lugar a uma segunda de reflexão sobre o caso português. O sentimento de revolta social na década seguinte estava patente na classe profissional, ambicionava-se, portanto, por mudanças na percepção da realidade que conduzissem a uma sociedade mais justa e mais igualitária. As exigências de uma nova urbanidade incluíam soluções para a lógica crítica deste novo *habitat*. Com o Inquérito e a mudança de direcção na revista *Arquitectura*, encaminhariam, como se irá perceber nos próximos capítulos, à publicação dos projectos dos arquitectos portugueses e a sua posterior internacionalização. Estavam abertas as portas para uma nova etapa da vida arquitectónica portuguesa: a projecção do talento invulgar de Siza e da sua geração.

“Actos fundadores de um estado das coisas (e de um modo...) que assim se fez manifestar, actos de ruptura com um estado das coisas; era hora de mudar. O corte – por uma vez um verdadeiro corte epistemológico – incide na linguagem, sim, mas também no programa e sobretudo na relação do construído com a cidade.” (LOPES, 2004, p.82)

Poeticamente, as várias transformações deste tempo e deste espaço tornaram Lisboa numa cidade moderna, a capital cosmopolita que o País precisava de novo. A partir daqui, só faria sentido aproveitar as premissas alcançadas e fazer cidade a construir sociedade, a despertar consciências, a fazer política.





POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



**PARTE A**  
**A 1. NUNO PORTAS E AS POLÍTICAS DE AUTOR**

**“A arquitectura é utilizada pelo Poder. Faz-se ou não, dependendo de quem a compra. No fundo, não é autónoma.”**

**(Álvaro Siza Vieira)**

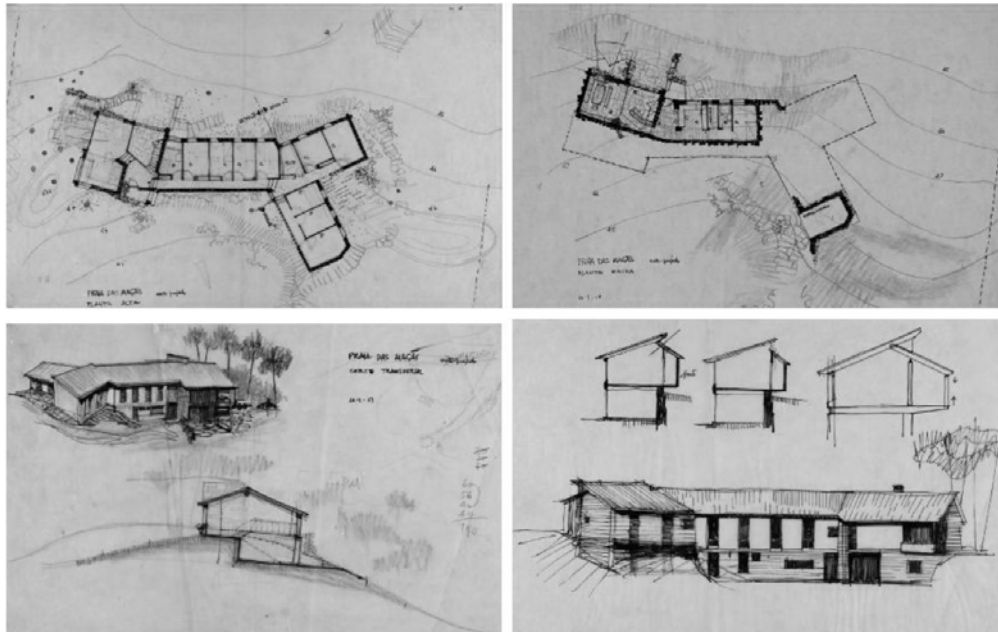
**A 1.1. A *Sacristia*, a revista *Arquitectura* e o LNEC**

Os dezassete anos de trabalho no *atelier* de Nuno Teotónio Pereira foram cruciais para a formação de Nuno Portas. A teoria e a prática interligavam-se num trabalho de contextualização, considerando a tradição e a história. Os ideais do mestre eram a interdisciplinaridade e a cidadania. As relações da cidade para com o seu cidadão e vice-versa eram preocupações constantes nos vários projectos.

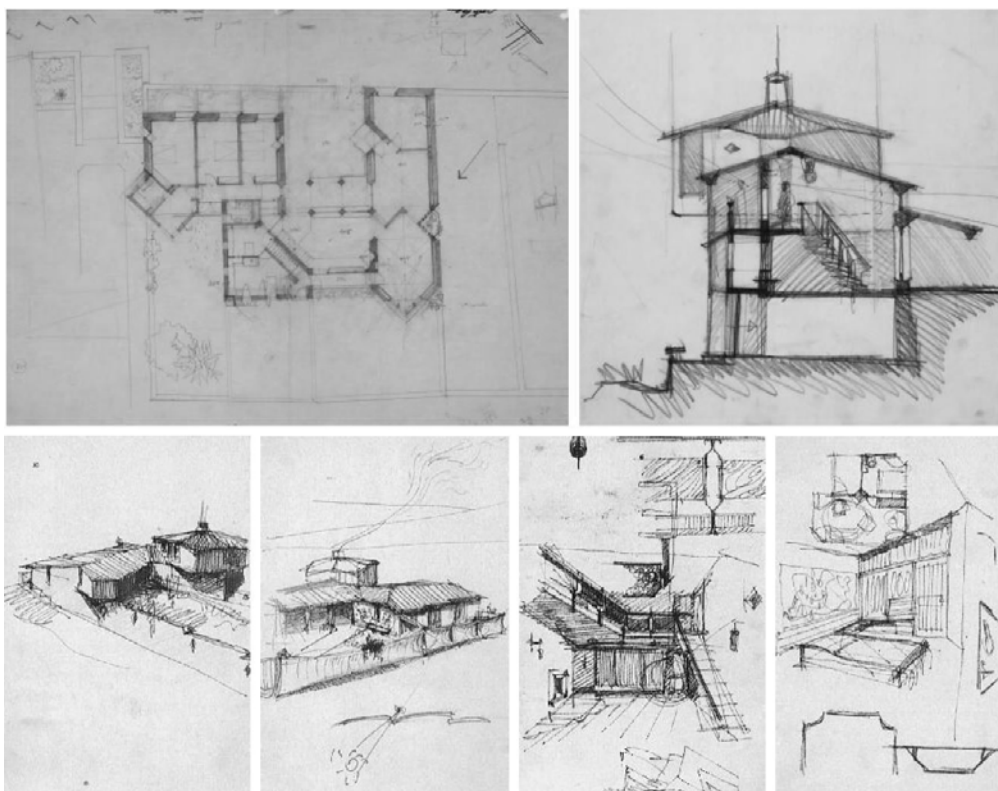
“Mas o que, em contrapartida, nos seduzia e mantinha era a atenção colectiva à volta de cada oportunidade de projecto, procurando encontrar formas de conciliação de pontos de vista diferentes que inevitavelmente convergiam em formas saturadas de intenções, e, talvez, demasiado complexas.” (PORTAS, 2004, p. 51)

No entanto, a entrada de Nuno Portas no *atelier*, tanto pela sua jovem idade como pela capacidade de teorização, também fez com que o trabalho se desenvolvesse numa linha mais crítica, permitindo que o espaço de trabalho

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



15 | Esboços da Casa Metelo, Praia das Mações, 1958- 1959, de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.



16 | Esboços da Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa, 1959-1963, de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.

crescesse através desta transformação. O processo tinha a capacidade de juntar o *atelier* à volta da discussão do projecto e os métodos de intervenção social eram, então, privilegiados. Foi uma escola de arquitectura para os jovens arquitectos que ali chegavam. (CAMPOS, 2011, p. 55).

Com as Casas de Renda Económica, em Vila do Conde, (1957-1964), Nuno Portas trabalhou no seu primeiro projecto de vertente social. A Federação das Caixas de Previdência era um importante cliente do *atelier* de Nuno Teotónio Pereira e estas experiências de serviço público permitiram dinamizar a filosofia de cidadania vivida na *Sacristia* para o campo projectual.

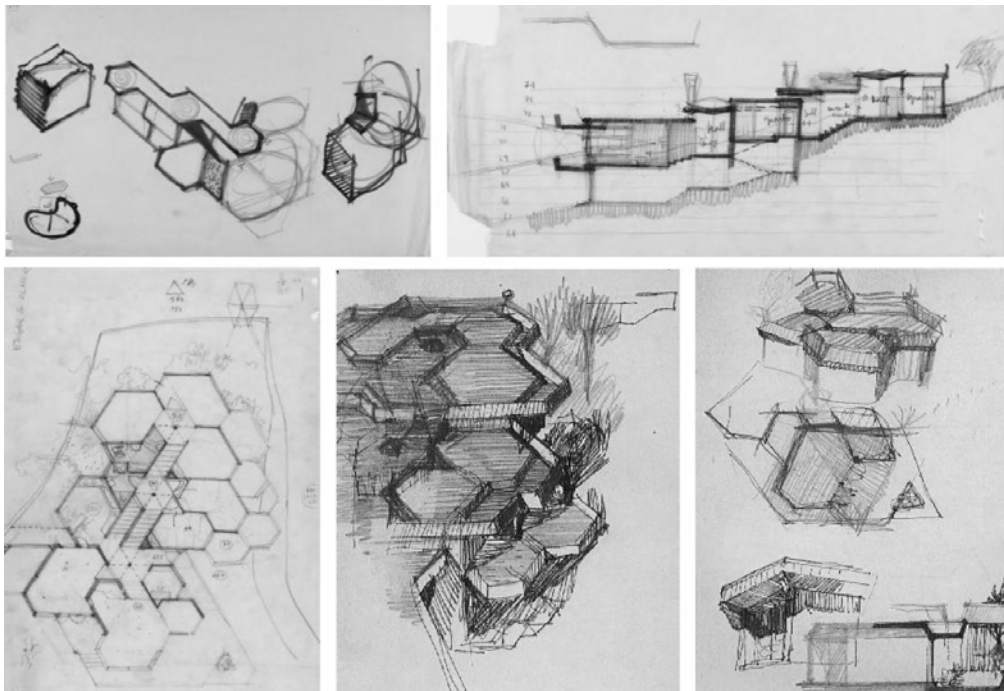
“Então qual é a cidade da Rua da Alegria?

É a cidade do dia-a-dia, do arquitecto enquanto homem comum, do espaço real e concreto, e, ao mesmo tempo, de um futuro ideal que se acredita poder alcançar. É o contributo do indivíduo para o bem comum, o extrapolar da prática e da teoria, o concretizar do só depois aparentemente óbvio. Saber que para além daquela casa, daquela rua, daquele bairro, daquela cidade, daquele território há uma outra possibilidade, cujo ponto de partida é o quotidiano.” (AFONSO, 2004, p. 98)

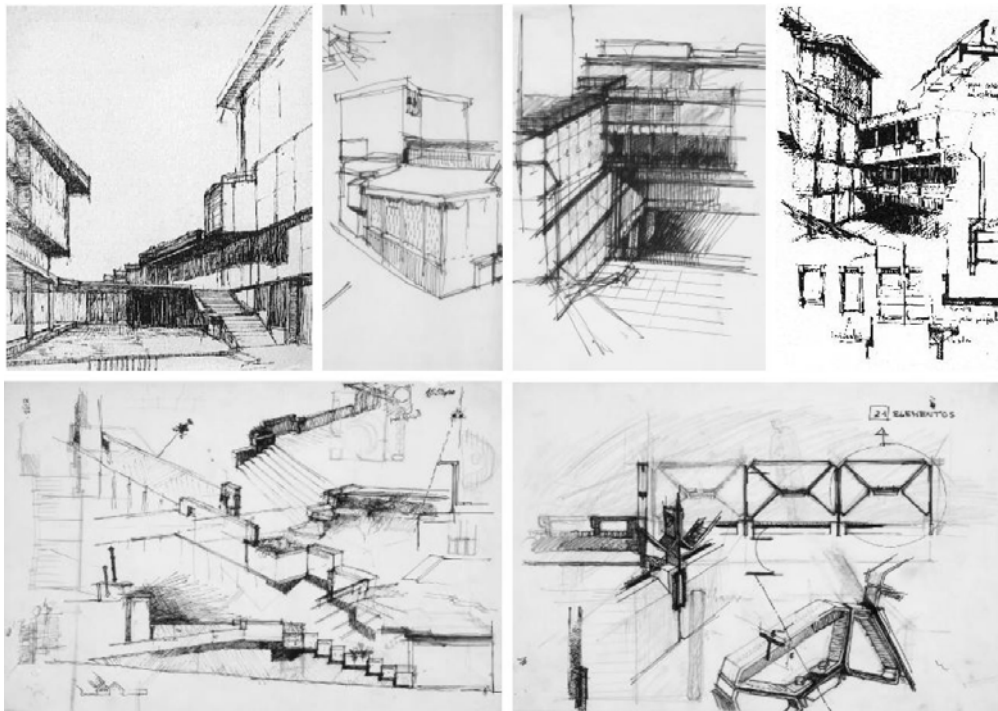
A *Sacristia* – alcunha dada ao *atelier* de Nuno Teotónio Pereira, pois tratava-se de um grupo de Católicos Progressistas - transpirava “um clima de entusiasmo criativo centrado na resposta à crise da linguagem modernista, que abria uma grande disponibilidade para experimentar novos significantes e, com eles, novas significações” (PORTAS, 2004, p. 53). Os Católicos Progressistas projectavam muitas encomendas privadas, contudo não descuravam a vertente social e humanizada que pretendiam para a arquitectura. Almejavam uma “Arquitectura *falada* para poder chegar a arquitecturas *falantes*? Cada projecto era assim uma hipótese que a experiência devia confirmar ou invalidar.” (PORTAS, 2004, p. 57)

As viagens que Nuno Portas fez abriram novas oportunidades de aprendizagem, além do contacto que já tinha com revistas internacionais, e permitiram o contacto com outras realidades arquitectónicas. “Estava também na forja nos países mediterrâneos e nórdicos que nesses anos visitámos e discutíamos. Percorremos os bairros sociais e as igrejas (as encomendas mais frequentes do *atelier*) em Espanha, Itália, Escandinávia; conhecemos Oiza, Coderch, Bohigas, Moneo, Scarpa, Gregotti e Rossi; Martin, Aalto, sem esquecer Asplund; e por cá, interessava-nos a obra de Keil, Godinho, Távora, Tainha e entusiasmava-nos o que faziam o Siza, o Vítor Figueiredo e outros parentes próximos.” (PORTAS, 2004, p. 52)

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



17 | Esboços da Casa Dr. Brás de Oliveira, Sesimbra, 1959-1964, de Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida e Nuno Teotónio Pereira.



18 | Esboços da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, 1962-1976, de Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida e Nuno Teotónio Pereira.

As habitações unifamiliares, em que Nuno Portas participou, propunham a integração no ambiente espacial de uma forma vernácula com intensidade e intencionalidade nas propostas. A fragmentação volumétrica na Casa Metelo (1958-1959), na Casa Dr. Barata dos Santos (1959-1963) e na Casa Brás de Oliveira (1959-1964) sugere uma linha contínua na tomada de decisões projectuais. As três encaixam no local como se sempre ali tivessem estado. Na verdade, os contextos são diferentes: a primeira, assente em dunas e pinhal; a segunda, na terra natal de Nuno Portas, a historicidade de uma importante vila fronteiriça; a última, com um forte declive.

Posteriormente, para o Jornal de Letras e Artes 84 de 8 de Maio de 1963, foram enunciados, no artigo ‘Arquitectura Integrada?’ os propósitos para este caminho projectual. (CAMPOS, 2011, p. 161)

“Entre a arquitectura de estar e percorrer por dentro e por fora e a de olhar de fora; entre a de conformar espaço exterior e a de se plantar nele; entre a de falar com os testemunhos do passado e a de se lhes opor ou sobrepor... parece ter-se reaberto um corte cultural que de novo opõe realismo e formalismo, sítio e gesto, ética e estética, como tínhamos intuído quando nos juntámos ao NTP no final dos anos 50.” (PORTAS, 2004, p. 57)

O Mosteiro de Santa Maria do Mar, em Sassoeiros, (1958-1968), bem como as Igrejas do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, (1962-1976) e Paroquial de Almada (1963-1971) foram marcos importantes na história do *atelier*. A nova liturgia pedia uma nova arquitectura e, também, um espaço urbano exterior que aproximasse a cidade do culto. A imagem unitária do espaço interior foi uma preocupação maior, que por vezes se tornou complexo no primeiro caso. As galerias, os pátios exteriores e os átrios foram pensados na medida do utilizador, aproximando-o do altar e da participação activa nos rituais. O espaço passou, por isso, a estimular comportamentos. Os volumes e os percursos foram pensados na mesma medida em que a sacralidade estava a começar a humanizar-se e, de uma forma natural, a mudar dogmas, como vimos anteriormente quanto ao Concílio do Vaticano II.

Paralelamente, Nuno Portas participava na revista *Arquitectura* como crítico desde 1957 – ano das viagens com o seu mestre pela Itália- e, seguidamente, com lugar na direcção a partir de 1958. Além do conhecimento *in loco* que trouxe de Itália, permitiu-lhe também redigir o artigo *Carlo Scarpa - Um arquitecto Moderno em Veneza* para o número 59 da revista. “A questão centra-se em torno do facto de Scarpa seguir ideais que tanto se opõem ao Movimento Moderno como se aproxima

# POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS? NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

### CARLO SCARPA

#### UM ARQUITECTO MODERNO EM VENEZA



—Intervista a CARLO SCARPA, a 12 de Junho de 1971, pouco antes de se deslocar para a Itália. O arquitecto italiano, conhecido por obras como a casa Brno e a casa Sagredo, discute a sua abordagem à arquitectura moderna em Veneza.

...a arquitectura moderna em Veneza é uma tarefa muito difícil, porque a cidade é tão antiga e tão rica em história e arte. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

...a arquitectura moderna em Veneza é uma tarefa muito difícil, porque a cidade é tão antiga e tão rica em história e arte. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

### NUNO PORTAS

#### ARQUITECTURA RELIGIOSA MODERNA EM PORTUGAL



—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre a sua abordagem à arquitectura religiosa moderna em Portugal. Discute o papel do arquitecto e a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...a arquitectura religiosa moderna em Portugal é uma tarefa muito difícil, porque a religião é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

...a arquitectura religiosa moderna em Portugal é uma tarefa muito difícil, porque a religião é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

### Conceito de casa em pólo como célula social

#### Novo Duro



—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre o seu conceito de casa em pólo como célula social. Discute a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...a casa em pólo é uma forma de arquitectura que se integra com a sociedade. É uma forma de arquitectura que se integra com a sociedade.

...a casa em pólo é uma forma de arquitectura que se integra com a sociedade. É uma forma de arquitectura que se integra com a sociedade.

### 3 obras de Álvaro Siza Vieira

#### — Grupo de moradias em Matosinhos



—Intervista a Álvaro Siza Vieira, a 12 de Junho de 1971, sobre o seu grupo de moradias em Matosinhos. Discute a sua abordagem à arquitectura e a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...o grupo de moradias em Matosinhos é uma obra muito importante para mim. É uma obra que se integra com a sociedade.

...o grupo de moradias em Matosinhos é uma obra muito importante para mim. É uma obra que se integra com a sociedade.

### Considerações sobre o Organismo Distributivo das Habitações

—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre as suas considerações sobre o organismo distributivo das habitações. Discute a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...o organismo distributivo das habitações é uma tarefa muito difícil, porque a habitação é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

...o organismo distributivo das habitações é uma tarefa muito difícil, porque a habitação é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

### ENSINO DE ARQUITECTURA

#### UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA E.S.A. DO PORTO

—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre a sua experiência pedagógica na E.S.A. do Porto. Discute a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...o ensino de arquitectura é uma tarefa muito difícil, porque a arquitectura é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

...o ensino de arquitectura é uma tarefa muito difícil, porque a arquitectura é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

### ACTUALIDADE DE LE CORBUSIER

—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre a actualidade de Le Corbusier. Discute a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...a actualidade de Le Corbusier é uma tarefa muito difícil, porque a arquitectura é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

...a actualidade de Le Corbusier é uma tarefa muito difícil, porque a arquitectura é tão importante para o povo português. Mas acho que é possível fazer algo de novo, algo que se integre com o que já existe.

### HABITAÇÃO EM SESIMBRA

—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre a sua habitação em Sesimbra. Discute a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...a habitação em Sesimbra é uma obra muito importante para mim. É uma obra que se integra com a sociedade.

...a habitação em Sesimbra é uma obra muito importante para mim. É uma obra que se integra com a sociedade.

### NOTA SOBRE O CONJUNTO HABITACIONAL JUAN XXIII

—Intervista a NUNO PORTAS, a 12 de Junho de 1971, sobre o seu conjunto habitacional Juan XXIII. Discute a relação entre a arquitectura e a sociedade.

...o conjunto habitacional Juan XXIII é uma obra muito importante para mim. É uma obra que se integra com a sociedade.

...o conjunto habitacional Juan XXIII é uma obra muito importante para mim. É uma obra que se integra com a sociedade.

do mesmo. Concebe a sua arquitectura em simultâneo como decoração, no entanto atribui um grande valor ao ambiente pré-existente, demonstrando no seu discurso arquitectónico uma necessidade de conhecer o exterior e o interior, de maneira a aceitar-se como condicionante” (BARRADAS, 2012, p. 28). Ao conhecimento gerado em *atelier*, Nuno Portas juntava a crítica de arquitectura e as viagens. Logo, o papel de arquitecto era ampliado.

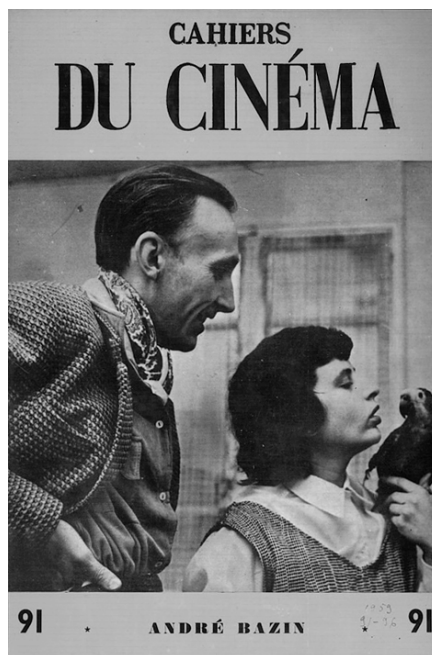
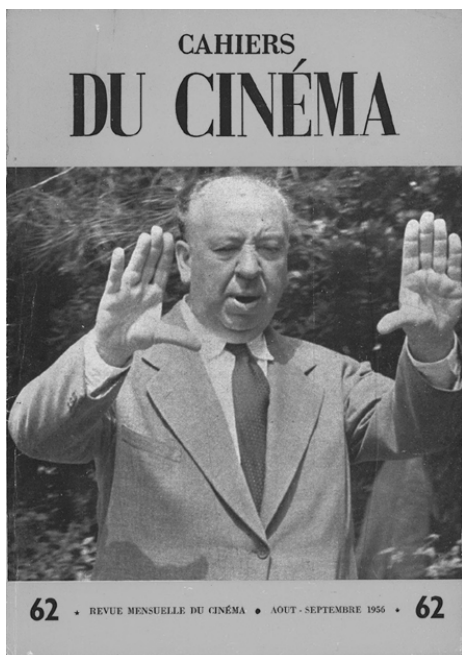
A partir daqui, a arquitectura italiana permaneceu como modelo de crítica ao Movimento Moderno em Portugal e um objecto de análise pronto a ser repescado pelas suas metodologias eficazes. Nuno Portas faz a crítica à arquitectura portuguesa da sua época, pegando em casos de estudo e apelando a uma nova geração de arquitectos. Com o número 66 da revista, publica *A Responsabilidade de uma novíssima geração no Movimento Moderno em Portugal*, artigo que chamou uma nova linhagem de profissionais a conduzir e a garantir a reforma da arquitectura portuguesa. A acompanhar o artigo, vinham algumas obras desse jovem grupo do qual faziam parte Álvaro Siza, Vítor Figueiredo, Manuel Tainha.

Identificado o problema, Nuno Portas apresentou, ao longo dos anos seguintes de colaboração com a revista, vários projectos de arquitectos portugueses. A crítica, feita com rigor e oferecendo hipóteses, propunha também olhar para carreiras, de certa forma, consolidadas – como foi o caso dos artigos *Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de actividade profissional* ou *Casa Unifamiliar no Porto, na Rua Honorário de Lima* de Viana de Lima. (BARRADAS, 2012, p. 30-37)

Já em meados da década de 60, noutra itinerário, é convidado para criar a Divisão de Construção e Habitação, fazendo parte da equipa do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). Os modelos anglo-saxónicos de Leslie Martin trouxeram a investigação em torno da grelha e dos sistemas informáticos (KRÜGER, 2005), enquanto que os casos de estudo sul-americanos e as viagens feitas para correcção de projectos encomendados ao LNEC afinaram a percepção de outras realidades – as malhas reticuladas em confronto com apropriações informais do espaço.

O neo-realismo italiano e as Ciências Sociais francesas lembravam, contudo, a valência social própria deste tipo de divisão estatal (CARVALHO, 2012, p. 53-77). Os inúmeros inquéritos que foram feitos no vasto trabalho de campo executado no LNEC foram o começo da assimilação da metodologia-base da operação social pós-Revolução, como veremos na parte B. “A Divisão de Construção e Habitação decidiu, aproveitando os resultados dos inquéritos, compilar a informação num único relatório,

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



20 | Revistas *Cahiers du Cinéma* dedicadas a Alfred Hitchcock e a André Bazin.



21 | Da esquerda para a direita: Claude Lelouch, Jean-Luc Godard, François Truffaut, Louis Malle e Roman Polanski.



que viria a ser publicado e bastante conhecido, intitulado de *Funções e Exigências de Áreas de Habitação*. (CARVALHO, 2012, p. 115)

Nuno Portas ainda se desdobrava nos Congressos Ibéricos, onde começava a travar contactos essenciais na divulgação da nova geração que ele próprio tinha publicitado em Portugal. Criou, então, pontes com forte fluxo de informação e pertinência para os casos portugueses. Os projectos de autor estavam a tomar forma enquanto novo mercado para os nossos jovens arquitectos.

## **A 1.2. Visão Autoral:**

### **A 1.2.1. Cahiers du Cinéma**

No início da década de 50, é fundada a revista *Cahiers du Cinéma* por André Bazin, Jacques Doniol-Valcroze e Lo Duca. O primeiro foi o maior instigador de um cinema com representação do real, direccionando toda a sua geração de críticos e cineastas. “Este defendia que os filmes deviam representar o que ele chamava a realidade objectiva, à semelhança dos filmes neo-realistas italianos. Atento ao cinema americano, apoia o uso da profundidade de campo à semelhança de Orson Wells.” (CORDEIRO, 2012, p. 91)

Os *Cahiers du Cinéma* defendiam o conceito de que o filme era a realização do empenho pessoal do cineasta. Deste modo, contrapunham-se à revista *Positif*, próxima do surrealismo de Breton e com o objectivo de proteger uma arte politizada. (CORDEIRO, 2012, p. 91)

No artigo de François Truffaut, *Une certaine tendance du cinéma français*, ficavam expostas as tendências católicas existencialistas do grupo e a vontade de produzir a chamada *politiques des auteurs*. O personalismo dava o suporte místico ao culto desta política e crítica de cinema. “A *nouvelle critique* regia-se por três princípios: a valorização dos filmes da época fundamentalmente realistas; ao contrário da música e pintura abstracta, o cinema era a arte de contar uma história; e o cinema era uma forma de arte popular” (CORDEIRO, 2012, p. 91)

O estilo era determinado pelo autor e sobrepunha-se à existência da obra em carácter singular. O cinema americano fora alvo de investigação por parte deste



22 | Cartaz dos cineclubes em Portugal.

grupo, de modo a compreender as referências culturais anteriores e a realidade do espaço apresentado, estando portanto interessados no retrato fidedigno da sociedade que mostravam nos seus filmes.

Com a falta de informação, censurada pelas ditaduras ibéricas, portugueses e espanhóis seguiam o que se fazia em Paris e muitos eram os que se lá dirigiam à procura do cinema das novas vagas. Aqueles que ficavam, recorriam aos Cineclubes e aos poucos Estúdios que na altura existiam.

Na verdade, o cinema português não gerou muitos filmes na década de 50, dado que a lei de protecção do cinema de 1949 veio colocar o aparelho do Estado no comando do meio. A produção cinematográfica, ainda muito ligada às tradições populares, era condicionada à *Política do Espírito* de António Ferro. Poucos foram os filmes que se destacaram: *Saltimbancos* (1952) de Manuel Guimarães, *Chaimite* (1953) de Jorge Brum do Canto ou *Frei Luís de Sousa* de António Lopes Ribeiro. (CORDEIRO, 2012, p. 59)

Seguidor atento da revista, Nuno Portas reconhecia-se no catolicismo, na crítica de cinema e nos filmes. A colaboração entre este e o Diário de Lisboa foi marcada por várias reflexões pessoais acerca da divulgação do cinema pelas Universidades, de um Cinema Novo, o cineclubismo, a classificação dos filmes, por exemplo. “Também recorreu a alguns exemplos da época para ‘experimentar’ a crítica de cinema, de filmes de realizadores nacionais e internacionais. Expôs as suas preocupações e desejos em relação ao cinema nacional. Demonstrou a sua rebeldia, sentimento partilhado com tantos outros. Sintetizou os seus critérios de valorização dos filmes.” (CORDEIRO, 2012, p.101-103)

Numa das viagens que fez a Paris, “Foi convidado a conhecer a redacção dos *Cahiers du Cinéma* e entra em contacto directo com o “quartel” da revista, conhece os mentores da *nouvelle critique* e os protagonistas da *Nouvelle Vague* como o François Truffaut.” (CORDEIRO, 2012, p. 93). Assistiu, inclusive, a uma ou outra reunião do grupo.

De regresso a Portugal, Nuno Portas viu uma janela de oportunidade para colocar ao serviço da arquitectura todo o âmago do conceito que acabara de conhecer. Estava lançada uma nova etapa na arquitectura portuguesa: a elevação do arquitecto enquanto autor.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



23 | Capa da revista *Arquitectura* n° 66, 1959.

### A 1.2.2. *Politiques des auteurs*

As chamadas *Politiques des Auteurs* dos *Cahiers du Cinéma* franceses deram o mote para Nuno Portas explorar esse conceito na arquitectura portuguesa. “Tal como nos *Cahiers du Cinéma*, fazia-se o culto ao autor e ao seu percurso cinematográfico para entender as motivações e as características do filme em questão”. (CORDEIRO, 2012, p. 105)

O conceito tinha como base dar mais importância aos arquitectos que estavam, naquele momento, a começar a mostrar os seus primeiros projectos relevantes. Ao mesmo tempo, fingia-se relegar os mestres desta nova geração para segundo plano. “Não era a escolha dos melhores. Era a escolha de uma tendência contra outra tendência. E no cinema também era isso. Eles tinham uma certa ideia de verismo e ao mesmo tempo muito ligado a um cinema americano com características que não eram as habituais.” (PORTAS, 2013, Entrevista)

Carlos Duarte, no âmbito da revista *Arquitectura* (PORTAS, 2013, Entrevista), incumbiu Nuno Portas de ir ao Porto travar conhecimento com os artistas e de os relatar nos seus artigos. Távora mostrou-lhe vários jovens promissores – Álvaro Siza, Arnaldo Araújo, Vítor Figueiredo, Alcino Soutinho, entre outros. “Os padrinhos desta aventura foram o Teotónio, em Lisboa, e o Távora, no Porto.” (PORTAS, 2013, Entrevista)

As monografias apresentadas na revista defendiam a Política de Autores e, ao mesmo tempo, uma via crítica capaz de questionar e de problematizar decisões projectuais. Até então, os arquitectos não eram criticados no seu pensamento de uma forma tão clara e perspicaz. (BARRADAS, 2012, p. 80)

A geração de Nuno Portas procurou resolver problemas, distanciando-se das conclusões do Inquérito. A assinatura de revistas de arquitectura e urbanismo estrangeiras, assim como a compra de livros de arquitectos e sociólogos nacionais e internacionais eram constantes nos *ateliers*. A investigação partia, portanto, dos estudos avançados lá fora e que eram trazidos à discussão na revista *Arquitectura*. (BARRADAS, 2012, p. 79)

O ano de 1959 marcava, então, a opção do próprio Nuno Portas em seguir a profissão de arquitecto e deixar o cinema. Nesse ano entregava o seu CODA no Porto e redigia um artigo importante para a revista *Arquitectura* - *A responsabilidade de uma*

# POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS? NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal

Nuno Portas

Ganha importância, com a publicação deste e dos seguintes números, um conjunto de obras cuja primeira característica comum consiste em serem os seus autores arquitectos recém-chegados à actividade profissional num período em que, enquanto o conceito de «modernidade», desenvolvido pelas duas gerações anteriores, se vai tornando sociologicamente, um pouco possível, a discussão tende já a estabelecer-se num plano de maturação: o do conteúdo e significação do próprio espírito moderno.

Pensamos que uma importante contribuição para esse debate — que constitui uma das preocupações centrais da revista — seria precisamente o interrogar de uma novíssima geração, não só nas suas ideias e intuições mas sobretudo nas suas obras.

Porque há uma contribuição a esperar desta nova leva de profissionais: a de assumir as tentativas dispersas de pensamento e acção que se têm tratado nos últimos anos, conferindo-lhes uma estrutura, um certo grau de sistémica e de eficácia operativa.

A responsabilidade deste momento é, com efeito, duplamente grave: no conjunto dos problemas do movimento moderno no Mundo ou, pelo menos, na Europa e na situação particular que se mostra entre nós. Creemos que mais uma vez ainda o primeiro aspecto nos determinará substancialmente.

1. O caso — ou o mal-estar — que leva na cultura arquitectónica neste momento radica numa disparidade de critérios e contribuições que não deixa entretanto a possibilidade de um esforço de unificação que não descanse num elemento formal que, mais uma vez, não ofereça garantias duradouras. Historicamente, radica esta situação num vertiginoso intervir — ditando por uma crítica interna aos princípios e aos cânones formais do urbanismo e da arqui-

tectura de entre as duas guerras, agravada pelo facto de se tratar de uma «demolição» geograficamente multifarada, — que se apresenta ainda em face da mural sobrevivência dos homens e das ideias dessa época.

Quer-nos parecer que a validade essencial dessa crítica é hoje inquestionável em vez de a repetir como isopor. É necessária a coragem para a assumir e espargir de facticidades ou presunções. Não é pois o erro aberto um processo o que nos pode inquietar: nem sequer uma subseqüente desorientação ou heterogeneidade, a que se não evita habilitando mas sim a fim de se procura comum de uma síntese, as dificuldades em obter um diálogo construtivo entre as posições mais características, apesar de os anos terem passado por numerosas obras e o seu confronto crítico nos ser geralmente possível. Assentam-no os testemunhos dos delegados portugueses à última e decisiva reunião do grupo CIAM, quando a impossibilidade de diálogo se manifestou não já entre os representantes da antiga e das novas gerações — o que seria natural — mas sim entre os grupos mais responsáveis pela ultrapassagem das posições clássicas dos CIAM. A intranquilidade acrecida de um «caso» X (grupo holandês, belga e francês) não explica totalmente um impasse de facto, a própria cultura italiana necessita de resolver as recusas operárias sistémicas, produto natural do aparecimento de obras às vezes brilhantes, mas cujo historicismo publicitário não pode contribuir para uma síntese da nova etapa do movimento.

A cultura arquitectónica coloca-se assim perante uma encruzilhada de caminhos que se não resolve com uma gigantesca cega que cubra de legitimidade todas as experiências possíveis. A obra de um Mies assenta numa diferença: a maioria de primar o fenómeno arquitectónico da que patencia a de Wright ou a de um Aalto. No entanto, a

possibilidade de opção de um caminho por todos presentifica a possibilidade de chegarmos a uma pedagogia de base que informe a época aberta no pós-guerra, como é Böhler (informar a actuação; implica a recusa da facilidade do ecletismo, e abdução provisória de preconceitos formais, a máxima objectivação do processo da criação e dos factores que o condicionam num esforço de síntese e não de acumulação). A obra de um Aalto constituiria o mais alto exemplo dessa síntese original que caracteriza o mestre finlandês mas o mestre finlandês recusa sempre uma tradução em método ou pedagogia.

Creemos por isso mesmo que a modernidade urbanística e arquitectónica não está já num dado vocabulário, mas que é possível e necessário defini-la no plano da metodologia, i. e., no modo de controlo do acto criado com os processos de conhecimento da realidade.

A integração no ambiente preexistente, natural ou histórico, deixa de aparecer como um capricho, sentida criticamente no conjunto das solicitações de uma dada realidade.

A mesma luz, a opção do processo construtivo aprovada de todo o progresso realizado no estado das novas técnicas, como das tradicionais; uma vez decidido o mito do progresso, como o da reacção ao progresso, cada situação em formas espaciais.

Mas, sobretudo a formação do espaço responderá a uma procura minuciosa das necessidades humanas, resultando no plano da forma as ambigüidades e as contradições das existências pessoais e sociais — não de uma pessoa ou de uma classe ideológica ou fazenda, mas ao contrário — e isto é que é novo — tomado na sua existência concreta, nos seus tempos e condições — como têm vindo a ser presunções pelas ciências humanas (fenomenologia, psicologia, sociologia).

Liberação tecnológica: integração na realidade material e humana preexistente e na transformação, através dos movimentos sociais e pessoais mais difíceis objec-

tiváveis, eis o que me parece poder constituir uma plataforma comum que, em conjunto com a conquista de campos cada vez mais vastos de actuação do arquitecto (da planificação aos poemas do «design») pode indicar uma nova etapa de enriquecimento cultural e social. Porque mais importante ainda do que uma unidade formal ou conceptual é, certamente, a definição dos planos de actuação do arquitecto e do urbanista em face das necessidades objectivas de cada país ou região. Mais importante, na medida em que uma maturação artística se não produz sem uma relação eficaz e operante com a realidade que interpreta.

2. No plano nacional a responsabilidade da novíssima geração está, em primeiro análise, numa participação corajosa: a de promover um diálogo fecundo, a de procurar um método comum de interpretação da realidade complexa que a solicita, a de abdicar de vocabulários feitos quando possam ser estes factores de abstracção formal.

Os exemplos que surgem nas páginas da revista estão, evidentemente, muito longe de apontar uma síntese — mas permitem um primeiro balanço: um primeiro confronto de personalidades, um primeiro passo de aproximação entre os jovens que se formaram e iniciaram a sua acção em plena revirada do conceito de modernidade.

Não deixará de se notar que, na sua maioria, os autores a apreciar realidades ou pressupostos em Portugal e que as suas posições são indiscutíveis da renovação das quadros que se opera desde há anos na Escola daquela cidade. Mas também a sua heterogeneidade retrata, além do movimento cultural que apontamos, as dificuldades de um critério pedagógico que submeta a formação dos novos arquitectos à sedução das personalidades — heterogêneas — do movimento: sendo de própria razão. Mas um método pedagógico é resultado da estabilização de um método operativo — compete-nos por isso a sua procura urgente até lá. De facto, um carácter demasiado individualista, uma procura em si só, extremamente pessoal ou ainda teórico, não são senão a base inevitável de um balanço que a qualidade intrínseca das obras impugna.

*novíssima geração no movimento moderno em Portugal*- assumindo o protagonismo e os riscos da nova política dentro da revista:

“Ganha importância com a publicação deste e dos seguintes números, um conjunto de obras cuja primeira característica comum consiste em serem os seus autores arquitectos recém-chegados à actividade profissional num período em que, enquanto o conceito de ‘modernidade’ desbravado pelas duas gerações anteriores se vai tornando, sociologicamente, um pouco possível, a discussão tende já a estabelecer-se num plano de maturação: o do conteúdo e significação do próprio espírito moderno.” (PORTAS, 1959, p. 13)

No artigo, Nuno Portas alertava para a necessidade de resolver as questões impostas pela crise do Movimento Moderno, mas sobretudo as da arquitectura portuguesa. Enunciava a importância do “ambiente preexistente”, das respostas às “exigências pessoais e sociais” e “dos planos de actuação do arquitecto e do urbanista”. A estes novíssimos pedia-se o diálogo e metodologias que pudessem interpretar a “realidade complexa”. Nas páginas seguintes ao texto, várias obras destes novos autores eram apresentadas. Nuno Portas teceu elogios à pedagogia e à determinação dos processos de ensino leccionados na Escola do Porto, quer pela individualidade que os projectos deixavam transparecer como pela qualidade dos mesmos. (PORTAS, 1959, p. 14)

“Era um grupo, que eu não podia dizer os nomes de todos.” (PORTAS, 2013, Entrevista). A ideia-chave era a de uma geração capaz de ultrapassar os seus mestres, de ser amplamente publicada e criticada, de modo a continuar a evoluir nos seus projectos e a ter repercussão nas revistas internacionais. A política passou, claramente, por mostrar quem eram os autores e quem eram os outros. Os jovens arquitectos, da geração nascida em 30, tinham com este artigo a hipótese de materialização do que faltava à arquitectura portuguesa: uma tentativa de internacionalização.

Esta política era sectária, pois deixava pessoas de fora que só mais tarde se verificaria que deviam ter integrado o grupo principal. A revista não deixava de publicar outros autores, embora fizessem crítica da geração anterior à daquela que se estava a lançar. No entanto, tinha a autonomia de fazer crítica com a liberdade para se falar em ‘obras menores’ de arquitectos de renome, tal como na crítica de cinema se escrevia acerca dos filmes de grandes cineastas. A revista *Arquitectura* criticava de uma maneira construtiva e de forma a continuar-se a construir edifícios com valor.



25 | Álvaro Siza a desenhar.



Como diz Nuno Portas, em tudo o que se relaciona com a Arquitectura, existe um líder e, nesse momento, o nome que se anunciava era claro. Álvaro Siza foi aquele que mais cedo se destacou do resto do grupo. A sua capacidade intelectual de abordar os programas e o seu desenho projectual impressionavam professores e colegas, denotando-se um génio. “A minha ideia era dizer que o Siza era o chefe de fila da *Nova Vaga*.” (PORTAS, 2013, Entrevista)

O trabalho no LNEC e no ensino fizeram com que a crítica de autores ficasse guardada. Nuno Portas passava, então, mais tarde, a interessar-se pela Sociologia e pelas lógicas comuns a grupos, deixadas à margem dos novos investimentos pós-modernistas de influência americana. “Acabada essa missão, quando eu fui para o LNEC, disse para mim mesmo: acabou-se a Política de Autores. Está feito.” (PORTAS, 2013, Entrevista). Na verdade, as carreiras destes arquitectos estavam lançadas e outros iriam perpetuar este tipo de política, elevando o autor a estrela.

“Curiosamente, estávamos a defender os tais autores, mas nenhum dos que defendíamos era claro. Todos andavam numa certa confusão. O mais simples era termos continuado como modernistas e utilizar as regras. Não o fizemos, também não tínhamos certezas. Essa é a característica da nossa defesa de autores.” (PORTAS, 2013, Entrevista).

### **A 1.3. Exportar Portugal**

#### **A 1.3.1. Álvaro Siza como veículo da arquitectura portuguesa no Mundo**

Nuno Portas foi a figura decisiva na visibilidade internacional da arquitectura portuguesa. Nas suas frequentes viagens, desenvolveu contactos que se revelaram prolíferos - curiosamente, em Milão, num dos encontros com Vittorio Gregotti, acabaram por oferecer os seus livros recém-publicados. Ao mesmo tempo que outros arquitectos construíam pontes nas suas idas a Espanha, por exemplo Duarte Cabral de Mello, os Pequenos Congressos Espanhóis – debates promovidos pelos arquitectos madrilenos e catalães, em especial Oriol Bohigas e Carlos de Miguel -



26 | Nuno Portas no Encontro de Tomar, 1967.

tornaram-se ponto de encontro de experiências arquitectónicas. O primeiro congresso foi realizado em Madrid, o segundo em Barcelona, seguindo-se Córdova, Málaga, Tarragona, Segóvia Tomar, Vitória e, por fim, La Garrida que contou com a presença de vários arquitectos portugueses. (CORREIA, 2010). A Política de Autores cruzava-se com os Pequenos Congressos Ibéricos e daí, também, que a primeira internacionalização aconteça em Espanha, tanto pela proximidade cultural como pela geográfica.

O Congresso de Tomar, já no final de 1967, a consequência do Congresso de Tarragona, tinha no seu programa um roteiro pelos Olivais, em Lisboa, e pelas obras de Siza, no Porto. Desta visita, Oriol Bohigas escreveria o artigo *A Portugal també els arquitectes fan la guerra pel seu compte*, publicado na revista espanhola *Serra d'Or* em 1968.

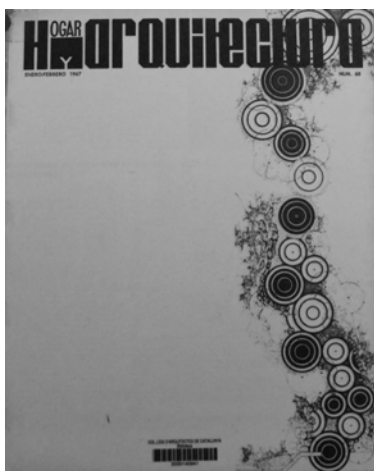
Posteriormente, o Congresso de Vitória promoveu o encontro de Vittorio Gregotti com Álvaro Siza, apadrinhado por Nuno Portas, Fernando Távora e Duarte Cabral de Mello. Esta reunião foi das mais internacionais, contando com a presença de Peter Eisenman e Kenneth Frampton – responsável pela divulgação da obra de Siza no mundo anglo-saxónico. (CORREIA, 2010)

Já em 1965, Fernando Távora teve a Escola Primária do Cedro publicada na *L'Architecture d'Aujourd'Hui* e Nuno Teotónio Pereira a Moradia em Sesimbra na *Schöner Wohnen*, em 1966. O livro *A Arquitectura Moderna* (1972), do Italiano Gillo Dorfles publicava o edifício “Franjinhãs” e imagens da Fundação Calouste Gulbenkian, projectada por Alberto Pessoa, Ruy d'Athouguia e Pedro Cid.

Sendo uma estratégia calculada, a *Nouvelle Vague* da arquitectura portuguesa levava Álvaro Siza na capa. “A mim, pareceu-me evidente que o Siza ia ser, porque era melhor que nós.” (PORTAS, 2013, Entrevista). Paralelamente aos Congressos, Nuno Portas escrevia artigos acerca da nova geração da arquitectura portuguesa para revistas estrangeiras.

Na revista espanhola *Hogar y Arquitectura* nº 68, no ano de 1967, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida lançavam Álvaro Siza. Pela primeira vez, as obras do arquitecto português eram apresentadas no estrangeiro através de um número dedicado quase exclusivamente a este arquitecto. No artigo *Sobre la Jóven Generación de Arquitectos Portugueses* apresentou obras mais interessantes da geração anterior à sua – Keil visto como um impulsionador das reformas na profissão -, assim como o trajecto de Távora e Teotónio como geração intermédia. Contudo, não deixou de elogiar as novas obras, com novos programas públicos - cinemas,

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

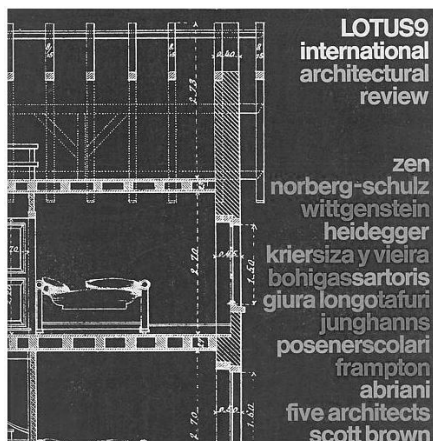


27 | Capas das revistas *Hogar y Arquitectura*, nº 68, 1967, *Cuadernos Summa-nueva version*, nº 49, 1970 e *Controspazio*, nº 9, 1972.

correios, igrejas, liceus, entre outros – e, por outro lado, criticar o lugar da modernidade portuguesa, pois estava relegada a pequenas obras. Referenciou Carlos Flores, editor da revista, e traçou um paralelo entre as experiências espanholas e as portuguesas. Nuno Portas expunha, também neste artigo, a revista *Arquitectura* como uma publicação de ideias progressistas, atenta aos casos nórdicos, por exemplo Siza era aqui apresentado como aluno da Escola do Porto - onde explicitam as diferenças nas pedagogias do ensino entre Lisboa e Porto - o que lhe permitiu manter contacto com revistas, crítica e novos processos pedagógicos e desenvolver uma obra individual ímpar de inovações programáticas ao nível da casa familiar e de espaços de convívio. (PORTAS, 1967) Por esta altura, entre 1967 e 1968, Nuno Portas encetava reuniões com arquitectos madrilenos e catalães a fim de “vender” a qualidade dos projectos portugueses.

Outro artigo importante foi *Arquitecturas Marginadas en Portugal*. Escrito para os *Cadernos Summa Nueva Visión*, de Buenos Aires, em 1970, abordou um grupo de arquitectos novos e voluntariosos. Os seus projectos eram considerados marginais, porque se interessavam pela complexidade do real e pela tensão introduzida num processo de realização que se desejava cada vez mais ‘eficiente’, mais ‘otimizado’. (PORTAS, 1970). Introduzindo um pouco do trabalho de cada um dos intervenientes do artigo, expôs os projectos de Bartolomeu Costa Cabral e dele próprio para Olivais Sul, o de Álvaro Siza para as Piscinas de Leça da Palmeira, aqui representado como o arquitecto mais maduro, sem paralelo no país. Escreveu ainda sobre Fernando Távora, Manuel Tainha, Nuno Teotónio Pereira e Francisco Conceição Silva.

Nuno Portas escreveria ainda o artigo *Note sul Significato dell' Archittettura di Álvaro Siza nell'Ambiente Portoghese*, 1972, na revista italiana *ControSpazio*. Nuno Portas começou por apresentar Siza como a personalidade mais forte da sua geração. Retratou as influências que este teve do movimento moderno e das correntes críticas europeias surgidas após o fim dos CIAM - Alvar Aalto, Bruno Zevi, Ludovico Quaroni, Mario Ridolfi, entre outros. Siza refutava a via da integração mimética e referenciava a importância do mestre no contexto de produção arquitectónica portuguesa. O discurso espacial de Siza, desde a luz zenital aos planos que compõem os volumes era o espelho da sua formação académica. A confluência cultural e de interesses na Escola do Porto fomentou o desejo e a veracidade de ser moderno. Daí, uma possível leitura da Escola do Porto é a do modernismo portuense com uma lógica estilística e um revivalismo do modernismo adaptando a Portugal os ensinamentos e contacto de arquitectos portuenses com o trabalho de Le Corbusier e,



28 | Capas das revistas *Lotus International*, 1975, e *Arquitecturas Bis*, 1976.

no geral, da maestria centro-europeia. A capacidade de transformação contínua de registo estético e metodológico ao longo da carreira colocou a arquitectura de Siza contínua e fiel a si própria, contrariamente aos pós-modernistas que começavam a aparecer. Vittorio Gregotti fez também, neste mesmo número, uma apresentação do trabalho de Siza, o que denotava a deferência com que o arquitecto português começava a ser tratado. (PORTAS, 1972)

Deste modo, a Arquitectura não podia viver sem a crítica. Esta fazia com que os autores fossem publicados e falados e, desse modo, as revistas vendiam os produtos. A mistura do desenho e da palavra – “arquitECTURA falada”, como dizia Nuno Portas – abriam oportunidades de trabalho. O triângulo composto pelo desenho, palavra escrita e palavra falada era a metodologia escolhida para publicitar o autor.

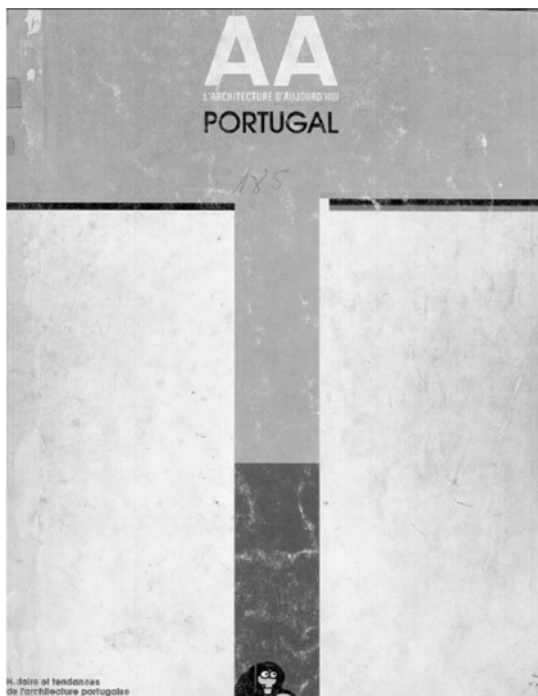
Depois de divulgados os autores, a arquitectura portuguesa ganhou a sua própria importância no espaço europeu. Não só através do processo aqui explicitado como através dos escritos históricos de José Augusto França e do trabalho realizado por Hestnes Ferreira, Manuel Vicente, e já antes, Pancho Guedes e Fernando Távora, entre outros episódios de menor importância factual.

A emergência da temática habitacional, um pouco por toda a Europa, precisava de respostas mais razoáveis e mais céleres perante as dificuldades. O trabalho de Siza juntava o melhor do desenho com a preocupação social.

Nuno Portas publicou também o SAAL e a habitação social dos arquitectos portugueses nos artigos *Il Portogallo dopo il 25 Aprile* na revista italiana, *Lotus International* – com o tema dedicado à ‘Casa’, em 1974 e 1975 -, *Portugal e Siza Vieira*, no *Diccionario Ilustrado de la Arquitectura Contemporânea*. Realizou ciclos de conferências por diversas Escolas de Arquitectura italianas

Os dois anos de actividade do programa SAAL corresponderam, portanto, ao momento de lançamento internacional da arquitectura portuguesa, envolvendo nomes reconhecidos como Alexandre Alves Costa e Souto Moura, Teotónio Pereira, Manuel Vicente, Raúl Hestnes, Gonçalo Byrne ou José Veloso. Deste modo, os críticos internacionais deram espaço, a partir destes acontecimentos, em inúmeros artigos específicos, exposições e publicações dedicadas Portugal, quase exclusivamente. Em Espanha, na revista *Arquitecturas Bis*, em 1976, Rafael Moneo e Bohigas redigiram artigos sobre o trabalho de Álvaro Siza; em Itália as revistas *Lotus International* e *Casabella*; e em França *L’Architecture d’Aujourd’Hui* com o *dossier Portugal An II* com coordenação de Raul Hestnes Ferreira e artigos escritos por vários autores

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



29 | Capa e tema principal da revista *L'Architecture d'aujourd'hui* n° 185, 1976.



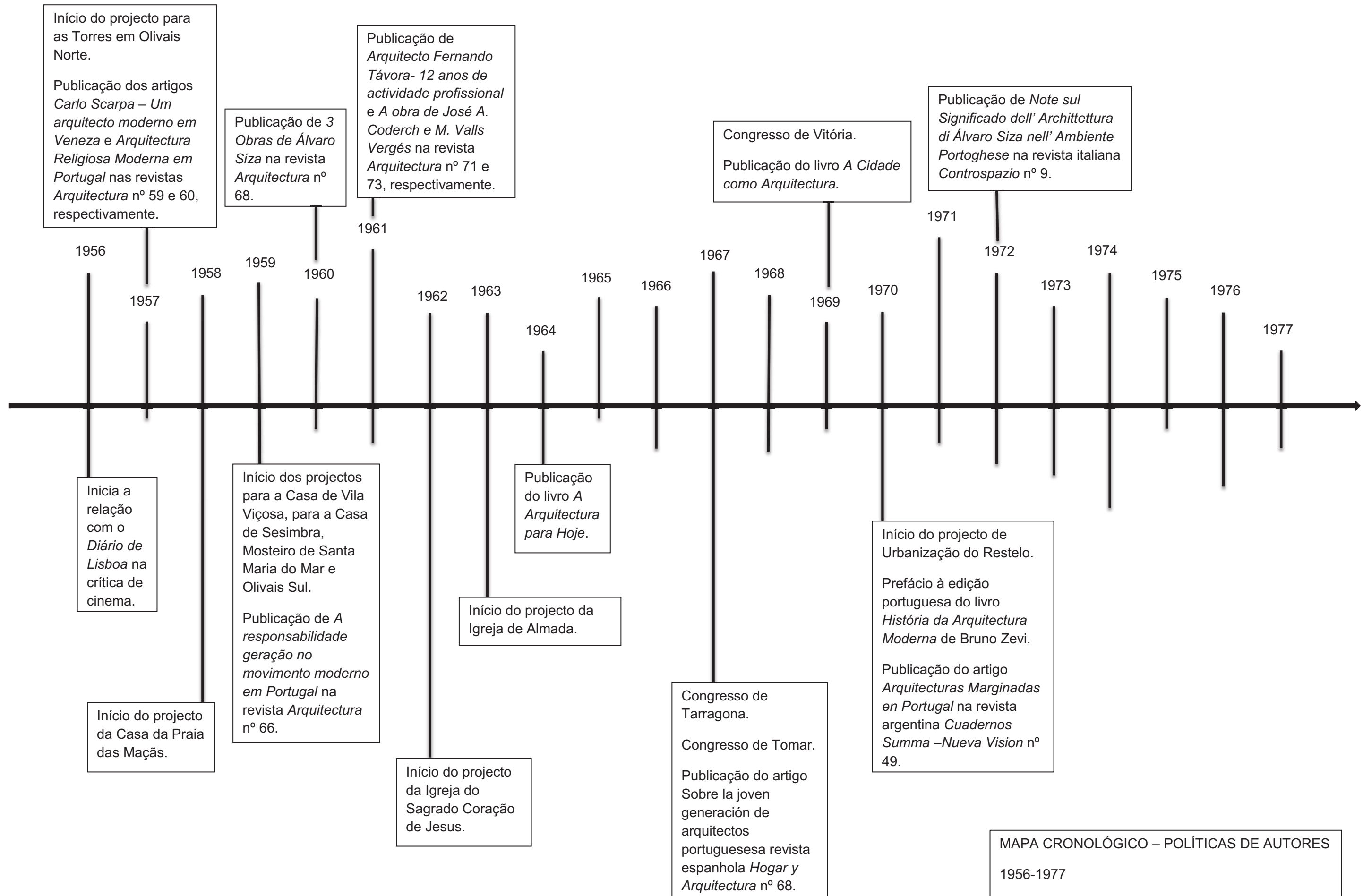
portugueses ou de nomes consolidados como Bernard Huet, Vittorio Gregotti, Brigitte David e Oriol Bohigas. (CORREIA, 2010)

Nesse mesmo ano, teve lugar uma exposição sobre a carreira de Álvaro Siza em Aarhus, na Dinamarca e teve lugar o I Seminário Internacional de Arquitectura em Santiago de Compostela (SIAC), com direcção de Aldo Rossi, que contou com a presença de figuras internacionais e nacionais da arquitectura contemporânea. Neste seminário, Rossi e Siza conheceram-se pessoalmente, por intermédio de José Charters Monteiro – arquitecto português que aquando dos estudos em Itália criou uma relação próxima com Rossi. (FERREIRA, 2009, p. 161; 250)

Quanto à Bienal em Veneza de 76, com o tema “*Europa – América*”, promoveu o encontro e o debate dos conceitos europeus e americanos. Além de Carlo Aymonino, Aldo Rossi, Giancarlo De Carlo, Robert Venturi, Denise Scott Brown, Herman Hertzberger, Oriol Bohigas, o casal Smithson, James Stirling, Oswald Mathias Ungers, Aldo Van Eyck, Peter Eisenman, John Hejduk, Robert Stern e também Álvaro Siza marcou presença. (SZACKA, 2011)

Este período foi marcado pela grande requisição do trabalho de Álvaro Siza na Alemanha e Holanda, onde desenvolveu uma arquitectura autoral muito preocupada com a comunidade e a história local. Deste modo, Siza passaria a ser conhecido como o autor da habitação social.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



MAPA CRONOLÓGICO – POLÍTICAS DE AUTORES  
1956-1977

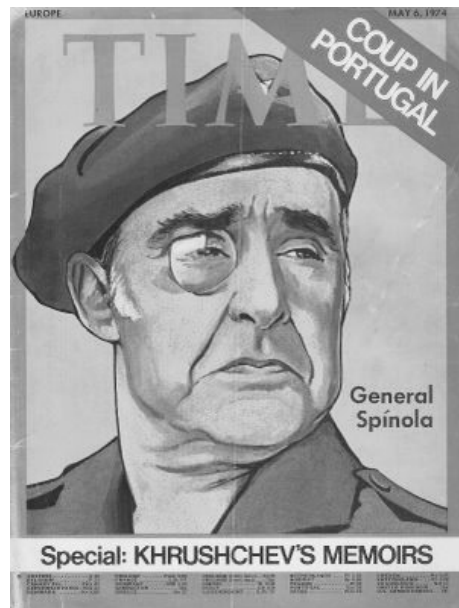
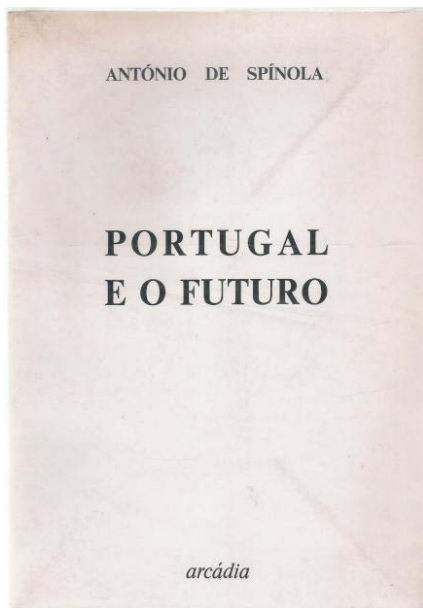








POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



30 | “Portugal e o Futuro”, livro escrito pelo General Spínola, em 1974.

Capa da revista *Time*, 6 de Maio de 1974.



31 | Militares e populares no dia 25 de Abril de 1974, em Lisboa.



**25 de Abril**

Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo

in *O Nome das Coisas*, Sophia de Mello Breyner Andresen, 1974.





POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## **PARTE B**

### **B 1. Nuno Portas e as Políticas Sociais**

**“We shape our buildings; thereafter they shape us.”  
(Winston Churchill)**

#### **B 1.1. Um mapa de referências: o neo-realismo italiano, as Ciências Sociais francesas e a Matemática como geradora de formas**

No século XIX, Pierre Guillaume Frédéric Le Play, Seebohm Rowntree e, sobretudo, Friedrich Engels, no caso do proletariado londrino, foram os grandes investigadores dos primeiros passos da sociologia urbana (PORTAS, 1959, p.41). Em paralelo, William Morris e John Ruskin encaravam a cidade industrializada, no seu grupo de pré-rafaelitas, como um lugar nocivo. *Red House Lane*, refúgio desta comunidade, em Bexleyheath, tornara-se um espaço encantatório, natural e mítico, portanto, uma fuga ao industrial e um reviver da época medieval. Estas duas fortes correntes de pensamento foram repescadas, anos mais tarde, para o direito à dignidade da classe operária, sempre mais castigada com os efeitos nocivos das desenfreadas (e mal-pensadas) expansões urbanas. (PORTAS, 1959, p. 41-58)

Com tudo o que as vanguardas do início do século XX trouxeram de novo ao fulgor de uma Era que se avizinhava de transformações rápidas e consequentes, o programa da habitação mudou. “Pensada em termos simultaneamente éticos e



32 | Unité d' Habitation, Marselha, 1947-1953, Le Corbusier.



33 | Conceito de *cluster* e de *building as a street*, Golden Lane, 1952, Alison e Peter Smithson.

científicos, a casa racionalista deveria tender para um arquétipo, de acordo com a previsão da abolição das classes sociais, do nivelamento universal das necessidades, das possibilidades ilimitadas da estandardização ou da prefabricação." (PORTAS, 1959, p.62)

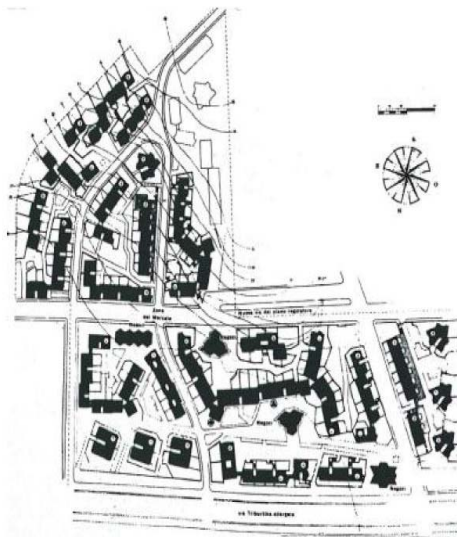
A primeira etapa do movimento moderno privilegiou a casa unifamiliar, pedida pelo cliente particular, com mais ou menos capital, com automóvel e com um dado lote de terreno. Requerendo o trabalho do arquitecto, a multiplicidade de espaços com mais ou menos ambientes individualizados para (aquela) família em particular, entendia-se num grande à-vontade programático (PORTAS, 1959). Os mestres Wright, Aalto, Neutra, Mies, Le Corbusier traduziram conquistas essenciais para o espaço arquitectónico enquanto objecto mutável (PORTAS, 1959, p. 74-77). "Mas a contradição entre uma metodologia que se pretendia científica e uma realidade, tomada não como era mas como 'viria a ser', teria de ser resolvida pela eliminação de determinados planos de análise – o sociológico, o psicológico, mesmo o fenomenológico – a favor de uma simplificação corroborada pelos cânones estéticos que então informavam o movimento." (PORTAS, 1959, p. 62)

No prolongamento das soluções urbanísticas, o funcionalismo puro ganhou força com estudos de célula estreita em duplex – por exemplo, *Unité de Marseille* (1946-1952) de Corbusier uma ideia de vida colectiva no horizonte e, mais tarde, *Golden Lane* (1952), com as suas galerias suspensas, deixando em aberto o crescimento das habitações dos Smithson's. As hipóteses eram estudadas em altura, concentração e organização colectiva das actividades sociais.

Na verdade, as preocupações nunca serão as mesmas entre os dois tipos de habitação. As unifamiliares estavam na margem oposta à dos conceitos de pré-fabricação altamente estereotipados. Eram, de certa forma, pouco compatíveis entre si, pois a maneira habitual de desenhar habitação prestigante era o ramo da unifamiliar. Assim, o grande bloco, quase exclusivamente, que se contrapunha à chamada Casa Burguesa. As necessidades do custo em comparação à qualidade do espaço foram, outro dos problemas das várias crises económicas europeias.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o planeamento territorial e habitacional teve de mudar e a falência do Movimento Moderno, pela fadiga do modelo, sucedeu-se. Por outro lado, os CIAM já não davam resposta às questões que eram postas na altura, pois de uma maneira geral, os projectistas tinham dificuldades na interpretação prática do problema.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



34 | Bairro Tiburtino, Roma, 1950, de Ludovico Quaroni e Mario Ridolfi, *Verso un'Architettura Organica*, 1945, e *Storia dell' Architettura Moderna*, 1950, de Bruno Zevi.



O estudo dos comportamentos sociais começou no Reino Unido, com a noção de *neighbourhood* - em que a vizinhança é entendida como uma ideia de comunidade próxima e em que o *habitat* reflectia as necessidades de cada tipo de família-, passando depois pelos Estados Unidos da América, Países Escandinavos, França e após alguns anos estendeu-se à Itália. (PORTAS, 1959, p. 41)

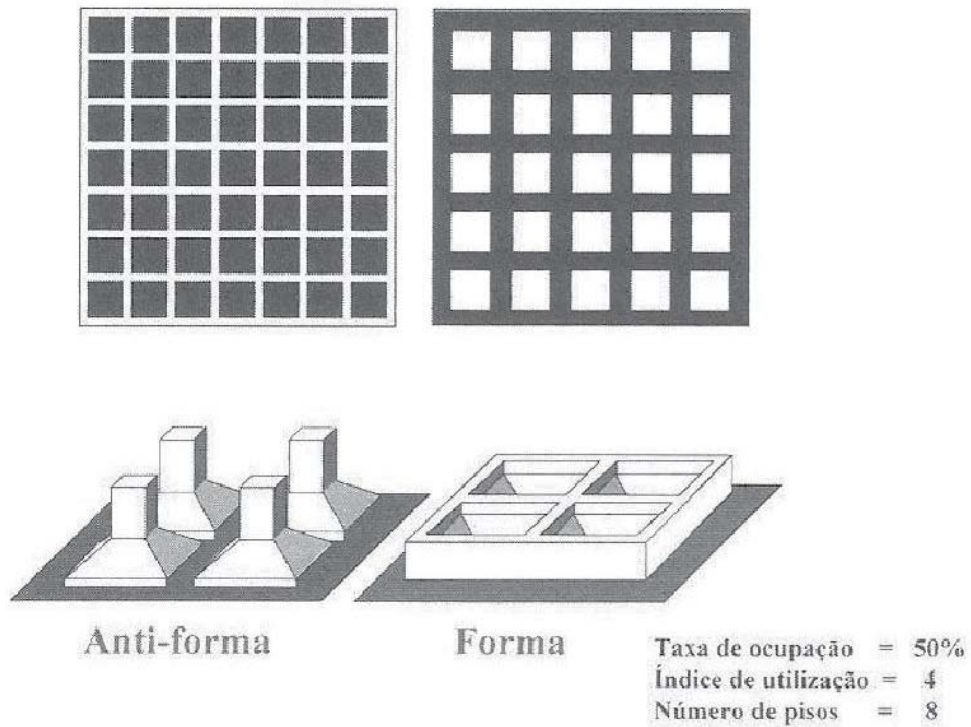
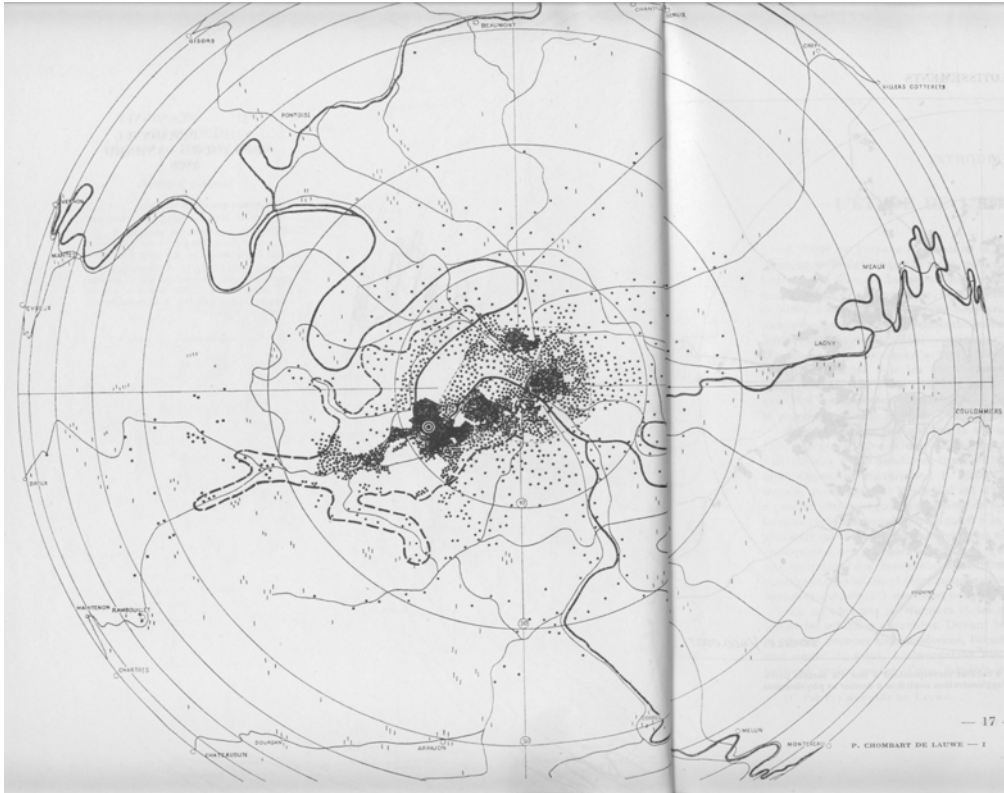
O neo-realismo italiano sugeria o regresso do vernacular. O *Piano Fanfani* ou programa INA-Casa, em prática a partir de 1949- medida do governo italiano para preencher as necessidades de habitação e para fomentar o emprego –, oferecia uma arquitectura próxima do popular. A construção dos bairros de habitação estabeleceu um laboratório de investigação do tradicional, desenvolvendo metodologias que interessavam à situação particular do contexto português. (CAMPOS, 2012, p. 21-25) Construíram-se quarteirões de grande valor arquitectónico como o bairro de Tiburtino em Roma, de Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni, ou o projecto La Martella, em Martera, também de Ludovico Quaroni. Estas práticas promoveram a tradição popular como “vocabulário projectual e construtivo, sendo capaz de representar o novo conceito que ia de encontro às recentes comunidades urbanas e que estabelecia uma ponte de ligação entre a modernidade e a contextualização local”. (CARVALHO, 2012, p. 59-63)

Contrariamente à corrente popular italiana, Bruno Zevi propunha uma arquitectura organicista, expondo os projectos dos mestres Frank Lloyd Wright e Alvar Aalto. Ao mesmo tempo, fazia crítica de arquitectura na revista *Metron* e publicava livros que ficaram como referência europeia deste período - *Verso un' Architettura Organica* e *Storia dell' Architettura Moderna*. (CARVALHO, 2012, p. 55-57) Nuno Portas juntou-se sempre aos organicistas, em detrimento dos racionalistas. (PORTAS, 2013, Entrevista). A fim de apresentar o livro ao público de Língua Portuguesa, já no ano de 1970, Nuno Portas escreveu o prefácio da edição portuguesa da *História da Arquitectura Moderna*, revelando a afinidade intelectual com o autor.

Determinantes para o “*aggiornamento* da arquitectura portuguesa” (FERREIRA, 2009, p. 48), “estes sinais vindos de Itália, a chave zeviana e a ‘continuidade’, encontram eco no jovem grupo de arquitectos e críticos que está a emergir em Portugal”. (FERREIRA, 2009, p. 26)

O *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), em França, foi um dos núcleos de pesquisa mais importantes deste período. Paul - Henry Chombart de Lauwe estava aqui na mesma linha do nórdico Brochman. (PORTAS, 1959, p.42) Chombart de Lauwe viu a análise de habitação como um estudo das Ciências

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



35 | Mapa de densidade populacional, 1947, Chombart de Lauwe e Formas e Anti-formas para a mesma área de terreno, Leslie Martin.

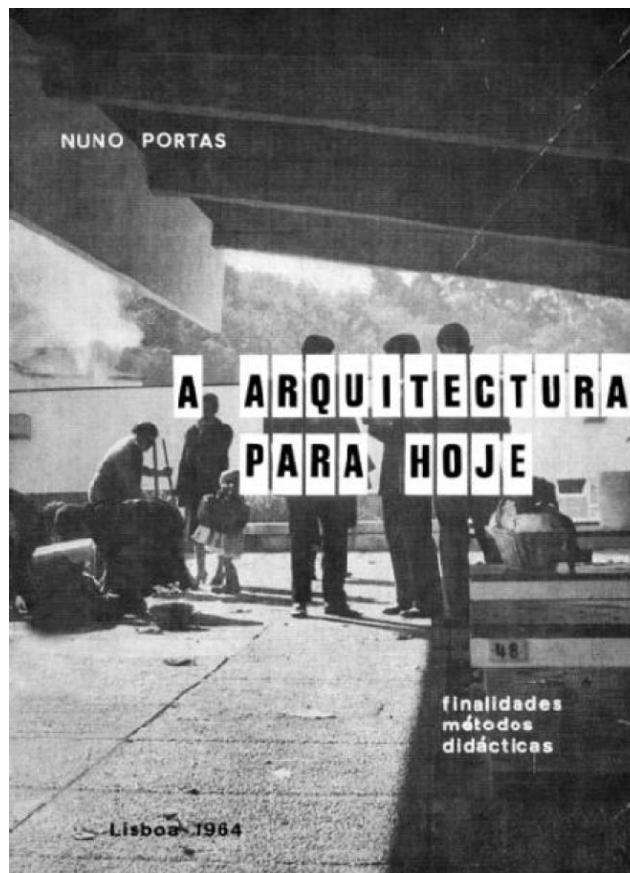
Humanas. Defendeu que na moradia as famílias vêem a oportunidade de ter tranquilidade, independência dos vizinhos, melhor ambiente para as crianças, mesmo trazendo uma possível distância em relação ao local de trabalho. A ideia não seria garantir soluções ou esquemas pré-definidos que bastariam encaixar na problemática em debate. Tratar-se-ia do processo de pensar a habitação social e de desenhar um mapa metodológico real. Maurice Halbwachs, outro francês que estudou na Alemanha, já nos anos 30, tinha-se interessado pela temática da memória colectiva, elaborando teses sobre a qualidade de vida operária. (PORTAS, 1959, p. 41)

A investigação em Roterdão, de 1953, a habitantes de moradias traduzia a satisfação da privacidade e do menor número de conflitos, ressaltando a menor interacção entre os vizinhos. Por conseguinte, existia uma correlação entre a melhor relação qualitativa com os vizinhos e a sua menor quantidade de encontros (PORTAS, 1959, p. 95)

Os estudos de Aalto (no vernacular moderno), dos *ateliers* Backström- Reinius (em habitação de cooperativas) e Drake-Lasdun (edifícios e espaços públicos), Lafon Michoud (em delinquência juvenil e *habitat*), Quoist (em relações humanas - proletário), A.Meister (em cidade corporativa), Albini (em composição), Coderch (habitação colectiva), Candilis (espaço público e habitação colectiva), Libera (tipologia em pátio, tradição mediterrânica; *habitat* popular, auto-suficiência, por exemplo Quartiere Tuscolan, 1951) e a posição defendida por König, Maldonado, Dorfles, Schulz ou Eco com base nos sistemas verbal e do habitar vieram ao encontro de uma nova forma de pensar e construir o *habitat*. (PORTAS, 1959, p.13;42)

Por outro lado, o ensaio de Leslie Martin *The Grid as a Generator*, em 1972, propunha uma cidade organizada através dos traçados da malha e não a partir dos volumes de edificação, esses muito mais instáveis às modas, resoluções e procedimentos. As relações entre altura e disposição ou os estudos das densidades de uso com a colaboração de Lionel Martin trouxeram maior sustentação da tese à investigação teórica e maior conhecimento para a prática construtiva. (PORTAS, 2005). Leslie Martin confrontou, também, o conhecimento objectivo (Formas Construídas) com a prática profissional - esta em constante dinâmica e “mutação”. (KRÜGER, 2005, p. 126). Baseado nestes princípios matemáticos e no abandono da construção em altura para uma construção em perímetro, o Pormenor do Restelo (1969-1971) seria, anos mais tarde, pensado no *atelier* de Teotónio Pereira.

Nuno Portas pretendia encontrar cálculos optimizadores de simulação das várias condicionantes urbanas. Através destes estudos, resultariam modelos com



36 | *A Arquitectura para Hoje*, 1964, Nuno Portas.

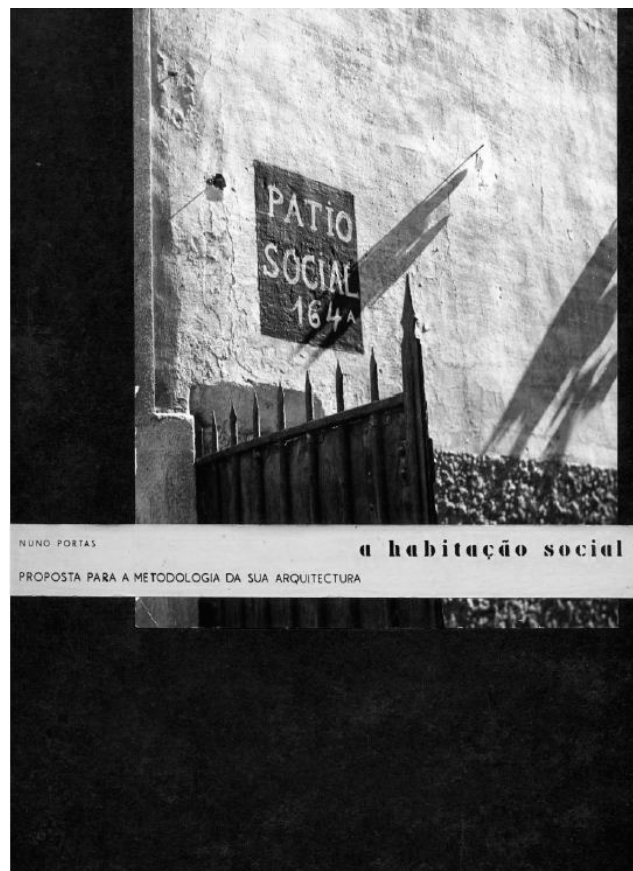
opções urbanas menos comprometidas quanto possível, pois o estudo dos mercados não era colocado como condicionante nem a própria transformação das dinâmicas da cidade. A Matemática gerava as formas para que com a informação disponível se pudesse tirar o maior rendimento urbano.

No final da década de 60 e início da década de 70, Henri Lefebvre colocava a questão da cidade em paralelo às origens da Filosofia. A cidade tinha-se tornado um acumular de experiências, afastando as necessidades e exigências da vida quotidiana. Estes estudos consolidariam a visão de Nuno Portas para a cidade e para uma arquitectura do hoje. O método seguido por Henri Lefebvre e, partindo do quotidiano, procurava distinguir os vários fenómenos sociais, nos seus modos contraditórios com a finalidade de chegar a uma compreensão do real. A estratégia de conhecimento teria de se ligar à política para que a forma do espaço social fosse fruto do “encontro, da reunião, da simultaneidade”. (LEFEBVRE, 1974)

O alojamento massivo a cargo do Estado Central era, no entanto, uma função de planeamento abstracto em relação às iniciativas dos agentes privados, tornando-se extensões e renovações que, por norma, se tornaram retalhos com tipologias culturalmente diversas. Os grandes bairros sociais tinham como objectivo parar a urbanização ilegal ou espontânea nas cidades por toda a Europa, inclusive Portugal.

Em Portugal, os estudos ficaram a cargo de Henrique de Barros- *habitat* rural sem preocupação urbana -, de professores e alunos da ESBAL nos novos bairros de Lisboa. Outro dos estudos foi operado pelo Ministério das Corporações ao nível da habitabilidade dos fogos existentes, as necessidades locais e programas especificados quanto a níveis de rendas possíveis e dimensões dos agregados. Contudo, não sendo um trabalho sociológico, havia uma análise muito mais vasta à circunstância económico-social local e regional (PORTAS, 1959, p. 43).

Quando Nuno Portas publicou o livro *Arquitectura para Hoje*, em 1964, as intenções de servir a sociedade e esclarecer o papel do arquitecto eram nítidas. As preocupações quanto à profissão seriam dissipadas através do estudo de metodologias diversas como as enunciadas atrás. As incertezas eram muitas. O caminho do arquitecto desta geração não era tão regrado como o seu antecessor moderno, o que poderia precipitar a Arquitectura para o lado menos importante, desafiando-se a si próprio em busca do estrelato. “Tínhamos de partir do agora, com o máximo de conhecimento e a possibilidade de estas pessoas - e das que estão para vir - possam modificar o que foi pensado. Mas sem dizer que a nossa vida no futuro é



37 | Concurso Obtenção Diploma de Arquitecto (CODA) - *A Habitação Social, Proposta para a metodologia da sua arquitectura*, Dezembro 1959, Nuno Portas.

esta. Nós, nessa altura, por causa dos sociólogos e dos antropólogos, já tínhamos grandes dúvidas acerca do amanhã.” (PORTAS, 2013, Entrevista)

## **B 1.2. Fundo de Fomento da Habitação**

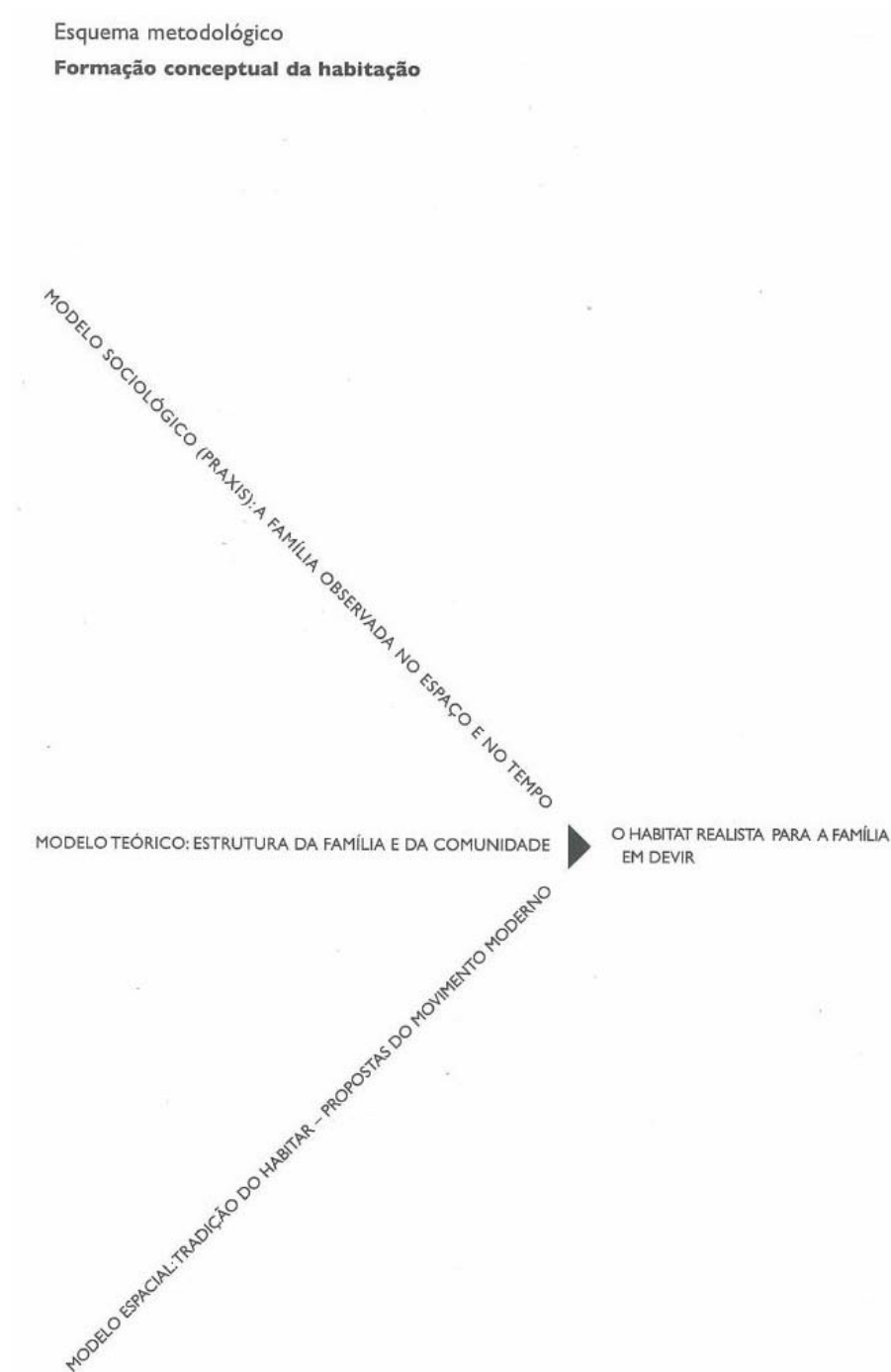
### **B 1.2.1. O direito à habitação**

A tese defendida por Nuno Portas no Concurso para a Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA), no Porto, *A Habitação Social - Proposta para a metodologia da sua arquitectura*, de 1959, vinha apontar caminhos nas novas metodologias na teoria da habitação em Portugal. “No entanto, ao cabo da tarefa, não escondemos a sensação de se ter escolhido uma via demasiado ambiciosa: os estudos que existem – estrangeiros – são na sua maioria parciais, localizados. Apresentámos, assim, antes de mais, uma tentativa de os aproveitar procurando integrá-los num todo, reunindo os resultados comuns à procura teórica, quase sempre fragmentária, e à procura arquitectónica concreta, experimental; tentativa de chegar a uma ‘espinha’ metodológica que não fosse abstracta apesar de, necessariamente, ter de ser esquemática e simplificadora.” (PORTAS, 1959, p. 13)

A ideia de *cluster, in loco*, por exemplo, precisaria do conhecimento das vidas familiares através do recurso à Psicologia e à Sociologia. A ideia de Portas não foi teorizar ou procurar a casa ideal, mas sim “aclarar e não inventar” (PORTAS, 1959, p.14). Exigiu um grande trabalho de síntese das ramificações *habitat/família*, espaço/indivíduo do espaço e da dicotomia entre isolamento e comunidade (mundo privado e secreto/as relações estabelecidas com os outros). A sua pertinência prendia-se, portanto, no momento socioeconómico europeu: o ponto charneira da identidade individual com a colectiva.

De facto, as dualidades começariam a bater-se: o novo contra o existente; a separação contra a mistura das funções e actividades; a totalidade para realização instantânea contra o desfasamento evolutivo dos processos de admissão de agentes diversificados nos diversos graus de liberdade.

Apesar da falta de estudos sociológicos na altura que comprovassem estas afirmações, para Nuno Portas, a família era geradora de formação, educação e segurança, criando os filhos para a sociedade. No positivo e no negativo, a família é o último reduto/escudo e a convergência de pedidos, circunstâncias e paradoxos num



38 | Esquema metodológico da formação conceptual da habitação, 1959, Nuno Portas.



dado momento. O papel do político seria o de proteger e salvaguardar os interesses da família nos mais variados âmbitos e prazos, visto que quando se faziam campanhas para a habitação, a curto prazo, tenderam a tornar-se, malgradadamente, um poço de problemas sociais.

Os pontos estruturantes das primeiras análises da tese foram:

1. constituição e estruturação da unidade familiar:
  - a. “desenraizamento: pela chegada a uma vida urbana sem condições de apoio ou protecção – ela mesmo cancerosa e em transformação após uma ruptura brusca com a família e os hábitos anteriores;
  - b. instabilidade: sujeita ao movimento do desemprego, mudanças repetidas de local de trabalho ou mesmo de ofício;
  - c. dispersão dos membros: mulher e filhos obrigados a trabalhar à semelhança do chefe-de-família, cada um em seu local distinto, na desordem urbanística das cidades;
  - d. dependência total do dia-a-dia: consequência do desaparecimento da família como unidade de produção característica da estrutura rural, a que se juntam factores de ordem moral, como a perda do apoio nos princípios religiosos e morais que presidiam às estruturas anteriores, e de ordem psicológica, como a brusca solidão em que se viam lançadas.” (PORTAS, 1959, p. 23)
  
2. Revisão do modo de encarar a problemática dos filhos:
  - a. cuidados e sustentos dos filhos, que na década de 50 não eram de todo grandes, para a dezena de filhos que cada família tinha;
  - b. prestação de cuidados de saúde pré e pós-natais;
  - c. maus espaços habitacionais;
  - d. alta taxa de natalidade;
  - e. forte abandono escolar com consequente crescimento nas taxas de iliteracia e alfabetismo. (PORTAS, 1959, p. 24-27)
  
3. Aparecimento de modalidades novas na vida quotidiana do lar:
  - a. horários familiares discordantes com papel desintegrador do ambiente de reunião da família;

Esquema metodológico A

**Organização do agrupamento habitacional**

	NÍVEIS	PLANO FUNCIONAL	PLANO FIGURATIVO	PLANO SOCIOLÓGICO
ASPECTOS				
INTERVENÇÃO na definição urbanística do ESPAÇO EXTERIOR		<ul style="list-style-type: none"> <li>- complexo de exigências funcionais: climáticas, higiénicas, viárias</li> <li>- parte de uma <b>densidade geral</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- modelação de um critério espacial exterior</li> <li>- presença do espaço interior na vida exterior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- participação no grau superior numa noção de vizinhança</li> <li>- significação da sua presença na organização da vida social local</li> <li>- equilíbrio na expressão do binómio "individualidade/ colectividade"</li> </ul>
CAPACIDADE programática		<ul style="list-style-type: none"> <li>- grau de concentração (n.º famílias/unid. agrup.)</li> <li>- rendimento económico</li> <li>- capacidade em admitir a evolução das famílias</li> <li>- capacidade na recepção de equipamento colectivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- tratamento da massa de construção</li> <li>- forma de ocupação do espaço</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- situação relativa da unidade familiar perante o número total de vizinhos (carácter massivo)</li> <li>- influência potencial na cooperação entre famílias: equipamento comum</li> </ul>
ESQUEMA DISTRIBUTIVO e modo do ACESSO		<ul style="list-style-type: none"> <li>- rendimento económico do acesso</li> <li>- elasticidade e mecânica distributiva da serventia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- dominantes de ritmo e de uma <b>poética</b> do movimento urbano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- resposta à exigência de intimidade de cada fogo</li> <li>- resposta à potencialidade de <b>relação</b> entre os utentes</li> </ul>
CONDICIONAMENTO do ESPAÇO INTERIOR		<ul style="list-style-type: none"> <li>- tipos das habitações</li> <li>- distribuição das zonas de vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- determinantes da forma espacial das células</li> <li>- indicação do seu modo de apreensão do exterior – natural ou social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- possibilidade de individualização de cada agregado familiar</li> <li>- expressão das relações dos fogos entre si</li> </ul>

- b. emancipação da mulher – com tarefas operárias altamente masculinizadas;
- c. organização e dimensão do *habitat*. (PORTAS, 1959, p. 27-31)

4. Consciência da necessidade familiar:

- a. necessidade da existência de lugares de interesse comum no bairro, sendo crucial na dinamização e gestão dessa micro-sociedade; como por exemplo, na experiência da INA-CASA as assistentes sociais acompanhavam as actividades;
- b. equilíbrio saudável entre o trabalho e o ócio juntando a família no lar. (PORTAS, 1959, p. 32-34)

Portas procura mais a experiência habitacional e de bairro, a evolução nas relações dos agregados e o modo de ocupar o espaço actual; a tipologia da casa advinha das características da família (rural, operária ou burguesa), análise sociológica com base em investigações normativas. O processo começaria com conversas mais demoradas com as famílias e observações directas dos comportamentos - retirando o preenchimento burocrático de inquéritos e amostragens falaciosas, a preparação de pessoal perspicaz e capaz de tirar conclusões a partir desta metodologia. Questões eram levantadas: que processo evolutivo teve o tipo de família portuguesa e como é que este influenciou o tipo de habitação? ; foi a mesma das dos outros países com estudos de habitação? ; as relações entre habitação e comportamentos são correlacionais?

O *atelier* da Rua da Alegria, teve em mãos vários projectos no âmbito do Plano Intercalar de Fomento ou de Cooperativas, sendo um dos maiores clientes, por exemplo, a Associação de Inquilinos Lisbonenses (AIL), ligada ao Partido Comunista. O cooperativismo habitacional foi, primeiramente, iniciado para apoiar a classe média. Com a chamada habitação social, no pós-Revolução, foi uma das medidas alargadas às classes mais desfavorecidas, assunto do qual nos ocuparemos mais à frente.

Nos anos 60, após a construção da, hoje chamada, ponte 25 de Abril, ficaram áreas habitacionais na zona de Alcântara com poucas condições de salubridade. Nuno Teotónio Pereira denunciara a forma como as operações de realojamento decorreram.



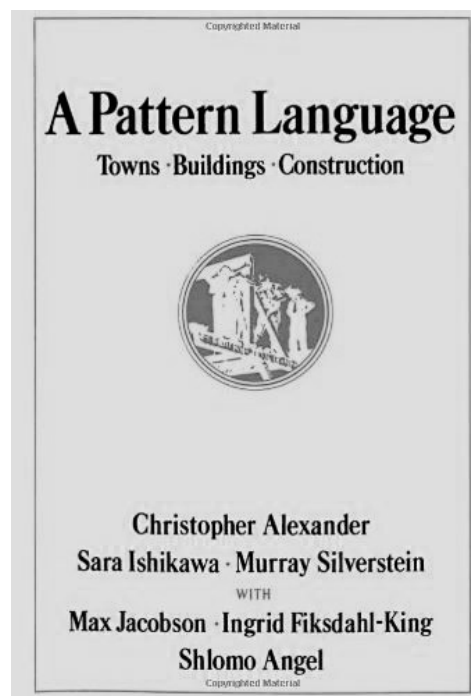
40 | Notícias censuradas sobre o II Congresso Republicano no jornal *Primeiro de Janeiro*, Maio de 1969.

O Colóquio sobre o Problema Habitacional, em Junho de 1967, com participação de Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Emídio Santana, Raúl da Silva Pereira, Nelson Montes; e o Colóquio de Urbanismo, Funchal, em Janeiro de 1969, no qual Nuno Teotónio Pereira participou com o artigo *Habitações para o maior número*, dirigiram o discurso, dentro da classe, para a população sem abrigo ou sem condições de alojamento que vieram para a cidade, mas que não conseguiram adquirir casa de uma forma convencional; bem como a presença de Guy Houist em duas conferências - uma sobre direito à habitação e outra sobre a experiência das *Habitation à Loyer Modéré* (HLM), visto ser vice-presidente da Federação das Cooperativas de Habitação Francesas, na altura. (BANDEIRINHA, 2007, p. 79-84)

O II Congresso Republicano, em Aveiro, em Maio de 1969, teve como pano de fundo a luta contra o fascismo através de lutas sociais e da própria crise académica conimbricense. Os que defendiam a democracia uniram-se de forma entusiasta e os arquitectos puxaram o tema da Habitação Social para a mesa de trabalhos. Seria uma das mais importantes formas de resistência e de debate com outras classes profissionais acerca do tema quente da arquitectura nacional. (BANDEIRINHA, 2007, p. 85-86)

Nuno Teotónio Pereira concluiu que as experiências de Alvalade e Olivais, em Lisboa, e dos Planos de Melhoramento do Porto só poderiam ser mesmo eficazes se fossem organizados numa instituição centralizadora e não nalgumas habitações dispersas. Os somatórios não trariam nada de novo, portanto construir-se-ia conjuntos habitacionais equilibrados. Dizia também que existiam recursos não aproveitados e que a autoconstrução clandestina e não convencional poderia passar de problema a solução para o mesmo. O Poder chamava a si, normalmente, situações do tipo paternalista, deixando, por conseguinte, o compromisso popular de parte. De certa forma, a exclusão da parte mais interessada num processo já de si complexo não evitaria os problemas naturais deste tipo de operações. Para Teotónio Pereira, a solução técnica deveria ter em conta a ampliação do fogo e os seus possíveis melhoramentos, o que se poderia dar o nome de autoconstrução assistida, minimizando a existência de construção a partir do zero em todos os casos sinalizados. Outra questão se levantava em todo o processo: não era só o cariz económico a gerar falhas. (BANDEIRINHA, 2007, p. 96-97)

O Colóquio sobre Política da Habitação definiu estratégias para o mundo da construção, em especial com Nuno Portas como relator. Uma das ideias centrais deste Colóquio foi a discussão pela implementação de uma legislação anti-



41 | *A Arquitectura da Cidade*, 1966, Aldo Rossi, e *A Pattern Language*, 1977, Christopher Alexander.

especulativa, que já existia noutros países europeus, como Espanha, França e Itália, para garantir que a escalada no preço do solo parava.

A partir do momento em que os pontos basilares foram postos em discussão, entrava, então, o conceito de habitação evolutiva em vários textos, salvaguardando os recursos futuros e correspondendo a um outro momento crucial na forma de perceber e, mesmo, de debater os complexos problemas da habitação em Portugal. (PORTAS, 1972)

Na linha de *patterns* de Christopher Alexander e das tipologias de Aldo Rossi, o conceito de “meta-projecto”, conforme desenvolvido por Nuno Portas, tornou-se importante, visto ser a estrutura que permite intervenções imprevisíveis e de carácter sucessório aos acontecimentos do hoje. (PORTAS, 1969) Da mesma maneira, assume a liberdade perante os detalhes nas diversas fases e escalas. As disciplinas de acções imediatas podem não fazer sentido nesta desenvoltura perante o futuro, mas sendo perspectivadas para o futuro em forma de projectos e/ou planos podem sugerir a sua intenção no desenho. Por conseguinte, o meta-desenho faz-se, não sendo só da aglomeração de conhecimento, conceitos e esquemas. O que lhe dá força e carácter para colocar o “meta-programa” – “projecto que permita falar de uma família potencial de projectos localizados, possíveis dentro de certos limites genéticos, mas desde logo muito mais vastos que os que correntemente se praticam hoje” (PORTAS, 1970) - em prática, é, precisamente, estabelecer bases ou regras de interpretação suficientemente universais para cumprir determinados objectivos. (PORTAS, 1970). A dinâmica da realidade modifica-se, quer por motivos sociais, políticos ou económicos. As possibilidades, anteriormente confirmadas, tornam-se um mapa de hipóteses formais ainda sem um projecto individual, interpretando e organizando a eventualidade das variações futuras ou mais localizadas, possíveis ainda de ser vastos nos seus limites. A procura gere mais as necessidades tipológicas, culturais e funcionais do que as especificidades do local – reiterando, contudo, a não existência de uma arquitectura particular.

“Daí as vantagens em antecipar para os momentos de programa e de definição de intenções, o diálogo directo com os interessados, confrontando desde logo os interesses em presença, por vezes antagónicos, procurando consensos e remetendo a arbitragem final, nos casos de insucesso, para a decisão política maioritária nos órgãos formais democráticos.” (PORTAS, 1988)

Embora o Fundo de Fomento da Habitação tenha dado o direito a uma habitação digna com o mínimo de condições e, por conseguinte, à cidade mais



42 | *Relato Final* do Colóquio sobre Política da Habitação, 1969.



democrática, a média de cada operação era de sete anos. Na maioria dos casos, os técnicos geravam, sem terem consciência do que estariam a fazer, ampliações de pequena escala para lugares e culturas completamente díspares.

As associações de moradores e as cooperativas tornaram-se elementos mínimos de permanência e continuidade, a chamada identidade colectiva. Essa permanência dos habitantes naquele local (onde se envolveram) abriria, para aqueles que tinham poucos rendimentos ou que apenas garantissem a sua sobrevivência e, não pudessem pagar uma renda, o direito a uma habitação condigna. Tal como hoje, o Estado não iria investir a fundo perdido, obviamente.

Era constituído um núcleo que pudesse ser ampliado consoante as possibilidades económicas do agregado no futuro. No entanto, não seria só a habitação a evoluir, a pouco e pouco, todo o bairro cresceria a par e passo. De facto, não era tudo feito no imediato o que, com a evolução de outras disciplinas ou com a própria evolução económica/financeira do país, abriria outras oportunidades de reflexão e, mesmo, de investimento. Toda a classe mais desfavorecida ganharia e faria florescer a classe média.

Contudo, os resultados do Colóquio da Habitação ficaram aquém das expectativas. Nuno Teotónio Pereira coloca-se à margem desta realidade e, portanto, escreve o texto clandestino *O Colóquio da Habitação*, Cadernos Necessários, Setembro de 1969. (BANDEIRINHA, 2007, p. 84) Afinal, a Primavera Marcelista não trouxera a tal abertura progressista que se esperava, ou melhor, que se esperançava. Não passava de uma ilusão. O Poder continuaria a ludibriar a opinião pública, tendo a situação controlada na maré passiva portuguesa como vimos no capítulo anterior. (BANDEIRINHA, 2007, p. 105)

“As posições defendidas num dos seus textos anteriores *Habitações para o Maior Número*, podem, sem embargo, considerar-se muito próximas de algumas das recomendações saídas das actas do Colóquio sobre a Política da Habitação e, no entanto, Nuno Teotónio Pereira, distancia-se com corajosa frontalidade e com agudo sentido crítico dos resultados reais do colóquio.” (BANDEIRINHA, 2004, p. 68)

Teotónio Pereira acreditava, pelo contrário, que a realidade devia ser percebida no seu contexto autêntico e social. Seria um bom ambiente para o capitalismo, ao gerar riquezas desmesuradas, é certo. Contudo, estas habitações são, precisamente, para os mais marginalizados pela sociedade. As mentalidades dos poderes decisores (centrais) teriam de mudar, o que parecia não estar para breve – pelo menos, não nos moldes das conclusões do Colóquio.

# POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS? NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## O ENCONTRO NACIONAL DE ARQUITECTOS DEZEMBRO DE 1969

1. A literatura de referência aponta para o momento crítico da arquitetura portuguesa em 1969, o ano em que se realizou o Encontro Nacional de Arquitectos. Este encontro, realizado em Lisboa, em 1969, teve como objetivo discutir o papel do arquiteto em Portugal e as condições de trabalho e de vida profissionais. O encontro foi organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos (SNA) e teve lugar no Palácio de S. Carlos, em Lisboa. O encontro foi dividido em duas partes: uma dedicada à discussão de temas de ordem profissional e outra dedicada à discussão de temas de ordem social e política. O encontro foi marcado por uma atmosfera de tensão e de confronto entre as diferentes correntes de pensamento existentes no seio da comunidade profissional.

2. Em 1969, um grupo de arquitetos de Lisboa, tendo em vista a situação de crise que se vivia no Sindicato Nacional dos Arquitectos, decidiu convocar um encontro nacional de arquitetos. Este encontro, realizado em Lisboa, em dezembro de 1969, teve como objetivo discutir o papel do arquiteto em Portugal e as condições de trabalho e de vida profissionais. O encontro foi organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos (SNA) e teve lugar no Palácio de S. Carlos, em Lisboa. O encontro foi dividido em duas partes: uma dedicada à discussão de temas de ordem profissional e outra dedicada à discussão de temas de ordem social e política. O encontro foi marcado por uma atmosfera de tensão e de confronto entre as diferentes correntes de pensamento existentes no seio da comunidade profissional.

3. O Encontro surgiu assim desde o início, não como um confronto de posições ideológicas, mas apenas um ponto de partida, uma ocasião para a troca de ideias e de experiências, para a discussão de temas de ordem profissional e social, e para a definição de uma linha de ação comum.

4. Foram os seguintes os temas que estiveram em discussão no Encontro Nacional de Arquitetos:

**Tema 1. Situação profissional**  
Esses temas passavam a constituir as várias fases de trabalho do arquiteto que tinham uma dimensão mais técnica do que social. A discussão de temas de ordem profissional era o ponto de partida para a discussão de temas de ordem social e política.

**Tema 2. Situação social**  
Este tema abordava os problemas de ordem social e política que afetavam a comunidade profissional. A discussão de temas de ordem social e política era o ponto de partida para a discussão de temas de ordem profissional.

**Tema 3. Papel do arquiteto**  
Este tema abordava o papel do arquiteto em Portugal e as condições de trabalho e de vida profissionais. A discussão de temas de ordem social e política era o ponto de partida para a discussão de temas de ordem profissional.

**Tema 4. Papel do arquiteto**  
Este tema abordava o papel do arquiteto em Portugal e as condições de trabalho e de vida profissionais. A discussão de temas de ordem social e política era o ponto de partida para a discussão de temas de ordem profissional.



343 | Encontro Nacional de Arquitectos, 1969.

O Encontro Nacional de Arquitectos (ENA), em Dezembro de 1969, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, trouxe o debate perante a sociedade acerca da actividade profissional, do seu papel e da sua intervenção. O Sindicato não participou, nem sequer na organização do ENA; contudo partiu daqui a colaboração logística possível, bem como o material indicatório. Vários temas foram propostos para debate e organizados por grupos com, mais ou menos, afinidades. O pensamento crítico e a discussão dos grandes temas sociológicos internacionais estiveram presentes. Das conclusões saíram as equipas interdisciplinares alocadas para extensos inquéritos, sendo o conhecimento técnico imprescindível; a pesquisa e desenho como forma de metodologia, mais do que as burocracias da profissão; as periferias/subúrbios foram propostos como palco de experiências para novas centralidades.

Nuno Portas estava ausente, mas redigiu um texto que abordava a apatia em que a Arquitectura se encontrava perante a sociedade intitulado *Arquitectura e sociedade portuguesa* (Pasta NTP 1954-1969). Criticou a desculpa de que primeiro há que mudar as estruturas como desculpa para não se fazer nada ou pouco. Ou seja, criticou a falta de empreendedorismo e visão, colocando-se numa posição pró-activa. É preciso propor, definindo as prioridades socioeconómicas e, enquanto arquitectos comprovar as viabilidades dos projectos, como por exemplo, as habitações evolutivas. Já aqui, Portas chamava a atenção para a unificação de redes viárias e transporte, bem como de edificios públicos que, até então, se encontravam dispersos nos subúrbios. Havia, sobretudo, que chamar a si os riscos inerentes nas variadas propostas, assumindo escolhas.

Todavia, o ENA não trouxe, infelizmente, os resultados unitários pretendidos. Os grupos de trabalho continuaram a encontrar-se e a perpetuar as discussões, produzindo material de acordo com a sequência dos trabalhos. Os grandes *ateliers* não tinham os mesmos interesses dos alunos, colaboradores assalariados e dos estagiários. O Sindicato desvinculou-se da proposta da unidade por isso mesmo: Patrões e empregados não se iriam unir, tal como a fractura entre gerações demoraria a restabelecer-se.

Nuno Portas propunha, após todas estas demandas, a difusão de alternativas, a partir do trabalho em *atelier*; o alargamento da discussão do momento da Arquitectura, servindo-se da televisão e doutros meios da comunicação social como por exemplo, a revista *Arquitectura* que já interpelava estes assuntos. Paralelamente, e complementando estas duas grandes ideias, os quadros do estado deveriam ser

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



44 | Grupo de arquitectos no Encontro Nacional de Arquitectos, 1969.

progressivamente ocupados por funcionários conscientes das técnicas e táticas para os problemas da habitação. O que criaria uma substituição de poderes: troca por pessoas informadas/esclarecidas, além de competentes e especializadas. (BANDEIRINHA, 2007, p. 87-88)

De um modo geral, os estudantes que estavam no período de refundação da escola do Porto, lutando contra a reforma de 1957, exigiam uma nova Era pedagógica. Os mais velhos, habituados a outras lutas, como Keil do Amaral, viram um desperdício de oportunidade sair do ENA com contestações de circunstância e sem compromissos. (BANDEIRINHA, 2007, p. 90)

No entanto, já no início da década de 70, a *Sacristia* multiplicava-se no seu papel de motivador de uma classe que precisava de ouvir e reagir. Nuno Portas trazia os ecos do que se passava nas principais cidades da Europa e aquilo que este tinha proposto na sua mensagem para o ENA já era posto aqui em prática há muito tempo. Continuava-se a tentar que os frutos amadurecessem, estendendo os inconclusivos desfechos do ENA. Nuno Teotónio Pereira envolveu o seu *atelier* com outros grupos, como por exemplo, o Grupo Participação Popular e Actividade do Arquitecto (Pedro Vieira de Almeida, Romeu Pinto da Silva, Elias Cachado Rodrigues, Júlio Zamith Carrilho, Eduardo Alves Martins e depois também aderiram Maria João Borges, Hugo Hugon, Maria Augusta Negreiros, Nuno Portas, Pedro Vilas-Boas, Miguel Aragão, entre outros). Sabiam que poderia não dar em nada, mas não se tratava de tomada de posições radicais ou de ideologias irrealistas. Outro grupo também saído do ENA foi o Grupo de Intervenção no Meio Urbano (GRIMU), antes Grupo de Intervenção para o Desenvolvimento Urbano (GIDU) com os objectivos de agitação e propaganda; contrapropostas técnicas e interdisciplinares; acção social nos subúrbios/bairros carenciados de equipamentos e/ou de condições de habitação; a operar na margem sul. (BANDEIRINHA, 2007, p. 91-92)

Na continuação do trabalho até aí formulado, Nuno Portas e Margarida Sousa Lobo propuseram à Câmara de Lisboa uma experiência piloto num bairro de barracas dando-lhes melhores condições de vida, espírito de comunidade, capacidade organizativa e através da autoconstrução. No Gabinete Técnico de Habitação (GTH) a tentativa de imprimir um processo de dinâmica social à chamada de Quinta do Pombal, em Alvalade, com quatro fogos associados em U (casas pátio) não passará do projecto. Nuno Portas seguia há muito, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), como vimos anteriormente, um trabalho conjunto com engenheiros e sociólogos. A separação entre arquitectos e engenheiros parecia estar a ser sanada



45 | Sessão Pragma.

para lá da competição e das afirmações disciplinares tão diferentes e independentes uma da outra.

Na verdade, a Arquitectura e a Engenharia seguiram uma trajectória paralela na especialização, autonomia e concorrência que a um dado momento convergiu numa fusão interdisciplinaridade. As próprias Engenharias deveriam ter-se unido mas, pelo contrário, cada uma se especializou na mono-funcionalidade e na mono-disciplinariedade, processo que Nuno Portas criticou ao longo da sua carreira.

Continuamente, a repressão fez com que a luta política caísse em saco roto com cooperativas a fechar – por exemplo, a Cooperativa Cultural Pragma já tinha sido fechada em 1967 pelo Ministério do Interior. Nuno Teotónio Pereira pensava, mesmo, que tudo até então tinha fracassado pela falta de *savoir faire* técnico, bem como o papel das populações em todo o processo. Não interessava, de todo, servir o Poder ou os interesses políticos. Tinha de haver movimentação nas pequenas lutas, mas faltavam jovens (pela guerra colonial e pela emigração em massa), a PIDE reprimia com a censura jornalística e o consumismo era cada vez maior. Queriam-se verdadeiras conquistas populares e não as benesses de algum ministério ou câmara, pois isso seria visto como reformismo. Queria-se também descentralizar os poderes e a tão desejada democracia. Daí, o III Congresso da oposição democrática 1973 (4 e 5 de Maio em Aveiro) formulou uma aliança entre PCP e PS.

Os Planos de Melhoramento – planos de erradicação de barracas e ilhas existentes no centro e nas coroas urbanas - eram alvo de uma crescente insatisfação pelos baixos padrões construtivos, pela vulgarização do sistema urbano, pelos regulamentos que excluía a liberdade pessoal e a privacidade e pelo facto, de por exemplo, os habitantes das ilhas portuenses não poderem recuperar aquele espaço após o fim das obras. (BANDEIRINHA, 2007, p. 99)

Poucos foram os projectos que trouxeram qualidade. Vítor Figueiredo produziu habitação através de iniciativa pública, como por exemplo através do Gabinete Técnico de Habitação (GTH) ou das Caixas de Previdência, primando pela racionalidade construtiva, relação com o lugar, implantações tradicionais com inserção urbana e pela experiência - Benavente, 1962; Santo Estevão, 1963; Torres Novas, 1964; Peniche, 1968, 5 Dedos, em Chelas, 1973. (BANDEIRINHA, 2007, p. 102). O Plano de Chelas de Francisco Silva Dias, Reis Machado e Vassalo Rosa, no âmbito do Gabinete Técnico de Habitação de Lisboa, foi exemplo de uma área de expansão, tratando-se mais de uma prospecção de uma nova cidade dentro da cidade, com a carinhosamente apelidada de Pantera Cor de Rosa de Gonçalo Byrne e António Reis



46 | *A Cidade como Arquitectura*, 1969, Nuno Portas.



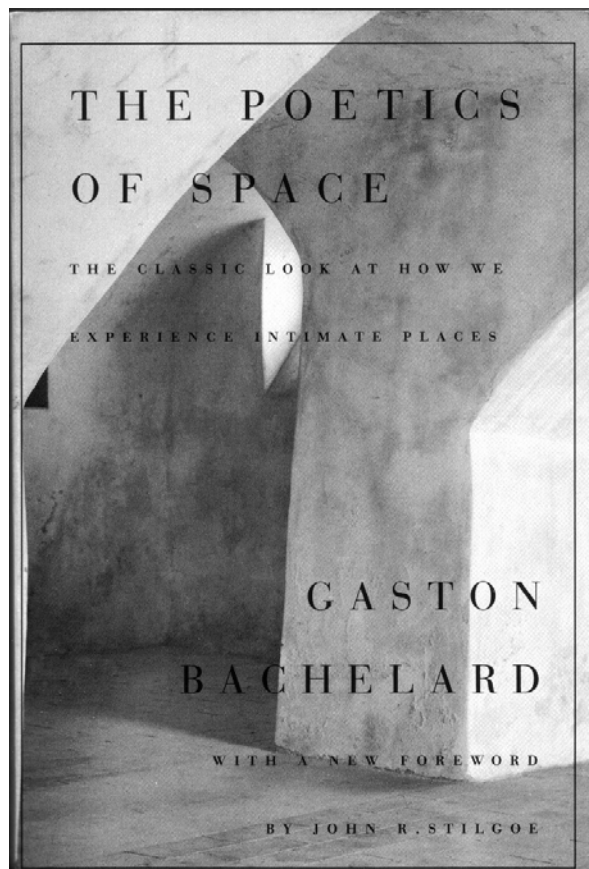
Cabrita - preparada no *atelier* de Nuno Teotónio Pereira. Em paralelo temporal, o Gallaratese de Aymonino tornar-se-ia uma referência na tipologia de habitação colectiva. (BANDEIRINHA, 2007, p. 102-103)

Nuno Portas escreveu no seu livro *A Cidade como Arquitectura* que as possibilidades do urbano não responderiam a todos os problemas. Seria necessária uma clara estratégia com um conceito forte, dotando o projecto de uma imagem global (BANDEIRINHA, 2007, p. 103). Na verdade, estas mesmas conclusões e metodologias viriam a ser postas em prática no processo do Plano do Restelo (1970-1975).

A par e passo, o projecto do Bairro da Bouça de Siza Vieira – tal como as piscinas de Leça e, mais tarde, a Malagueira -, inseria uma outra ordem de fazer projecto e, por conseguinte, de o amarrar à centralidade da cidade de alta densidade, à semelhança do Bairro de Falchera (Turim) de G. Astengo com o espaço dirigido para a rua, chegada e saída da casa. Outros dois casos, o Alto do Moínho, em Algés, de Francisco Silva Dias e o Alto Zambujal, já na área da periferia, foram ambos elaborados no Fundo de Fomento da Habitação (FFH) e concluídos, tal como a Bouça, no âmbito do SAAL - começados antes, mas só executados após o 25 de Abril. (BANDEIRINHA, 2007, p. 104)

Não obstante o esforço geral assumido pela Câmara do Porto, o projecto social para Contumil, recuperou algumas imagens do passado, em clara contradição com o pensamento do momento. Estas moradias populares - parte do projecto da autoria de Alexandre Alves Costa, cujo trabalho em experiências de modelos habitacionais analíticos com Nuno Portas no LNEC lhe permitiu impor aqui uma nova metodologia social baseada em métodos indutivos e analíticos - tinham a reminiscência na INA-Casa, onde vidas individuais e colectivas apuravam-se na consciência comunitária. Os processos matemáticos, relacionando as funções com as outras variáveis e tendo o computador como máquina simuladora da realidade, calculavam um elevado número de possibilidades combinatórias. (BANDEIRINHA, 2007, p. 104)

Por outro lado, Nuno Portas aproveitou o incentivo dado pelo LNEC e continuou a investigação à formulação da casa pátio como habitação social e, por conseguinte, uma tipologia aberta aos processos evolutivos de melhoramentos e construção *a posteriori*. “Racionalizar os elementos constituintes do ambiente, otimizando a satisfação de necessidade vitais e estendendo-a ao maior número (optimização económico-social) e potenciar o seu valor de comunicação.” (PORTAS, 1970)



47 | *La Poétique de l'Espace*, 1958, Gaston Bachelard.

As bases de uma Teoria da Habitação – diálogo entre a vida colectiva e a liberdade individual, entre o recolhimento e a abertura, entre o que está fechado e o que está aberto, o silêncio e o barulho – estariam lançadas nestes ensaios, aos quais juntaram a política habitacional grega de crescimento progressivo e a do espaço contido e celular dos nórdicos atrás enunciados. Em Portugal, de uma maneira geral, não correspondiam aos *neighbourhood*, pois o natural foi pegar na repetição de elementos unifamiliares isolados, afastando a noção de espaço social. (PORTAS, 1959, p. 109 -111)

O binómio espaço-comportamento defendido por Gaston Bachelard - o espaço como potenciador do comportamento de caminhar, permanecer ou juntar num núcleo ou como marcador da memória colectiva sem forma especificada para tal – é inspirador para o tipo de análises sociológicas, a título de exemplo, a importância da entrada (recepção) com distribuição vertical (elevação) ou horizontal (extensão) no modo de vida dos habitantes. (BANDEIRINHA, 2007, p. 38)

Se a Teoria da Habitação avançava a passos largos para a prática, esta era condenada às gavetas burocráticas. O Estado investia pouco e a partir desta posição, as capas dos jornais mostravam, cada vez mais, num sentido altamente provocatório, o lado mais sensacionalista do problema habitacional que era, precisamente, o das barracas. Em resposta, a censura cortava ou mudava os títulos jornalísticos, numa manobra de eufemismo para evitar o desconforto latente na opinião pública acerca destas questões públicas. Assim, até ao final do regime, a questão da habitação não encontrou a luz ao fundo do túnel. Os projectos sociais não eram postos em prática com a rapidez necessária, enquanto as populações desfavorecidas faziam os bairros ilegais crescer. O contexto do Congresso de 48 tinha ficado para trás na História e as cidades portuguesas cresciam sem estarem pensadas pelas ideias sociológicas a par das culturais e das económicas. (BANDEIRINHA, 2007, p. 106)

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA  
E DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

Despacho

1. Em face das graves carências habitacionais, designadamente nas principais aglomerações aliadas às dificuldades em fazer arranjar programas de construção convencional a curto prazo - na medida em que estes programas supõem terrenos preparados, projectos e preparação de concursos e garantia de disponibilidade financeira por parte do Estado ou autarquias locais -, está o Fundo de Fomento da Habitação a organizar um corpo técnico especializado, designado por "Serviço de Apoio Ambulatório Local" (SAAL), para apoiar, através das câmaras municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários.

A necessária base legal e financeira destas operações é simultaneamente assegurada por dois diplomas em curso de promulgação - o primeiro sobre a constituição de cooperativas habitacionais não lucrativas e o segundo sobre as modalidades de financiamento e apoios técnicos à iniciativa organizada dos moradores -, tendo, entretanto, sido prevista no orçamento extraordinário do Fundo dotação para o arranque das primeiras operações.

2. Como princípio geral, devem os trabalhos de infra-estrutura viária e sanitária - que constituem a base essencial das operações - ser custeados pela autarquia local, assim como a disponibilidade de terrenos para a urbanização (a ceder, em princípio, sob forma superficiária), sem prejuízo da obtenção de comparticipação estatal, nestes casos com prioridade justificada.

3. Partindo estas iniciativas dos moradores - que para a sua gestão se organizam em associações ou cooperativas -, as câmaras municipais deverão ter fundamentalmente um papel de controle urbanístico da localização e cedência de solo e de interlocutoras directos da organização dos interessados, designadamente na arbitragem das prioridades em face dos recursos disponíveis - aliás sempre insuficientes - e na garantia dos empréstimos previstos na legislação.

### **B 1.3. Serviço de Apoio Ambulatório Local**

#### **B 1.3.1. Novas Políticas Urbanas**

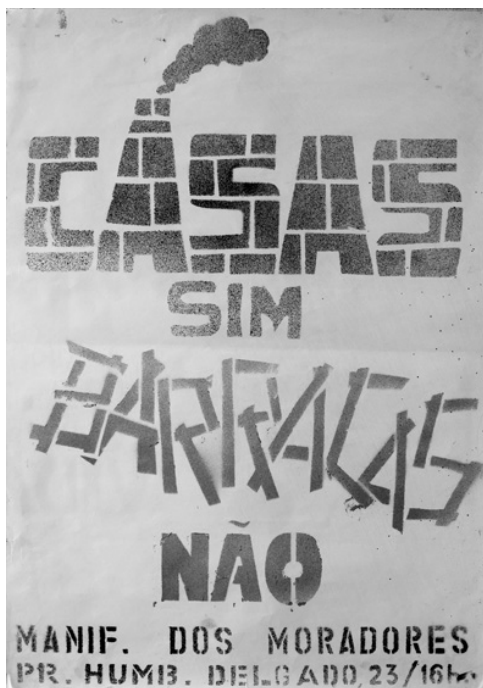
“Em face das graves carências habitacionais, designadamente nas principais aglomerações aliadas às dificuldades em fazer arrancar programas de construção convencional a curto prazo – na medida em que estes programas supõem terrenos preparados, projectos e preparação de concursos e garantia de disponibilidade financeira por parte do Estado ou autarquias locais -, está o Fundo de Fomento Habitação a organizar um corpo técnico especializado, designado por *Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL)*, para apoiar, através das câmaras municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários.

A necessária base legal e financeira destas operações é simultaneamente assegurada por dois diplomas em curso de promulgação – o primeiro sobre a constituição de cooperativas habitacionais não lucrativas e o segundo sobre as modalidades de financiamento e apoios técnicos à iniciativa organizada dos moradores -, tendo, entretanto, sido prevista no orçamento extraordinário do Fundo dotação para o arranque das primeiras operações.” (PORTAS, 1974)

Nuno Portas, Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo dos I e II Governos Provisórios, lançou como experiência piloto o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) que trazia na sua génese o conhecimento e a cooperação. Maximizar as diligências cursadas antes do 25 de Abril e dar às Brigadas – grupos organizados de arquitectos, sociólogos e outros técnicos que trabalhavam directamente com os municípios e as populações - a sua liberdade de modo a gerir possíveis conflitos de uma forma mais flexível eram a chave para o sucesso das operações. (BANDEIRINHA, 2007, p. 113)

As populações deviam estar, primeiro que tudo, interessadas pelo projecto de realojamento e, em segundo, motivadas na cooperação com os técnicos. A estrutura do Poder e da produção via o espaço diversificado e plurifuncional.

A necessidade do Poder Local ter alguma manobra na gerência das diversas acções das populações foi um dos pontos fundamentais. Assim, a aproximação dos administradores à população rural seria essencial para a base da rentabilização dos recursos, suplantando a abstracção das legislações recém-elaboradas. O sucesso do



49 | Cartazes de Associação de Moradores no SAAL-NORTE.

planeamento passaria, em grande parte, por esse diálogo entre Poder e população e, conseqüentemente, num consenso partidário.

À limitação estrutural da burocracia administrativa exigia-se uma maior autonomia e uma maior correlação entre realismo e meios técnicos, visto que a ocupação de prédios e casas logo após a Revolução se tornou desmedida. Em menos de um mês, foram invadidos e apropriados quase dois mil fogos. As carências das populações em combinação com as rendas altas foram o despoletar da oportunidade, tirando partido do momento para se tornarem 'ocupas'. (PORTAS, 1974)

Antes do 25 de Abril, a situação da habitação encontrava-se numa situação perigosa: cerca de um terço da população – dos estratos sociais mais oprimidos - habitava em bairros desgastados, muitas das vezes sem salubridade. (PORTAS, 1975)

As expectativas criadas foram grandes. “As barracas foram sempre a grande bandeira reivindicativa ao longo de todo o pós-25 de Abril; já era, de resto, antes do 25 de Abril, umas das maneiras privilegiadas e das poucas admitidas ou toleradas de dizer mal do governo.” (PORTAS, 1986). Com o êxodo rural, antes da Revolução, Lisboa tinha uma concentração enorme de alojamentos ilegais. O descontrolo urbanístico da área metropolitana da capital a par das ocupações eram os problemas primordiais no processo de regulação habitacional.

“Pela primeira vez, o trabalho dos arquitectos desdobrava-se em trabalho político, o que os obrigava a reflectir, em permanência, sobre o papel das instituições; os arquitectos confrontaram-se, então, com diferentes tentativas de sabotagem, e com os obstáculos que estas colocavam a diversos níveis.” (PORTAS, 1976)

A Arquitectura era a área de todas as urgentes transformações na sociedade portuguesa. O tema do habitar é o início do estudo de uma sociedade e, por conseguinte, fundamental no acompanhamento das mudanças estratégicas e legislativas ocorridas na altura.

O planeamento dos novos bairros tinha o compromisso de não perder a transparência de uma nova urbanidade. Logo, o plano feito de cima para baixo abrangeria uma visão geral da totalidade da cidade para dizer o que é que interessa a cada bairro. Num segundo momento, cada equipa partiria do bairro para a totalidade. (PORTAS, 1986). Os planos eram vistos como optimizadores das diversas condicionantes – sociais, económicas, políticas – e imprescindível no processo da construção de uma nova urbanidade.



50 | Construções da Associação de Moradores 18 de Maio, Porto.



Outra intenção era criar verdes colectivos com “traçado intencional dos espaços colectivos e da definição das regras que os articulam aos tipos edificados. Ou seja, através dos elementos em que se materializa o novo protagonismo da intervenção municipal.” (PORTAS, 1988)

O investimento nas equipas foi grande, o que acarretava uma maior responsabilização na gestão de serviço. A componente tecnológica dos projectos era muito forte, apoiada no pessoal técnico qualificado e nos arquitectos, em particular.

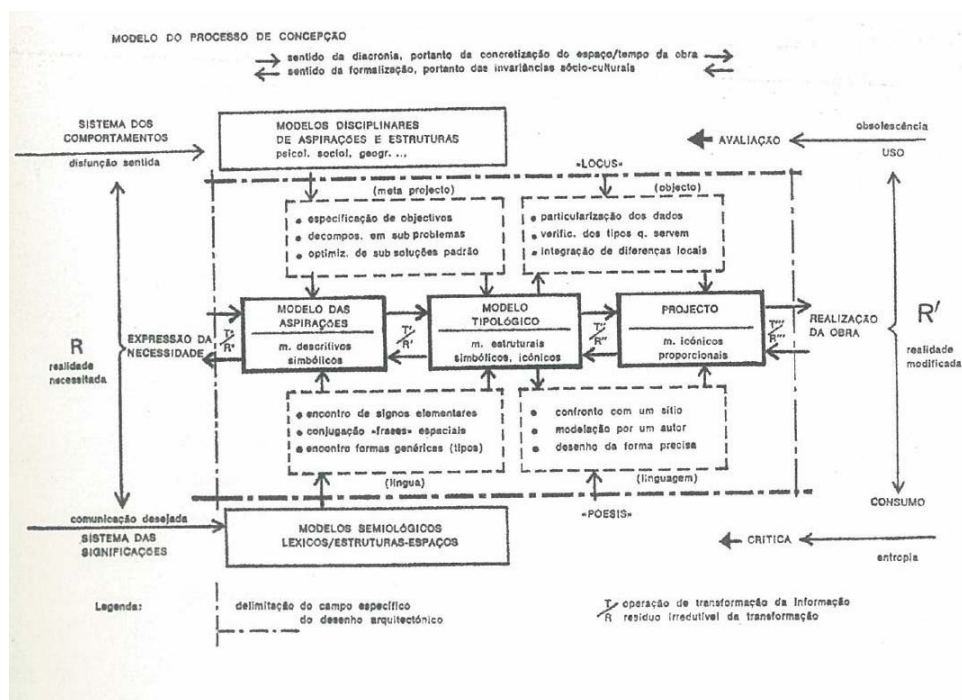
Os modos de associativismos eram diversos, o que tornava o problema mais local e, simultaneamente, mais complexo. O esforço criativo do desenho na procura do compromisso entre o tradicional e o inovador moderno foi permanente. Além disso, a características informais da autoconstrução clandestina (PORTAS, 1987) tornou muitos dos bairros em micro-sociedades passíveis de serem obrigatoriamente interpretadas para a resolução arquitectónica funcionar.

A austeridade imposta pelo momento histórico da Revolução aliava-se à alternativa do novo e de, ao mesmo tempo, resgatar as características tradicionais da habitação. Logo, o cruzamento das Teorias da Habitação com o quotidiano e, então, do moderno com o popular esteve na origem do processo SAAL. Não se trataria, por isso, de desenhar outras remanescências que não as locais nem impor modelos internacionais vanguardistas. (BANDEIRINHA, 2007, p. 168)

Posto isto, o SAAL significava um risco. Além de não haver concursos nem adjudicações, vivia-se uma das maiores fases de transição em Portugal. Um dos períodos mais criativos e motivadores de mudanças de fundo na sociedade portuguesa. Havia uma corrente de energia positiva entre as populações escolhidas para o processo. “Remova o Estado o obstáculo fundiário e o preconceito técnico-burocrático e logo veremos quais as virtualidades deste processo.” (PORTAS, 1987)

Concluimos que o SAAL exercitou a cidadania dos seus intervenientes e deixou-nos o exemplo de uma metodologia de realojamento urbano.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
 NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



51 | Modelo, desenhado por Nuno Portas, do processo de concepção de um projecto.

### B 1.3.2. Metodologias de Realojamento Urbano

Nuno Portas já tinha enunciado na sua tese do CODA algumas formas possíveis para as metodologias habitacionais e as suas exigências específicas. “O interesse maior do presente estudo, seria, portanto, o dirigir-se para uma contribuição metodológica sobre a génese do *habitat*, que pudesse permitir ao profissional um controlo ou uma crítica perante o quadro de todas as implicações possíveis da sua concepção pessoal, no advir da existência das pessoas ou dos grupos que a irão ‘sofrer’” (PORTAS, 1959, p. 79-80).

O conceito era simples. A heterogeneidade de cada caso, os dados do problema e o programa pedido seriam os *input*, enquanto que as decisões tomadas para chegar às soluções projectuais seriam o *output*. (PORTAS, 1970) teoria e desenho arquitecturas

“Em síntese, podemos considerar:

1. os condicionamentos anteriores à intervenção do projectista – dados:

- determinantes de ordem urbanística (ou da planificação);
- determinantes programáticas de natureza qualitativa ou quantitativa (propostas pela entidade coordenadora da política habitacional);
- resultados do estudo aplicado da economia das soluções.

2. a observação metódica pelo projectista, da realidade onde se insere o seu núcleo habitacional:

análise da realidade:

- solicitações do ambiente natural ou histórico preexistente;
- sugestões da tradição do habitar e da observação sociológica;
- estudo crítico das experiências afins anteriormente efectuadas e da observação urbanística em vigor.

3. o trabalho do projectista: a criação dum ambiente novo - propostas:

- orientação da solução sugerida pela evolução da conjuntura histórico-social;
- uma criação pessoal do espaço.” (PORTAS, 1959, p.90)

Em três momentos, Nuno Portas (1959, p. 90-92) explicou o que viria a ser a sua ideia para a base do SAAL:

Quadro

**Carácter distributivo dos conjuntos habitacionais e formas típicas do seu agrupamento**

UNIFAMILIARES	agr. max. individualização	A1 ISOLADA		
	acesso privativo	A2 GEMINADAS		
		A3 AGRUPADAS		1. em linha: rectilínea, serpentina, endentado, etc. 2. em malha multidireccional 3. em sobreposição
UNIDADES MULTIFAMILIARES / MULTIPLANOS	agr. tipo clássico	B1 1/3 FOGOS/UNIDADE ESCADA		
	distr. dom. vertical	1. Unidades isoladas 2. Unidades justapostas		1. bandas lineares ou em serpentina 2. encosto em dente de serra ou alternância 3. corpos articulados entre si
	distr. dom. vertical concentrada	B2 3/5 FOGOS/UNIDADE ESCADA		
		1. Coluna de acesso axial . máxima concentração	- com disposição	- triangular - quadrangular - em H - radial - em espinha - outras
		2. Coluna de acesso marginal . galeria embrionária	1. distribuição radial 2. distribuição em tensão	- coluna livre - coluna encorporada - coluna articulante
	agr. tipo intensivo	B3 5 FOGOS/UNIDADE ESCADA		
	agrupamento de tipo intensivo	* Rua aérea exterior		
	agrupamento de tipo intensivo	interior		
	agrupamento de tipo intensivo	. modo de distribuição	1. servindo 1 piso 2. servindo 2 pisos	- 1 simplex - 2 simplex - 1 duplex - 2 semi-duplexes - 3 simplex - 2 duplex - 2 semi-duplexes - 1 duplex+1 simplex
	agrupamento de tipo intensivo		3. servindo 2,5/3 pisos	
	agrupamento de tipo intensivo	. tratamento social	1. reduzida à função acesso 2. tratada como espaços de encontro ou core 3. dotada de equipamento (ou cluster)	- privativo - comum
	agrupamento de tipo intensivo	. inserção	1. longitudinal 2. estelar 3. cruzada ou ramificada	

52 | Quadro sobre o carácter distributivo dos conjuntos habitacionais e formas típicas do seu agrupamento.

- primeiro grupo: dimensionamento do núcleo habitacional e seu equipamento comunitário; tipologia e dimensionamento dos fogos em função da composição sociológica e dos limites necessários à harmonia física e espiritual do indivíduo;
- segundo grupo: percepção crítica do meio social a auxiliar;
- terceiro grupo: compreensão histórica quanto à correspondência da solução arquitectónica como um reflexo da evolução social e/ou pessoal dos habitantes.

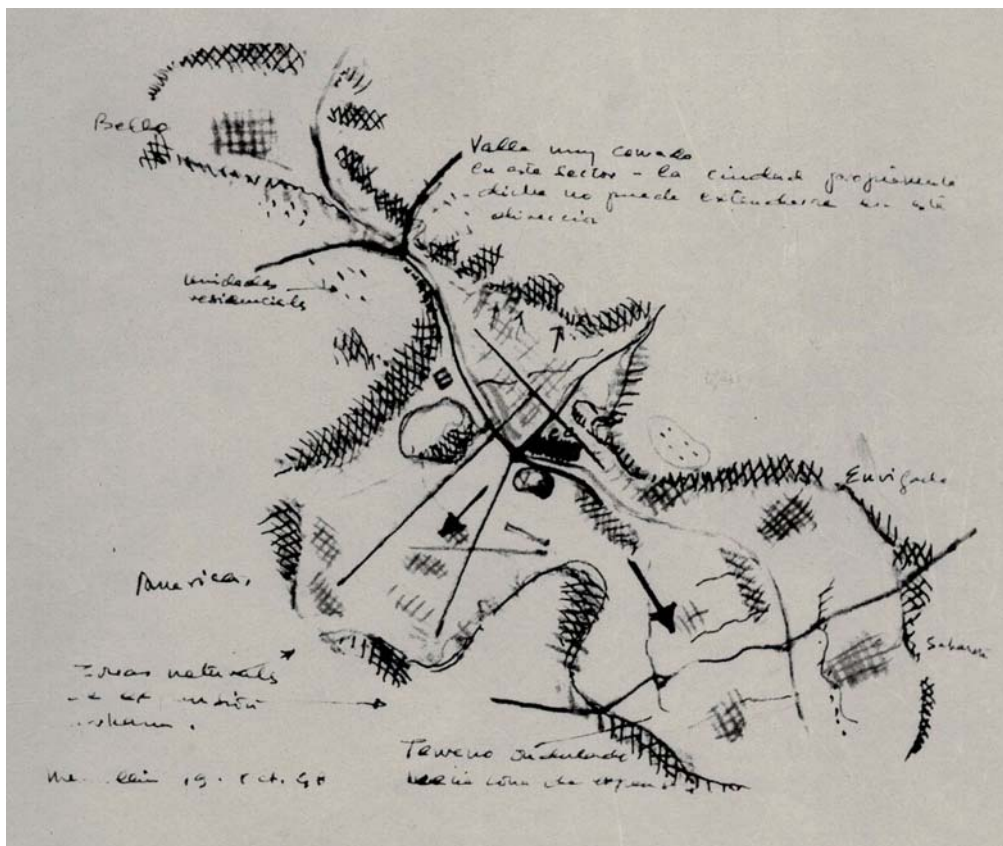
As novas soluções propostas por Nuno Portas usavam o programa e definiam o problema com suporte nas análises sociológicas do local e da sua respectiva comunidade. A construção do modelo apropriado e a síntese das soluções mais pertinentes trariam uma simulação ao projecto. Após a avaliação e a re-programação necessária, o desenvolvimento do desenho e a comunicação com a comunidade seriam a fase seguinte.

Tratava-se de, tacticamente, optar pelo tipo criador, ou seja o lote e a materialização, e pela síntese que guiasse a transformação no programa - por conseguinte, no projecto e, por fim, na sua construção.

Outro conceito introduzido nesta tese foi o de espaço público contínuo à casa como o prolongamento directo das habitações - e não a substituição dos equipamentos do bairro. A diferença para o que se fazia, em Portugal, é que este espaço exterior era não privativo da família. Nuno Portas ressaltava a importância da vigilância das crianças e da reunião familiar com um ambiente agradável. Assim, os prolongamentos privativos e imediatos da habitação poderiam ser a varanda – fora do bloco -, a *loggia* – varanda interior do bloco – ou o pátio – de maior dimensão e aberto, difundindo a coesão nas relações familiares, visto que todos vêem todos. (PORTAS, 1959, p. 170-171)

As Políticas Sociais começavam a esboçar-se em 1959 no pensamento de Nuno Portas. O espaço humanizado, de infinitas possibilidades sociais, era um desejo para a habitação social em Portugal. O alojamento passava a significar mais do que a simples infra-estrutura, sendo que os equipamentos públicos de apoio aos bairros representavam melhorias na qualidade de vida das populações. Privilegiando a grande dimensão empresarial portuguesa, a promulgação da integração social também pelo emprego e a criação uma rede de transportes públicos que fosse eficiente, de modo a encurtar a relação distância-tempo entre *habitat* e posto de trabalho. eram outras ambições socialistas.

Também as viagens à América do Sul foram importantes no contexto de perceber o papel do não - arquitecto. A fim de conhecer as metodologias utilizadas no



53 | Esboço de Josep Luis Sert num dos planos urbanísticos na Colômbia.

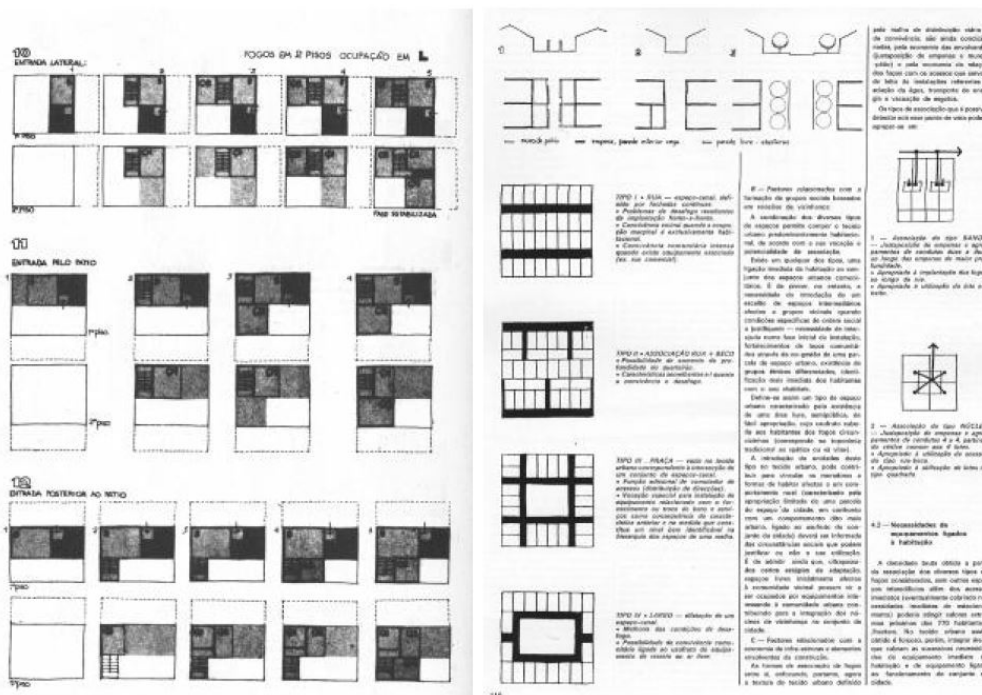
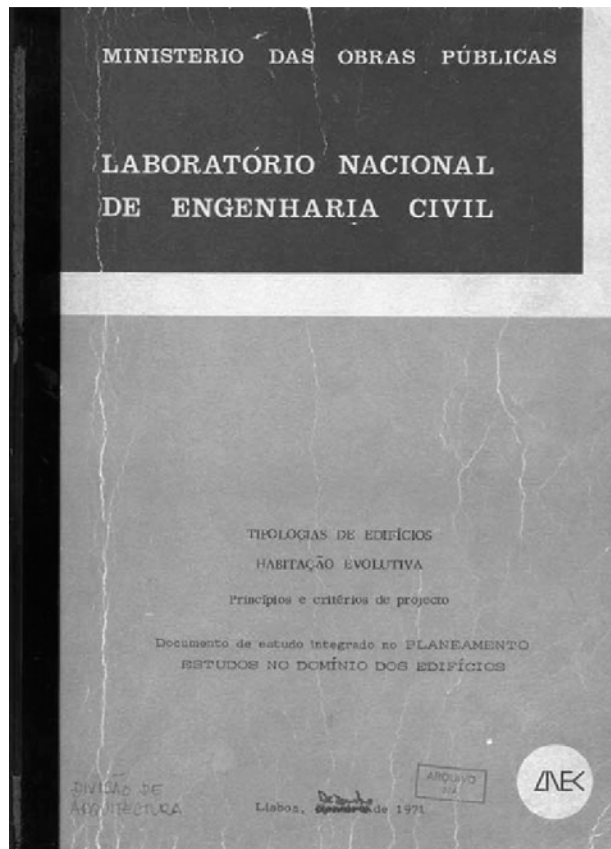
contacto com as populações carenciadas e aplicá-las, porventura em Portugal, Nuno Portas focou-se no vocabulário das ruas e não das casas. (PORTAS, 2013, Entrevista) Desse modo, os estudos de Josep Luis Sert para a América Latina foram outros dos pontos primordiais examinados por Nuno Portas quanto à transformação de paisagens urbanas informais ou clandestinas. (PORTAS, 1959)

Já em 1959, colocava as suas dúvidas: “o problema subsiste, em termos mais vastos: saber qual o comportamento, quais as possibilidades de uma dada forma de agrupamento, de uma dada unidade de vizinhança, quando passamos à escola do bairro e desta à da cidade.” (PORTAS, 1959). As oportunidades de investigar no LNEC – através das inúmeras viagens ao serviço daquele organismo público- e, de publicar conclusões na revista *Arquitectura* sobre operações de realojamento permitiram trocar impressões com equipas mais vastas e pluridisciplinares, bem como com a própria classe profissional, mais sensível a esta temática.

Nuno Portas defendeu uma fórmula evolutiva como um dos pontos da metodologia de realojamento. No artigo denominado, precisamente, de “Habitação Evolutiva”, de Outubro de 1972, em parceria com Francisco da Silva Dias, expôs esquemas de correlação entre as diversas fases – desde o planeamento do processo até à construção –, entre as variantes de lote – estreito, quadrado, médio – ou entre estes últimos e a rua ou praça. (PORTAS, SILVA DIAS, 1972)

Mais tarde, em 1987, para o *Jornal dos Arquitectos*, com o artigo *O Problema e o Caminho (e Vice-versa)*, já em retrospectiva com o programa SAAL, Nuno Portas enunciou o que pretendia da habitação evolutiva. A maior gestão caberia aos técnicos, contudo, pedia-se ao utente um envolvimento, maior ou menor, no que respeitava às opções institucionais e projectuais. O valor dos terrenos fora sempre retirado das análises, salvaguardando do problema habitacional a velha questão da especulação imobiliária. A autoconstrução no próprio núcleo inicial a partir de um lote infra-estruturado e seguindo o projecto fornecido ou a constituição do núcleo inicial por empresas - de pequena ou média dimensão - com as etapas subsequentes em autoconstrução. As etapas poderiam, também, inverter-se noutros tipos de solução como, por exemplo, o núcleo ter sido feito com autoconstrução, enquanto que as ampliações ficariam a cargo das empresas.

Então, as formas evolutivas da edificação tinham uma identidade própria, passível de ser alargada e diversificada com mínimo de incómodo ou perda de materiais. No diálogo com a preexistência, ao mesmo tempo que a respeitava e se inseria na comunidade pré-estabelecida, os alçados traduziam também as



54 | Estudos de habitação evolutiva no LNEC, Dezembro de 1971, e na revista *Arquitectura* nº 126, 1972.



possibilidades de variações particulares futuras. A ausência de limitações indicava, portanto, as próprias transformações das dinâmicas familiares – pois não se tratava de uma entidade estática -, que Nuno Portas já tinha explicado no seu CODA, em consonância com o crescimento do *habitat*. Quanto às implicações deste tipo de habitação no desenho urbano eram claras: a rua era a regra, concluindo-se que o bloco obedeceria a uma norma pré-definida.

Com o SAAL, surgia o momento de aplicar, em Portugal, as teorias da Habitação expostas anteriormente e todo o trabalho que o LNEC realizou dentro dessa temática. (BANDEIRINHA, 2007, p. 113). “manter várias frentes abertas porque os problemas também tinham condições específicas muito diversificadas, muito dependentes de factores, que por vezes, não estariam directamente relacionados.” (BANDEIRINHA, 2007, p. 114). Nuno Portas, adepto da autoconstrução tecnicamente assistida, fez circular o despacho que hierarquizava as intervenções que iriam ter lugar. O *Programa de Acções Prioritárias a considerar pelos Serviços do Fundo de Fomento da Habitação* propunha quatro grupos de resoluções habitacionais: um para a compra no mercado dito convencional, com facilidades no crédito; outro para o mercado de rendas limitadas; outro para habitações promovidas pelo Estado de “rendas mínimas”; e, finalmente, o grupo mais carenciado da sociedade, sem qualquer tipo de condições, que iria ter um apoio estatal imediato – lote, técnicos, infra-estruturas e financiamento. (BANDEIRINHA, 2007, p. 117)

A arquitectura portuguesa da Revolução foi, efectivamente, o SAAL. Pediam-se tipologias credíveis, pertencentes ao local e capazes de conduzir “à opção do aperfeiçoamento de um só modelo que se revelaria suficientemente adaptável – e adaptativo- para os cenários geográficos e sociais que tínhamos por referência.” (PORTAS, 1987)

A economia urbanística e a economia da construção foram outro dos temas deste processo. Tinha-se na noção de custo social o sinónimo de custo mínimo possível. Contudo, nem sempre as áreas mínimas foram a melhor opção, pois a saúde e o próprio comportamento dos indivíduos no seu *habitat* se traduz pela relação entre estes e o espaço – Nuno Portas já tinha enunciado, no seu CODA, a pertinência destes estudos.

No SAAL, nem todas as decisões concretizadas na construção dos vários projectos acertaram com as opções posteriores dos moradores - daí se concluir a pouca eficácia (real) do diálogo entre equipas técnicas e moradores, pois ter-se-ia gasto menos dinheiro se a comunicação entre as partes interessadas tivesse



55 | Manifestações das Associações de Moradores e Cooperativas.

acontecido efectivamente, defendiam os políticos e críticos do programa. Algumas das equipas chegaram a ser despedidas pelas Comissões de Moradores (PORTAS, 2013, Entrevista), o que precipitou o SAAL para as polémicas reivindicações das lutas sociais. Em conjunto, o Ministro da Administração Interna, Costa Brás, e o Ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, Eduardo Pereira, assinaram o Despacho de 27 de Outubro de 1976 que deu o fim oficial do SAAL.

Os projectos foram continuados pelas câmaras ou a título pessoal, sendo conseguidas alternativas e soluções para a finalização das obras. Não houve um acompanhamento real da aplicação dos fundos transferidos da Administração Central. Cada município tomou as suas próprias decisões, dando, em alguns casos, na dissimulação dos problemas sociais reais, retrocedendo o que foi pensado para o âmago do programa.

Assim, a década de 70 trouxe a descentralização do Estado, dando origem aos municípios como mediadores. O *keynesianismo* - que pressuponha um acompanhamento do Estado na economia e daí levar a um ciclo proveitoso em emprego pela própria força dos Mercados - perdia a força e fazia com que passassem a ser os sindicatos a unirem-se em prol de mais ofícios. Politicamente, PS e PSD não estavam interessados no planeamento e souberam criticar o SAAL na sua maior vulnerabilidade: apesar de haver um processo capaz de colocar os projectos a serem feitos, não estavam ainda construídos os milhares de alojamentos no tempo ambicionado. (PORTAS, 2000)

“Não resta senão valorizar o SAAL como campo de redenção do arquitecto, nem sequer como expressão pura de contrapoder – de ‘soviète’ da habitação social para voltar à contradição primária -, senão, simplesmente, repito, como campo no qual as tensões de classe, e internas à classe, constituem apenas o reflexo de contradições estruturais; ainda que, por esta via, formas de organização interessantes para a mudança das relações sociais tenham a possibilidade de se afirmar, como de resto já se afirmaram.” (PORTAS, 1977)

O tempo em que a força da vontade política e dos movimentos sociais em torno da habitação bastavam para que os processos se desenrolassem, tinha chegado ao fim. O cepticismo generalizado pela classe política colocou a dicotomia qualidade/quantidade em descrédito e, conseqüentemente, a espontaneidade da iniciativa das populações carenciadas abaixo da desconfiança partidária perante o ambicioso projecto.



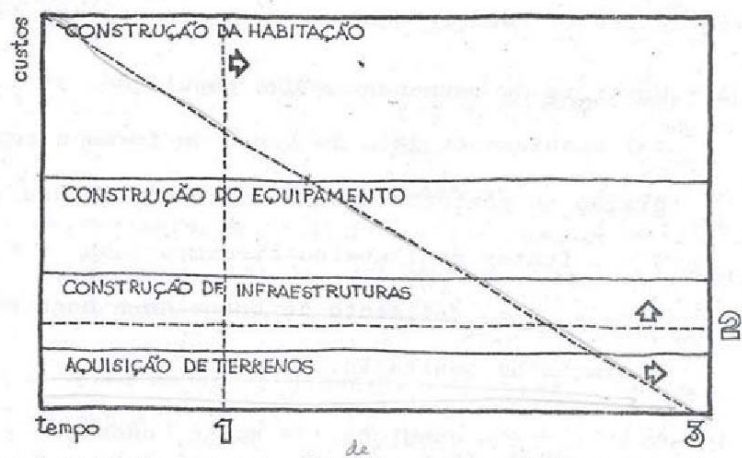
56 | Uma das inúmeras manifestações das populações carenciadas.

Com o SAAL, gerou-se a discussão entre arquitectos e habitantes sobre os próprios bairros. No entanto, há que diferenciar o que houve de diálogo e o que houve de álibi: casas que poderiam ter sido feitas perfeitamente pelo Estado, mas os arquitectos defenderam-se com as escolhas dos habitantes. De facto, Portugal tinha perdido muita população activa pelas razões explicadas já anteriormente e, principalmente, o motivo mais forte para este fracasso político foi não ter podido construir à medida das necessidades das populações. A Guerra teve de ser, mais ou menos, alimentada e não havia pressa para construir em força. O Estado português incitou, num dado momento, a construção massiva, como Chelas – mesmo apesar do conhecimento do que essa (má) escolha tinha transformado as periferias francesas em *bidons-villes*, no segundo pós-guerra (PORTAS, 2000). Os movimentos colocaram o Estado contra a parede, pois este tinha-se comprometido a pagar a totalidade das construções. A reduzida participação real das populações nas decisões estatais foi outra das circunstâncias que levou à paralisação do programa SAAL. As operações foram continuadas pelas autarquias, embora os arquitectos não acreditavam que trouxesse motivações positivas. A incapacidade das políticas económicas causou a falência das políticas sociais do SAAL. Este programa-piloto polarizou demasiadas polémicas e absorveu as controvérsias que se multiplicavam à sua volta. Esta metodologia foi, contudo, usada nos futuros movimentos corporativos da habitação que se seguiram.

#### **B 1.4. O espaço colectivo**

“E foi por pensar que um novo urbanismo – também arquitectura urbana e não apenas de regulação – podia tecer uma trama significativa capaz de atenuar esse fosso insustentável patente em muita da actual arquitectura de prestígio, que escolhi, como se sabe, outras sedes mais institucionais para continuar, com outras dimensões e processos, o que de essencial aprendera e descobrira nos *ateliers* da Rua da Alegria”. (PORTAS, 2004, p. 57)

Por fim, alargando a ideia da cidade para o País, temos de falar em organização e planeamento urbanos. As cidades portuguesas foram sempre mais



\* Colóquio sobre Política da Habitação MOP 1969 Texto Base e intervenção de M. Costa Lobo

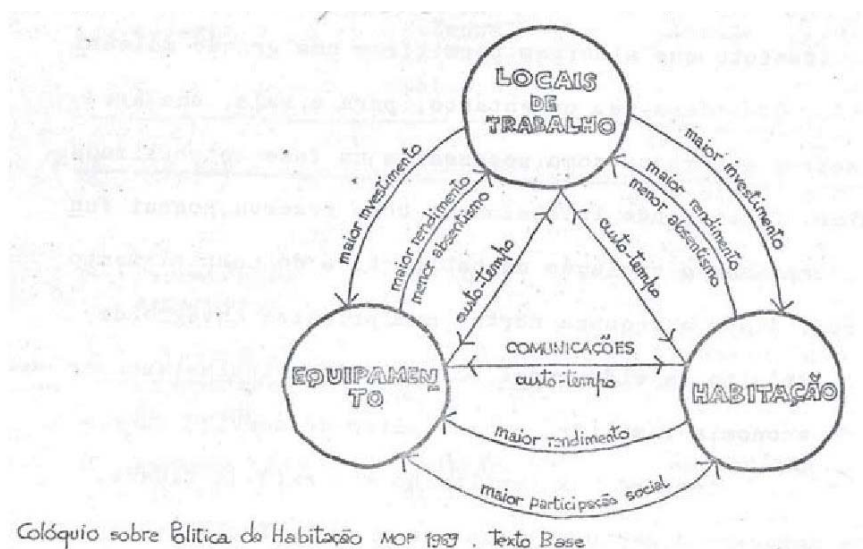
57 | Gráfico de correlação entre as necessidades e as fases do processo do projecto.

orgânicas, preferencialmente consolidadas em encosta, com a componente rio/mar em quase todos os casos de relevo. Já foram pequenas, tiveram um *boom* industrial e demográfico, e voltaram a estar desabitadas, perdendo habitantes para as periferias.

Agora, estão novamente a voltar a aumentar pela expansão do espaço entre cidades, enquanto que as cidades dentro de si próprias se estão a desocupar. O colmatar desse espaço, de uma forma quase obsessiva, torna a forma da cidade consolidada numa nova: as agora denominadas áreas metropolitanas. O subúrbio já não é só a ampliação sistemática das cidades, pois cresceram a tal ponto que são parte da cidade. As famílias são iguais às do centro da cidade, o que se lá passa é a mesma coisa que dentro da área consolidada – ou pelo menos deveria ser. No entanto, em todo o processo, foram deixados espaços livres, e com o passar do tempo, degradados. É uma temática colectiva, da competência dos urbanistas, dos engenheiros de tráfego, dos paisagistas, dos arquitectos. Com a entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE), os fundos comunitários suportaram os investimentos de equipamentos e parques públicos. Com o corte destes subsídios europeus, a manutenção dos lugares, a cargo das autarquias, passou para terceiro plano ou foi excluída dos orçamentos municipais. Sendo espaços de práticas colectivas, o seu arranjo depende do Estado e, por outro lado, da qualidade cívica das populações que os usam. (PORTAS, 1991)

Na verdade, o espaço público foi sempre relevado para o final. Construía-se primeiro e pensava-se no espaço sobranante depois – ou nunca se pensava. A deslocalização de funções e serviços que antes pertenciam exclusivamente à cidade, se é que lhe podemos chamar assim, fez com que as vias rápidas crescessem e se tornassem mega infra-estruturas não pensadas para a qualidade de ambiente urbano do cidadão, em particular enquanto peão.

Também os técnicos, arquitectos e engenheiros, por um ou outro motivo, ajudaram na densificação e agigantar das estruturas herdadas: “grandes concentrações em arquipélagos ou nebulosas urbanas, onde as comunicações multimodais, que são a chave estratégia da eficiência económica e da coesão social, apoiaram-se nas estradas do Estado Novo, desdobraram-se com os fundos comunitários, mas já não foi pensada nem realizada por antecipação, como o foi no século XIX, isto é, como rede, transporte e equipamento da nova cidade - mas sim como se esta não existisse, embora estivesse lá- legal ou clandestina.” (PORTAS, s.d.)



58 | Diagrama sobre as relações entre local de trabalho, equipamentos e habitação.

	<b>Objectos intermediários</b>		<b>Objectos reais</b>
	estruturas profundas condicionamentos generalizados expressão institucionalizada		estruturas superficiais condições temporais e locais expressão de autor
Definição de objectivos	META PROGRAMA "padrões"	↔	PROGRAMAS PARTICULARIZADOS
Escolha da solução	META PROJECTO "tipos"	↔	PROJECTO "obra"
	Conhecimento reflexo integração inter-disciplinar		Conhecimento directo intervenção dos utentes

59 | Noções de meta-programa, meta-projecto e sua relação com o programa e o projecto segundo Nuno Portas.



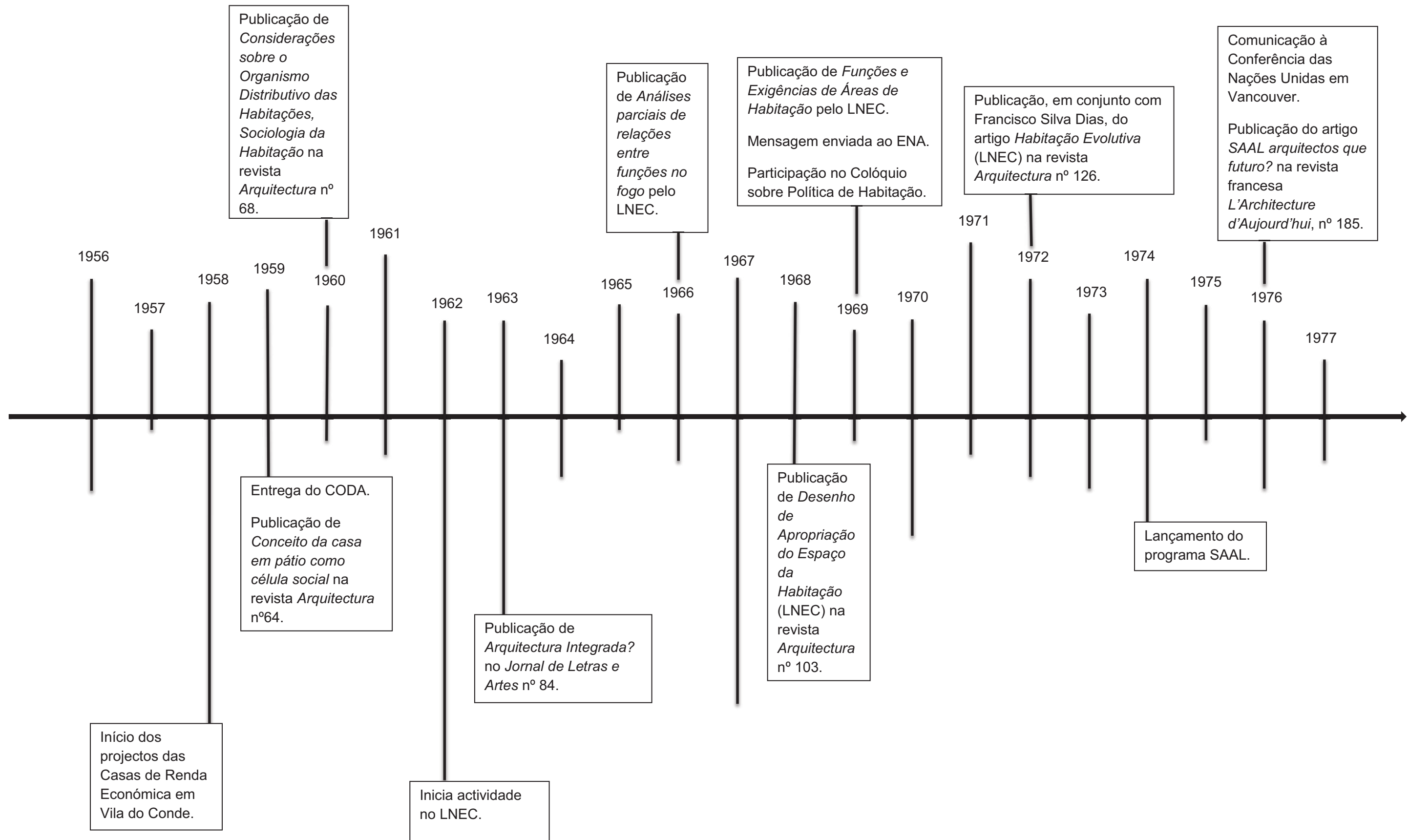
Tal como a reabilitação: começa dentro dos edifícios e propaga-se à rua, ao bairro e à cidade. Não na forma de ideologia de uma tese muito ensaiada que é a de agora se reabilitar luxuosamente e para uma elite, excluindo deliberadamente a maior fatia de população e, por conseguinte, aqueles que ali viviam, ou seja, os mais pobres e os mais velhos. Dizem-se em nome do rejuvenescimento da cidade. As formas do passado continuarão lá como herança, nenhum de nós as pode renegar. Cidades históricas centrais numa determinada região viram o seu espaço público melhorado por iniciativas POLIS ou de Capitais Europeias da Cultura, por exemplo. No entanto, as auto-estradas favoreceram as comunicações inter-regionais sem coser as fatias inter-urbanas.

A ligação de partes, que no decorrer do tempo se separaram - ferrovias, vias automóveis, zonas industriais abandonadas – deverão integrar-se nos tecidos urbanizados e construídos, como a rua e a praça.

Os Planos Municipais deveriam ser um conjunto coerente de políticas sérias, com base na negociação entre os que nos representam e nós próprios, de modo que o espaço público passe a ser visto como uma das estruturas da cidade. No âmbito de catalisador de novas experiências e de novas expansões territoriais, o espaço colectivo deverá ser pensado pela rede de mobilidade que suporta a cidade desde a alta-velocidade ao metro e do carro ao peão, até calculando o uso da bicicleta. O sistema de acessibilidades e o recoser as cidades, pegando nos locais obsoletos, nas fracturas e arquipélagos, poderá construir uma teoria viável de modo a ser reavaliado e refundado quando as circunstâncias mudarem. A melhor qualidade do “meta-desenho” – ou “meta-projecto”, conceito defendido por Nuno Portas, que é a representação do espaço que resolve o “meta-programa” - foi a sua adaptabilidade, sendo capaz de regar sem impor decisões irreversíveis. (PORTAS, 1969, p. 54)

Após 74, a gestão urbanística entrava nas funções dos arquitectos, assim como a pesquisa histórica no âmbito da valorização patrimonial da arquitectura portuguesa e a intervenção arquitectónica na cidade. A clarificação de funções veio, portanto, impulsionar a disciplina do urbanismo numa via processual em relação ao espaço urbano. O pragmatismo profissional enriqueceu com a multiplicidade da pesquisa e o processo do desenho público.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



MAPA CRONOLÓGICO – POLÍTICAS SOCIAIS  
1956-1977









POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



## Ser (um autor) social e político

**“Costumo dizer aos alunos que as oportunidades não previstas e as que provocamos são cada vez mais a regra para o desenvolvimento das cidades. Nem todas dão certo. Mas tentá-las é uma obrigação da cultura reformista e reflexiva a que (quase) sempre me liguei. Sem falsas modéstias, posso dizer que o que fiz, melhor ou pior, devo-o aos amigos e desconhecidos que me deram a oportunidade de optar no tempo certo. Entre a convicção e a incerteza, sempre.”**  
**(PORTAS, 2006)**

Nuno Portas defende que a incerteza tem um papel fundamental na tomada de decisões em Arquitectura e, por conseguinte, em urbanismo. Hoje, as escolhas são múltiplas. Deste modo, testa as suas convicções projectuais com probabilidade de as refutar no momento a seguir. Provando as falhas de metodologias, Nuno Portas sem grande carga doutrinária não tenta chegar a leis universais ou miraculosas. Faltar-nos-á sempre alguma coisa mais: outros métodos (velhos ou novos), elementos de cálculo mais avançado, diagramas, investigações antro-po-sociais.

As cidades estão em mutação, quer seja em expansão, quer em reabilitação. Cada vez mais, o futuro é um mar aberto de hipóteses. A prática, no terreno de acção, terá as críticas próprias e sucesso possível, com a certeza que o tempo de uma ou duas gerações será curto para a avaliar. Como Nuno Portas fez ao longo da sua carreira, há que aproveitar essa incerteza para gerar novos projectos, novas teorias,

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

novas críticas, correndo o risco de não ser essa a mudança precisa. O risco precede, portanto, o papel do arquitecto.

“São mudanças a mais para que as cidades sejam como eram. (...) Durante séculos a cidade teve o monopólio da infra-estrutura, necessária à edificação e à organização urbana. Hoje a infra-estrutura percorre territórios imensos facilitando um processo de colonização urbana onde o edificado se conecta directamente com a estrada.” (DOMINGUES, 2009, p.17)

As cidades vivem de encontros. A interacção entre as pessoas, mesmo que pontuais, faz movimentar as dinâmicas. O espaço público deve ser apropriado por iniciativas, mesmo que temporárias e, provavelmente, por meta-projectos, como verificámos anteriormente, prevendo a ocorrência de mutações urbanas significativas.

Na verdade, vivemos num país desigual. Geograficamente, essa assimetria declara-se numa litoralização de Setúbal a Viana do Castelo; socialmente, estamos imóveis; politicamente, descredibilizados. Contudo, há quem faça o caminho inverso: ir para o interior, criar empreendedorismo e dinâmicas económicas. Assim, temos de absorver de uma vez por todas que o endividamento do País é o cerne de uma questão muito mais complexa: a da falta de consciência político-social.

“Quando as tutelas não falam umas com as outras – o que mais me ocorre -, cada um, seja ministério, secretaria de estado, instituto público, município ou concessionário privado, faz como melhor lhe parece, quando pode e começando ou acabando onde entende.” (DOMINGUES, 2009, p.217).

“O país enfrenta o que poderá ser considerado um êxodo intelectual e criativo em que a maioria dos jovens licenciados tenta procurar alternativas onde as qualificações adquiridas sejam devidamente valorizadas e monetariamente recompensadas.

Perante tal cenário de penumbra é inevitável que surja uma rutura face ao modelo arquetónico dominante levando ao questionamento das práticas normalmente implementadas e sugerindo modelos alternativos.” (ALPALHÃO, 2013, p. 110)

Logo, a arquitectura portuguesa está dividida entre a permanência e a internacionalização. As especializações e o *know-how* requeridos para programas complexos como por exemplo hospitais, estádios, aeroportos, centros comerciais, espaços hoteleiros, entre outros, são cada vez mais pedidos nos concursos internacionais. E quanto mais projecção num determinado tipo de especialização, maior o preço que o cliente paga pelo projecto e, conseqüentemente, pelo arquitecto.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

A atractividade da marca pessoal no processo do projecto e a expectativa criada ao cliente são, sem dúvida, características essenciais à sua escolha. O culto do autor é apreciado pelo inconfundível desenho.

Alargar horizontes é estabelecer redes de contacto, à semelhança do que Nuno Portas fez no passado. Com tantos arquitectos emigrados, mais fácil seria dar vida a novos protocolos. Ir para fora implica apostar na ambição profissional, no empreendedorismo e no espírito de aventura. Num mundo liderado pela língua inglesa e a cultura anglo-saxónica, ir à procura de novos mercados (Ásia e África) envolve aprender o papel do marketing na economia. Teremos vantagens competitivas ao agilizar processos e os contactos com parceiros locais o que gera oportunidades de trabalho convidativas a trabalhar em Portugal com encontros de trabalho para que o cliente acompanhe o processo. Os *ateliers* portugueses têm qualidade para competir nos concursos internacionais e ter parceiros estrangeiros a longo prazo, de modo a ganhar clientes e investimentos externos.

O efeito Bilbao, baseado no *branding* – evidente numa cidade portuária que despoletou culturalmente através do Museu Guggenheim projecto por Frank Gehry -, apesar de continuar a ter fortes adeptos, não tem tantas encomendas como as de outrora. Se por um lado, os arquitectos-estrelas foram abalados pelos efeitos da crise económica mundial, projectando, neste momento, para pequenas elites, a maior parte dos pequenos *ateliers* estava demasiado dependente do Estado, pois era o seu maior cliente e, assim sendo, a sua maior fonte de rendimento.

Regra geral, os arquitectos portugueses são bem-sucedidos, exportam ideias e projectos interessantes. Internacionalizar, emigrando ou não, é apresentar o nosso potencial e o nosso produto, como Nuno Portas exportou o “produto Siza”. (PORTAS, 2012)

Logo, seguindo a linha de carreira do arquitecto do nosso caso de estudo, as (novas) colectividades parecem, hoje, associar-se a partir de uma lógica “de baixo para cima”, e não na elevação do autor. “É, na verdade, a lógica *bottom-up* das intervenções, invertendo a tradicional metodologia *top-down* da arquitectura, que lança desafios inauditos à disciplina” (BAPTISTA, 2013, p.21). Nuno Portas trabalhou entre a função social e a função cultural do arquitecto: o colectivo *versus* o individual. Provou-nos que nenhuma das duas é mais infalível do que a outra, valorizando as pontes conceptuais geradas entre elas.

Temos direito à cidade, tal como Henri Lefebvre comunicou em 1968. Será uma cidade mais espontânea, mais social, mais informal? Talvez. Dará liberdade, sem

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

rigidez e proporá alternativas fora do contexto tradicional. O envolvimento com a realidade é pretendido, reciprocamente, entre cidadão e arquitecto.

“No entanto, sempre sob a sombra do momento único e irrepetível do SAAL, alguns arquitectos e colectivos portugueses parecem estar já a perfilar-se por estes pensamentos mais participados e sociais e a tornar mais elástico o campo da sua atuação, com o intuito de alcançar o diálogo e uma troca enriquecedora que crie diferentes posições, com outras disciplinas e participantes” (LEITE, RIBEIRO, 2013, p.108).

Produzir é, portanto, uma maneira de reagir e uma escolha política da parte de cada um de nós. Deste modo, abrem-se novas ocasiões de trabalho, produzindo outras ferramentas de apoio à profissão, pois as oportunidades também se fazem através de trabalho.

Nuno Portas pensou, curiosamente, estas políticas em momentos similares da sociedade portuguesa. As políticas de autor lançaram jovens arquitectos – sem excluir o trabalho da geração imediatamente anterior - nas revistas internacionais, ao mesmo tempo que as metodologias para a habitação social começaram a ser exploradas. Estando a política portuguesa tão fechada sobre si mesma e havendo a Censura a cortar a crítica social, não havia espaço para ir mais além do regular.

O ano de 1959, com a publicação do artigo “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal” e a entrega, no Porto, do seu CODA, permitiu que Nuno Portas estivesse para além do seu tempo em políticas tão díspares como as de autores e as do *habitat* social. Tratava-se não só de uma oportunidade para os que eram publicados e convidados para projectos no estrangeiro, em especial Álvaro Siza, como para a divulgação e conhecimento do que era a arquitectura portuguesa – e, conseqüentemente, para os críticos como Nuno Portas se promoverem. A partir da década de 60, a qualidade dos projectos portugueses passou a ser valorizada. O rigor do desenho, conceituado pela sua eficácia e inovação, ainda hoje é uma das características da arquitectura portuguesa.

As trocas de experiências entre as duas políticas é uma constante no itinerário de Nuno Portas. Soube retirar de cada uma delas as opções mais viáveis e ensinar-nos que um autor pode fazer arquitectura social sem deixar o seu ADN - como Álvaro Siza é exemplo.

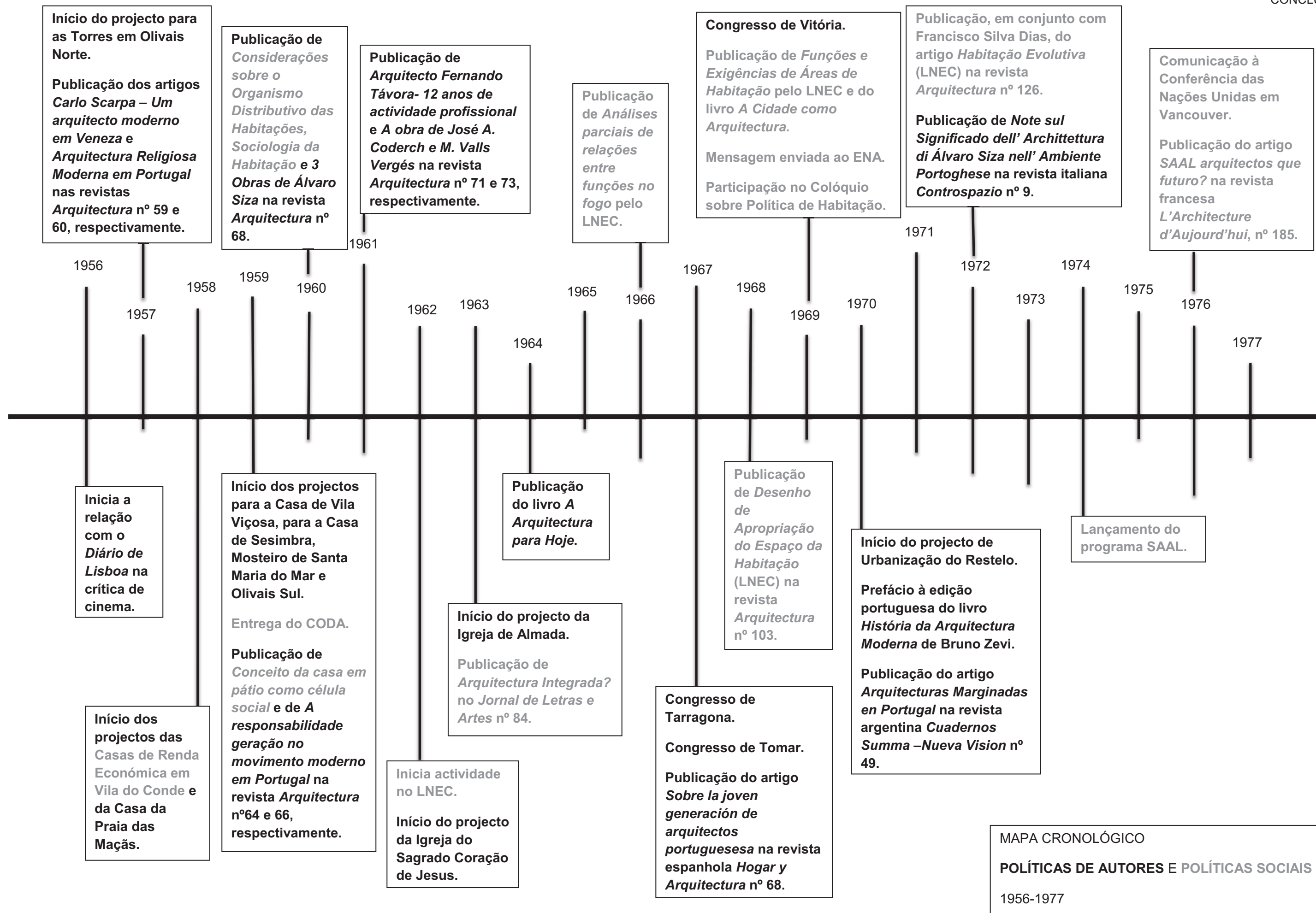
Agora, o caminho é partilhar, incluir, colectivizar. Geram-se novas comunidades, constroem-se novos mercados e trabalha-se a escassez. Desafiam-se as relações financeiras e económicas, pois não existem alturas ideais, onde tudo





converge para o sucesso ou para o investimento certo. A troca de experiências, dificuldades e recursos tenderá a aproximar a classe. E a crise, como o foi, noutros moldes, para Nuno Portas, pode ser um bom motivo para mudar as políticas e as consciências. Assim, a valiosa herança que nos deixa - além dos estudos, análises e metodologias – é a possibilidade de tudo ser incluído, valorizando outras áreas do Saber e complementando o autor com a vertente social.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL







POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

**ENTREVISTA**

Junho de 2013

**Pergunta: Começaria por perguntar se fazer arquitectura de autor é uma escolha.**

Nuno Portas: Eu podia contar a história com algum detalhe pegando nessas palavras, porque, na verdade, a política de autores é uma coisa que eu gostaria de fazer no cinema quando estava na Escola de Arquitectura, nas Belas Artes. Eu estava muito convencido que ia fazer cinema, portanto, fiz algumas viagens e numa delas tomei contacto com os *Cahiers du Cinéma* que era a revista de culto. E foi aí que me soou bem a ideia da política de autores porque, de facto e, concretamente, numa dessas revistas, juntaram-se uma série de amigos. Foi o mesmo que nós com a *Arquitectura*, que não eram os clássicos, porque esses já estavam fartos da revista de arquitectura. Venderam-na por vinte escudos - uma coisa simbólica. Nós compramos a revista, ou melhor, os mais velhos compraram, porque eu era o mais novo e, por isso, não entrei no negócio directamente, foi o Carlos Duarte. Eu era o mais picante nesta ideia.

Já que deu resultado em França na *Politique des Auteurs*, em que uma nova tendência vingou. Não era a escolha dos melhores. Era a escolha de uma tendência contra a escolha de outra tendência - isto é importante para se perceber bem por que é que foi assim. E no cinema também era isso. Eles tinham uma certa ideia de verismo, mas ao mesmo tempo muito ligada ao cinema americano com características que não eram as habituais. Portanto, trouxeram isso para França e começaram a pensar que a revista que estava a começar nessa altura, *Cahiers du Cinéma*, podia fazer uma política claramente para dar um valor maior, do que seria de esperar, a uma série de novos cineastas que estavam a querer romper, fingindo esquecer os mestres da geração anterior. Isto é uma tática política como outra qualquer.

Acreditei que era isto que nós devíamos fazer na *Arquitectura*. Quando eu tomo a decisão de fazer arquitectura com o [Nuno] Teotónio Pereira, em 1959, já tinha

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



feito a viagem a Itália. Conheço o [Carlo] Scarpa nessa altura, porque já tinha ouvido falar dele antes e sabia que era muito interessante. Depois resolvi, quando fui com o Teotónio ver os bairros em Itália, passarmos em Veneza. Num dos bairros que visitámos, tive a sorte de encontrá-lo. Andou dois dias connosco a mostrar Veneza, inclusive as obras da loja Olivetti na Praça de São Marcos, que estava nessa altura em acabamentos. Foi muito interessante.

Quem seriam os tais autores que nós íamos buscar do estrangeiro para dar valor e para dar força? Não podia ser o Corbusier que estava muito identificado com o que estava para trás. Tínhamos de encontrar tendências, em matéria de arquitectura e do urbanismo, que começavam a emergir através da crítica do modernismo. Portugal e Espanha eram um caso à parte, porque estavam num regime que não tinha graus de liberdade suficientes. Fizemos as mudanças mais ou menos ao mesmo tempo, muito apoiados na linha italiana e também, através do Carlos Duarte, nos movimentos em Inglaterra.

Começamos a falar em nomes, tal como aconteceu no cinema com o Paulo Rocha e o [Fernando] Lopes, ou o próprio rejuvenescimento do Manoel de Oliveira que faz os seus filmes depois, muito tarde - faz os primeiros quando era actor de cinema e desenhador de arquitectura. Aquele era o autor, indiscutível, embora não houvesse filmes - só tinha o *Aniki-Bóbó*.

**Pergunta: A sua ideia de política de autores também está ligada a ideia de geração, portanto, não destacava ninguém?**

Nuno Portas: Era um grupo, que eu não podia dizer os nomes de todos. Dentro da revista, eu acho que era o mais maníaco desta ideia. Outros seriam um pouco mais abertos, porque também tínhamos de mostrar os outros arquitectos. Mas quando o [Ruy] Athougúia fez um projecto de uma pousada perfeitamente formalista, no sentido modernista, para a Nazaré, eu disse que aquilo era uma linha errada. Nunca se tinha escrito um artigo destes numa revista de arquitectura em Portugal ou no estrangeiro.

No cinema isto faz-se. O que me fez sentir capaz de continuar esta política foi ter vindo da crítica de cinema, onde se diz uma obra menor do cineasta X ou uma obra maior do Y. Contam-se histórias extraordinárias da crítica de cinema. Houve bons cineastas que receberam duras críticas, porque estavam esgotados. Quem é que diz isso do [Eduardo] Souto Moura ou de qualquer outro, ou mesmo de mim? Não se diz. Tudo é bom.

**Pergunta: E com os seus colegas arquitectos?**

Nuno Portas: Eu entro na revista e o Carlos Duarte diz-me: “Tu que costumavas ir ao Porto, ficas encarregue de arranjar os artistas do Porto. Nós vamos arranjan-do os daqui.” Portanto, eu vim ao Porto, falei com o Távora e ele falou-me dos seus jovens. Estranhamente, também me recomendou o Arnaldo Araújo, que depois viria a ser o *pivot* de todo o desmantelamento da Escola do Porto, naquele período em que se criou a *Árvore* e em que eles se zangam - que é o mesmo período daquele concurso em que o Távora ganha e o [Octávio] Filgueiras perde.



**Pergunta: E desses jovens do Porto quem estava? Estava o Alcino Soutinho, estava o Siza?**

Nuno Portas: Sim, e foi aí que o Távora me disse que eu tinha de falar com o Siza: “Você tem de falar com o Siza. É meu colaborador. Acabámos agora de fazer o Mercado de Vila da Feira. Penso que vai ficar surpreendido”. E eu respondi a brincar: “O que eu quero é estrelas”.

Os padrinhos desta aventura foram o Teotónio, em Lisboa, e o Távora, no Porto. Deram dois personagens que sendo muito respeitados quer no Porto quer em Lisboa, na verdade, não eram ortodoxos do ponto de vista político. O Teotónio, aos olhos da Polícia Política, surgia como um homem que merecia ir para a cadeia, o que aconteceu três ou quatro vezes; mas o Távora nunca mereceria ir para a cadeia, não havia razão para isso. Em compensação, o [Arménio] Losa, sim. Havia também o cruzamento com a questão política. Por isso é que o assunto era delicado. Nós, mais jovens, também éramos de esquerda, mas não éramos do PC [Partido Comunista]. Mas dois ou três, na revista, eram do PC. Eu, o Carlos Duarte e outros não estávamos nessa linha. Uns eram Católicos Progressistas, como era o meu caso, outros eram não-religiosos e não-comunistas, mas eram da oposição. O Carlos Duarte também passou dificuldades. Por causa da Arquitectura, estávamos a fazer uma divisão na frente de luta política.

**Pergunta: Esses autores que vocês privilegiavam, que tanto diziam bem como no número seguinte poderiam dizer mal, não pretendiam destacar ninguém? Não havia a ideia de criar estrelas na Arquitectura? Isso só veio a acontecer quando o Siza se descola dessa geração?**

Nuno Portas: Sim, mas não só o Siza. Eu já pensava que as Águas Livres eram um grande passo em frente do Teotónio. Repare que nessa altura muitos de nós já estávamos a projectar os Olivais.

As coisas do Siza só se podiam publicar depois de 1961. O Pedro Vieira de Almeida também se juntou a este grupo, também era um dos que tinha a preocupação dos autores. A novidade é fazer, na revista, cadernos com várias obras do mesmo autor, o que antes não se fazia. Faziam-se mais pelos temas ou por uma obra que, agora, se destacou. A revista estava a sair, nessa altura, um número por ano só para não desistir da sua publicação.

No final dos anos 50, ainda antes da guerra de Angola, acreditou-se muito que se ia dar um período de avanço económico português que depois foi completamente anulado pela guerra. Mas a própria OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico] apoiou Portugal em 59 e 60. Havia uns jovens turcos na política, na economia e, portanto, havia um surto de que poderia haver mudanças em Portugal. Isso suporia eliminar o Salazar. Havia uma certa pressão europeia. Em 61, é a guerra de Angola. Acabou. Endureceu outra vez a política.

O caso, portanto, era procurar vedetas de referência nas revistas estrangeiras, ou ir lá falar com elas, como foi o caso com o Scarpa, o [Josep] Coderch e depois com o [Oriol] Bohigas e com o [Vittorio] Gregotti, por exemplo, e o [Bruno] Zevi, que era, além do mais, um panfletário da arquitectura orgânica. Eu juntei-me sempre a esse

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

grupo, mesmo sem saber o que era e por que é que se chamava assim. Em vez de ser racionalista, era mais orgânica, talvez.

A questão era criar pacotes, por exemplo, “12 anos do *atelier* Távora”, ou as “Primeiras Obras de Álvaro Siza”. Embora, logo a seguir ao Siza, escrevemos sobre a Casa de Sesimbra, a de Vila Viçosa e até na capa da revista também a Casa das Maçãs. Eu não me posso queixar. Apareceram três ou quatro obras que o Teotónio considerava que eram mais minhas que dele.

**Pergunta: Mas defendeu sempre esta ideia do colectivo, ou seja, de ser uma geração. E há pouco estava a falar do Siza. Acha que o Siza, por se ter destacado, perverteu essa ideia?**

Nuno Portas: Não, não perverteu nada. Antes pelo contrário. A minha ideia era dizer que o Siza era o chefe de fila da “Nova Vaga”. Naturalmente, ele era o [Jean- Luc] Godard e eu fazia de [François] Truffaut. Nós só nos definíamos por isso, porque se fôssemos falar sobre o Zevi e o Frank Lloyd Wright, já não tinha sentido. Era uma guerra de outros, que já tinha passado. O comum entre todos nós era o Alvar Aalto, curiosamente, quer no Porto quer em Lisboa. Os nórdicos eram, os que nos pareciam, ter mais bom senso. E, por outro lado, os italianos, apesar de serem muito polémicos. As duas revistas italianas *Metron* e a *Casabella* foram objecto de uma capa da revista inglesa *Architecture Review* - uma revista famosa que toda a gente tinha e o Teotónio inclusive assinava - onde colocaram a frase *The Italian Retreat of the Modern Movement*. Portanto, o regresso à revisão do Moderno.

Uma coisa básica sobre a Política de Autores é que é injusta. Deixa muitas feridas no caminho. Há pessoas, que nós só nos apercebemos mais tarde, com importância, mas para valorizar as primeiras não podemos falar de todas. Para já, é preciso ter um líder, porque em tudo o que se relaciona com a Arquitectura, existe um líder.

**Pergunta: E sempre soube que Siza seria esse líder?**

Nuno Portas: A mim, pareceu-me evidente que o Siza ia ser, porque era melhor que nós. Mas somos nós que lhe vamos mostrar que ele é isso e a seguir vamos nós. Portanto, aqui há uma opção dupla. Quando eu escrevo o artigo “Sobre a jovem geração de arquitectos portugueses” na revista espanhola, *Hogar y Arquitectura*, lanço o Siza.

O papel das revistas era primeiro fazer uma campanha em Espanha, pela proximidade e, mais tarde, os Pequenos Congressos também faziam uma Política de Autores. Estas reuniões não são sindicais, são de minorias agressivas, chamemos-lhes assim, no sentido de serem críticas. Isto de fazer crítica de arquitectura não era só dizer mal, era também construir edifícios. E foi isso que a revista *Arquitectura* fez. Acabada esta missão, quando eu fui para o LNEC, disse para mim mesmo: “Acabou-se a Política de Autores. Está feito. Isto agora segue com o que nós fazamos e segue com os próprios autores.”

Interessei-me pela Sociologia e pelas Políticas da Habitação. Não se podia fazer tudo e, nesse mesmo momento, entro como docente para a Escola. Houve um

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

período em que tivemos de interromper as Igrejas que já estavam em construção - a Igreja do Sagrado Coração inaugurou-se em 71, mas o concurso foi de 61 e começou-se a construir dois anos depois. Já eram coisas a mais dentro da minha cabeça, alguma coisa tinha de largar.

**Pergunta: Largou a Política de Autores.**

Nuno Portas: Larguei a crítica de autores e passei a defender mais as lógicas comuns a populações que estavam a ser sufocadas pelos formalismos novos - que eram as arquitecturas que estavam a começar a aparecer, como os pós-modernistas. De alguma forma, nós achávamos que isso iria relançar problemas diferentes dos nossos. Nós éramos pós-funcionalistas. Nem o Teotónio e nem o Távora queriam outra coisa. Ou o [Manuel] Taíinha que era o chefe de fila intelectual dos da geração do Keil [do Amaral]. Ele próprio faz uma revista paralela à nossa. Não durou muito tempo, mas foi interessante. Foi ele que publicou os dois melhores textos sobre o Alvar Aalto, não fomos nós.

De maneira que, nessa época, pensei que estava na altura de pensar no futuro deste País. Já havia uma geração que se mexia sozinha e depois viriam os colaboradores desta. As coisas passavam-se muito, não por retóricas, mas por “eu trabalho no *atelier* ou no escritório de...” Achei que para estes assuntos corporativos já havia muita gente. A Arquitectura já estava bem defendida. Não voltei a fazer arquitectura depois disso sem ser um projecto ou outro muito simples que pudesse fazer em casa.

**Pergunta: O interesse pela arquitectura social vem dos sociólogos que andava a ler?**

Nuno Portas: Aí é que estava a minha dúvida. Eu achava que a nova geração não tinha só a questão formal de ir buscar as tradições. O próprio Inquérito foi feito, na sua maioria, pelos antigos que nós criticávamos. Até houve uma discussão interessantíssima no Sindicato dos Arquitectos quando o Keil apresenta os resultados do Inquérito. Embora eu não tenha participado em nada dos inquéritos porque não tinha idade para isso - os mais novos têm mais dois anos ou três do que eu, mas foi por um triz. Os chefes eram Teotónio, Távora, Filgueiras, Frederico Jorge e depois no Algarve, o [Manuel] Laginha.

**Pergunta: Mas então porque é que os sociólogos franceses lhe interessavam? Porque olhavam para a cidade periférica?**

Nuno Portas: Interessavam-me os bons arquitectos, mas não me interessavam os franceses, interessavam-me os italianos. Na Sociologia, interessavam-me os franceses, porque no fundo estes sociólogos foram os primeiros, pelo menos na Europa que líamos. No fundo, foi um homem que teve um Centro de Estudos, Chombart de Lauwe, que trouxemos a Portugal - ainda é anterior ao [Henri] Lefebvre.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



De 58 a 61, é o período super-criativo, misturando tudo, já que toda a parte da Sociologia vem já em 58. Depois, no laboratório, vieram as condições para fazermos estudos na linha de Chombart, porque isso supunha uma organização. Eu fui para o LNEC [Laboratório Nacional de Engenharia Civil] para poder trabalhar com a Sociologia.

Os arquitectos estavam a fazer projectos de que desconheciam as consequências. Tão simples quanto isto. Esse era um dos dados importantes da questão dos autores. Se formos ver bem, nós pensávamos que os modernistas não eram só uma questão do feitio e do caixote, como as pessoas diziam: da Arquitectura-Caixote. Corbusier e os mestres da Bauhaus estiveram convencidos de que aquilo é que era o futuro da humanidade. Eles tinham certezas. E nós ali, como em Espanha e como em Itália, tínhamos mais incertezas do que certezas. Tínhamos mais humildade em relação ao passado do que os que eram mais radicais.

Em 50 e 60, nos países ricos já se estava a fazer uma arquitectura que não nos interessava muito, que era aquela das cidades americanas e brasileiras. Esta arquitectura também que já não tinha nem o nível do Corbusier, do [Walter] Gropius ou do [Josep Luis] Sert. Isto justificava que nós procurássemos uma nova via. Demorou pouco tempo, porque a seguir apareceram os pós-modernistas.

O próprio [James] Stirling - que nós apreciávamos muito - passa a projectar edifícios difíceis de compreender. Já tinha acabado praticamente o Team X que era muito agressivo nos anos 50, mas já estava a dividir-se quando nós começámos. E com alguns equívocos, porque juntar o [Georges] Candilis, o Giancarlo de Carlo, o Peter Smithson e o Pancho Guedes, por exemplo, já não fazia sentido nenhum. Contudo, deram um empurrão muito parecido com o que nós pensávamos que era necessário e, seguramente, copiámos coisas deles. [Aldo] Van Eyck falava muito na rua e no espaço social, por exemplo. Mas também era muito semelhante ao que o Giancarlo de Carlo estava a fazer em Itália.

As Igrejas também ajudaram, porque as ideias que nascem nesse período de 61, vendo bem, têm mais passado do que se poderia pensar: não de copiar as formas, mas de entender que a cidade existe. A cidade não é um acontecimento que se irá realizar daqui a cem anos, para um homem novo, vestido de outra maneira. Tínhamos de partir do agora, com o máximo de conhecimento e a possibilidade de estas pessoas - e as que estão para vir - possam modificar o que foi pensado. Não dizíamos que a nossa vida no futuro é esta. Nessa altura, por causa dos sociólogos, já tínhamos grandes dúvidas acerca do amanhã. O livro *Arquitectura para Hoje* era isto.

**Pergunta: Depois, esse desencanto que tem com os excessos dos arquitectos, leva-o a interessar-se pelo trabalho dos não-arquitectos. As suas políticas sociais também são informadas pelo não-arquitecto?**

Nuno Portas: O problema que eu colocava não eram as casas, mas sim as ruas. E, para isso, também é preciso ter um vocabulário. Ora, o modernismo tinha acabado com as ruas. Nós tínhamos de as ressuscitar. Bem dito Corbusier que faz Chandigarh antes de morrer. É uma coisa extraordinária, porque as ruas estão lá. Um homem que começa por escrever "*Il faut tué la rue-corridor*" e depois acaba por fazê-las ali.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

Nós estávamos a defender os tais autores, mas nenhum deles era claro. Todos andavam numa certa confusão. O mais simples era termos continuado como modernistas. Não o fizemos, também não tínhamos certezas de nada. Podemos dizer que estes são os autores que tiveram dúvidas.

**Pergunta: Mas como é que no meio dessa confusão toda ainda foi introduzir a do Terceiro Mundo das favelas e das barriadas?**

Nuno Portas: Porque isso fazia parte de entender Portugal. Eu não fui para lá para fazer projectos, fui para ver como se estava a fazer – ver como estavam a fazer nas Nações Unidas foi uma desculpa para o LNEC. Eu, já nessa altura, acreditava muito que as próprias pessoas pudessem entrar numa linha de *empowerment*. Exactamente porque temos dúvidas, exactamente porque as situações são diferentes, tínhamos de partilhar com outros que estavam a ter as mesmas questões. Porque não dar poder de decisão na própria casa?

Foi nesta questão que o SAAL me enganou ou eu não fui suficientemente claro. Para mim, o SAAL era uma tentativa de fazer empowerment. Os clientes tinham os técnicos, os arquitectos – até porque alguns foram despedidos pelas Comissões de Moradores por exemplo, no Sul, o Teotónio. As duas pessoas que me ajudaram a fazer isto, o Teotónio e o Bruno Soares, perderam o seu projecto SAAL porque não conseguiram entender-se com as populações.

**Pergunta: Então acha que o SAAL foi menos empowerment e mais participação?**

Nuno Portas: O SAAL fez empowerment porque tinha direito a isso. O que se esqueceu é que havia muitas outras questões de empowerment que certos grupos, como o do Norte, o do Alexandre [Alves Costa], não ligaram importância: às cooperativas e às urbanizações à volta que tinham o seu quintal, por exemplo. O verdadeiro empowerment foi o dos arquitectos, embora o dinheiro estivesse na mão dos clientes. Isso é que é curioso.

**Pergunta: Como é que se faz uma Política de Autores, que seja crítica, como aquela que fez nos anos 60, com a vertente social?**

Nuno Portas: É fazer poucos projectos. Os projectos urbanos têm alimentado os grandes ateliers os últimos anos – jogos olímpicos, expos, estádios de futebol. Não acredito que a Arquitectura tenha evoluído muito com eles. As melhores obras destes autores não estão nestes projectos.

O que eu defendo não é o projecto urbano das vedetas. Deve ser um projecto de infra-estruturas e de criar as condições para o que venha depois. O autor de hoje tem de saber trabalhar o conteúdo, ou seja, no programa e chamar especialistas para junto de si.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

**Pergunta: Que Políticas Sociais é que um arquitecto pode, hoje, abraçar?**

Nuno Portas: Os arquitectos, nesta altura, têm de se curar de uma fase altamente formalista da Arquitectura em que nunca se fez auto-crítica. Os artistas têm liberdade por definição. São os únicos seres, desde há muitos séculos, que se consideram livres. Todos os outros têm de obedecer a alguém.

As Políticas Sociais têm de aprender com as Políticas de Autores e vice-versa. Há algumas coisas que se perdem, outras que se ganham.



## BIBLIOGRAFIA

### Contexto europeu

**ALEXANDER, C.** (1964) *Notes on the synthesis of form*. Cambridge: Harvard Press.

**BANHAM, R.** (1967). *El Brutalismo em Arquitectura, etica o estetica?*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

**CASTELLS, M.** (1975). *Problemas de Investigação em Sociologia Urbana*. Lisboa: Editorial Presença.

**FRAMPTON, K.** (2008). *História Crítica da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes.

**GREGOTTI, V.** (1994). *Território da Arquitectura*. São Paulo: Perspectiva.

**HALL, E. T.** (1966). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



**KRÜGER, M.** (2005). *Leslie Martin e a Escola de Cambridge*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdades de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

**LAUWE, P.-H. C. de** (1956). *La vie quotidienne des familles ouvrières*, Paris: CNRS.

**LAUWE, P.-H. C. de** (1983). *La culture et le pouvoir: transformations sociales et expressions novatrices*, Paris: Éditions L'Harmattan.

**LEFEBVRE, H.** (2000). *Espace et Politique*, 2<sup>ème</sup> éd., Paris: Anthropos.

**LEFEBVRE, H.** (2000). *La Production de L'espace*, 4<sup>ème</sup> éd., Paris: Anthropos.

**LEFEBVRE, H.** (1976). *La révolution urbaine*, Paris: Gallimard.

**MONTANER, J. M.** (2001). *Depois do Movimento Moderno – arquitectura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili.

**PORTOGHESI, P.** (1985). *Depois da Arquitectura Moderna*. Lisboa : Edições 70.

**RUDOFISKY, B.** (1964). *Architecture without architects*. New York: Doubleday.

**SMITHSON, A. & P.** (1967). *Urban Structuring*. Londres: Studio Vista.

**SMITHSON, A. & P.** (1974). *Without Rhetoric, an architectural, aesthetic 1955-1972*. Cambridge: The Mit Press.

**TURNER, J. F.C.** (1991). *Housing by people : towards autonomy in building environments*. Londres: Marion Boyars.

**VENTURI, R.** (1995). *De l'ambiguïté en architecture*. Trad. Maurin Schlumberger. Paris: Dunod.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

Contexto português

**AAVV.** (2012). *O Ser Urbano nos caminhos de Nuno Portas*. Org. Nuno Grande. Guimarães: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

**AAVV.** (2004). *Arquitectura e Cidadania: atelier Nuno Teotónio Pereira*. Org. TOSTÕES, Ana. Lisboa: Ed Quimera D. L.

**ALMEIDA, P.V.** (2002) *A Arquitectura do Estado Novo – uma leitura crítica*. Lisboa: Livros Horizonte.

**BANDEIRINHA, J. A.** (2007) *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra : Imprensa da Universidade, Coimbra Editora.

**DOMINGUES, A.** (2009). *A Rua da Estrada*. Porto: Dafne Editora.

**MILHEIRO, A. V.** (2009). *Habitar em Colectivo: arquitectura portuguesa antes do S.A.A.L.* Lisboa: Ed Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE.

**TOSTÕES, A.** (1997). *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: Ed. FAUP.

**TOSTÕES, A.** coord. (2008). *1º Congresso Nacional de Arquitectos*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

**CARDOSO, J. M.** (1958). *Aspectos sociais da unidade de vizinhança como elemento de urbanização*. Coimbra: Centro de Estudos de Urbanismo.

**LACERDA, M.** coord. (2004). *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970. Um Património a Conhecer e Salvar*. Lisboa: IPPAR.

Nuno Portas

**MENDES, M. & PORTAS, N.** (1991). *Arquitectura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta - anos oitenta*. Porto: Fundação de Serralves.

**MENDES, M.** (2005). *Arquitectura (s): História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: Ed FAUP.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

**MENDES**, M. (2005). *Arquitectura (s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: Ed FAUP.

**PORTAS**, N. (1959) *Habitação Social: proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: FAUP publicações – versão 2004.

**PORTAS**, N. (1964). *A Arquitectura para Hoje*. Lisboa: Ed Livros Horizonte.

**PORTAS**, N. (1969). *A Cidade como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte.

**PORTAS**, N. (2005) *Os Tempos das Formas, volume I: A Cidade Feita e Refeita*. Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho.

**PORTAS**, N. (2002) *Prefácio à edição de Cor e cidade histórica*, in AGUIAR, José (2002) — *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. FAUP, Porto.

**PORTAS**, N. et al. (2003) *Políticas Urbanas I. Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

**PORTAS**, N. (1986). *Notas sobre a intervenção na cidade existente, Sociedade e Território*. Porto: Edições Afrontamento.

**PORTAS**, N. (2012) *Políticas Urbanas II Transformações, Regulação e Projectos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

#### Artigos e periódicos

**ALPALHÃO**, L. (2013) *Práticas emergentes – Novas arquitecturas como reflexo do presente contexto socio-económico*, ARQA, nº 107.

**Arquitectura**. Nº60-135.

**BANHAM**, R. (1959) *Neoliberty, the italian retreat from modern archicteture*, in *Archictetural Review*, n. 747.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

**BAPTISTA, L.S.** (2013) *Novas Coletividades – A genealogia moderna do colectivo e as novas estratégias comunitárias*, ARQA, nº 107.

**Cadernos Municipais.**

**COLIN, R.** (1949). *La famille devant le problème du logement*. Population, vol. 4. N°2.

**FRANÇA, J. A.** (1967). *A «Casa Portuguesa» e o «Neo-Românico», no princípio de novecentos*. Arquitectura. N° 95.

**L'Architecture d'Aujourd'hui - Histoire et tendances de l'architecture portugaise - La passion d'Alvaro Siza.** (1976). Archipress & associés. N° 185.

**LEITE V., RIBEIRO C.** (2013) *Arquitectura da Participação – Influências latino-americanas de um quotidiano participativo*. ARQA. nº 107.

**PORTAS, N.** (1959). *A Responsabilidade de uma Novíssima Geração no Movimento Moderno em Portugal*. Arquitectura. N° 58. P. 13-14.

**PORTAS, N.** (1959). *Conceito da Casa em Pátio como Célula Social*. Arquitectura. N° 64. P. 32-34, 59-60.

**PORTAS, N.** (1960). *Considerações sobre o Organismo Distributivo das Habitações*. Arquitectura. N°69. P. 48-52.

**PORTAS, N.** (1963). *Arquitectura Integrada?* Jornal de Letras e Artes. N° 84. P. 8-9, 15.

**PORTAS, N.** (1964). *Novas Igrejas. Considerações a Propósito de uma Exposição*. Brotéria. Lisboa. Vol. LXXIX. N° 1. P. 18-27.

**PORTAS, N.** (1967). *Moradia em Vila Viçosa*. Arquitectura. N° 79. P. 3-11.

**PORTAS, N.** (1967). *Sobre la joven generación de arquitectos portugueses*. Hogar y Arquitectura. N° 68. P.77-84.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



**PORTAS, N.** (1968). *Desenho e Apropriação do espaço da Habitação*. Arquitectura. Nº103. P. 124-128.

**PORTAS, N.** (1970). *Arquitecturas Marginadas en Portugal*. Cuadernos Summa-Nueva Visión. Nº 49. P.6 -24.

**PORTAS, N.** (1970). *Arquitectura: Formas de Conhecimento – Formas de Comunicação*. Novas Perspectivas das Ciências do Homem. Lisboa: Editorial Presença. P. 65-90

**PORTAS, N.** (1972). *Note sul Significato dell' Archittettura di Álvaro Siza nell'Ambiente Portoghese*. ControSpazio. Nº 9. P. 24-26.

**PORTAS, N.** (1972). *Habitação Evolutiva*. Arquitectura. Nº 126. P. 100-121.

**PORTAS, N.** (1984). *O Poder Local e a Re-invenção do Estado*. Expresso. Nº 220. P.8.

**PORTAS, N.** (1985). *A Transformação das Cidades*. JA – Jornal Arquitectos. Nº 42.

**PORTAS, N.** (1986). *O Processo SAAL: Entre o Estado e o Poder Local*. Revista Crítica de Ciências Sociais. Nº 18/19/20. P. 635-644.

**PORTAS, N.** (1987). *O problema e o Caminho (e Vice-versa)!* JA – Jornal Arquitectos. Nº 60. P. 10-11; 28-29.

**PORTAS, N.** (1987). *Conceitos de Desenvolvimento Urbano*. JA – Jornal Arquitectos, 56/57. ISSN 0870-1504

**PORTAS, N.** (1988). *Planeamento Urbano: Morte e Transfiguração*. Inédito.

**PORTAS, N.** (1989). *Os Planos para Lisboa*. Sociedade & Território, 4:10/11. ISSN 0873-6308

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

**PORTAS, N.** (1991). *Crítica do Urbanismo. O Desenho Urbano em Situações de Costa*. Sociedade e Território. Ano 5, nº13. P. 91-94.

**PORTAS, N.** (1992). Sobre o Método e os Significados no Atelier Nuno Teotónio Pereira / Nuno Portas. Manuscrito.

**PORTAS, N.** (1997). *Spazio Pubblico e Città Emergente*. Le Architettura dello Spazio Pubblico: forme del presente. Milão: Electa.

**PORTAS, N.** (2004). “Do Astro à Nebulosa, do Nó à Malha, da Malha aos Nós”. Texto apresentado na última aula na FAUP.

**PORTAS, N.** (s.d.). *A Engenharia das Estruturas e a Arquitectura da Cidade*. Manuscrito.

**TAFURI, M.** (1969). *Per una critica del’ ideologia architettonica*. Contropiano, 1, Janeiro- Abril 1969.

**TOSTÕES, A.** (2003). *Afirmção, Questionamento e contestação do paradigma urbano*. Jornal dos Arquitectos. Lisboa. ISSN 0870-1504. 211.

#### Internet

[http://www.youtube.com/watch?v=HOO8OqSB\\_uc](http://www.youtube.com/watch?v=HOO8OqSB_uc) – filme “Os Verdes Anos”, consultado no dia 20/1/2013

<http://www.youtube.com/watch?v=gcLBBRRxWrQ> – “Lisboa, o Direito à Cidade” consultado no dia 13/5/2013

<http://rccs.revues.org/4158> *A crítica arquitectónica, o debate social e a participação portuguesa nos “Pequenos Congressos” – 1959/1968*, consultado no dia 12/7/2013

<http://www.architecture.com/EducationAndCareers/PrizesScholarshipsandBursaries/Supportforresearch/RIBAResearchTrusts/2011recipients/Lea-CatherineSzacka.aspx#.UfrFINIU9wU> consultado no dia 15/7/2013

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

Teses

**BARRADAS**, A. M. I. (2012) O cientificar de uma crítica – Nuno Portas e a Revista Arquitectura 1957|1974. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

**CAMPOS**, C. M. F. (2011) *Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

**CARVALHO**, M. M. R. R. (2012) *Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

**CORDEIRO**, C.M.A. (2012) *A Arquitectura e o Cinema no Olhar de Nuno Portas*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

**FERREIRA**, J. M. F. (2009) *A periferia perfeita: Pós-modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60 - anos 80*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Doutoramento.

**LOPES**, J. G. A. (2010) *Discursos de Cidade – Lisboa Anos 80*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado.

**RIBEIRO**, H. S. N. J. (2010) *Outras Casas Portuguesas - Uma reflexão sobre o momento de revisão crítica da arquitectura moderna dos anos 50 e o seu contributo na arquitectura contemporânea*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

## ÍNDICE DE IMAGENS

### AMBIÊNCIA

Fotograma de Lisboa, o Direito à Cidade. consultado no dia 13/5/2013

1 | <http://www.transculturalmodernism.org/article/138> consultado no dia 17/5/2013

2 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 18

3 | Fotograma de Os Verdes Anos. consultado no dia 20/1/2013

4 | <http://arquitectos.pt/?no=2021011260,228> consultado no dia 17/5/2013

5 | <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=00851.001.003#!10> consultado no dia 17/5/2013

6 | [http://www.colorizemedialearning.com/detalhe\\_historia.php?pag=14](http://www.colorizemedialearning.com/detalhe_historia.php?pag=14) consultado no dia 17/5/2013

7 | <http://bejayarrabaldes.blogspot.pt/2011/12/monumento-ao-prisoneiro-politico.html> consultado no dia 17/5/2013

8 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 54.

9 | <http://www.livrarialeitura.pt/livro/arquitectura-popular-em-portugal-2-volumes/>

10 | <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1403-carlos-ramos.html> consultado no dia 18/5/2013

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL



11 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 28.

12 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 40.

13 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 2.

14 | Fotograma de Lisboa, o Direito à Cidade. consultado no dia 13/5/2013

#### NUNO PORTAS E AS POLÍTICAS DE AUTOR

<http://revistaturana.com/2011/12/21/godard-truffaut-duas-formas-de-amar/>  
consultado no dia 12-07-2013 consultado no dia 26/6/2013

15 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 162.

16 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 164.

17 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 164.

18 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 178.

19 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 76.

20 | <http://www.revistamoviola.com/2011/10/26/a-politica-de-autores-na-epoca-da-morte-do-homem-2/> consultado no dia 12/07/2013

<http://puleipelajanela.wordpress.com/2010/01/26/breve-introducao-a-nouvelle-vague/>

21 | <http://thefilmdirectory.tumblr.com/post/10910752546/from-left-to-right-claude-lelouch-jean-luc> consultado no dia 28/6/2013

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

22 | [http://www.asaeca.org/imagofagia/sitio/index.php?option=com\\_content&view=article&id=101%3Acineclubes-uma-forma-alternativa-de-ver-cinema-em-portugal&catid=35&Itemid=66](http://www.asaeca.org/imagofagia/sitio/index.php?option=com_content&view=article&id=101%3Acineclubes-uma-forma-alternativa-de-ver-cinema-em-portugal&catid=35&Itemid=66) consultado no dia 15/7/2013

23 | AAVV. (2012). *O Ser Urbano nos caminhos de Nuno Portas*. Org. Nuno Grande. Guimarães: Imprensa Nacional Casa da Moeda. P. 191.

24 | cedida pelo Professor Nuno Grande

25 | [http://www.google.pt/imgres?q=siza+vieira+escrit%C3%B3rio&start=187&biw=1920&bih=1056&tbs=isz:l&tbn=isch&tbnid=0KwyPWzF0\\_5cqM:&imgrefurl=http://axsoris.com/alvaro-siza-drawing.html&docid=zy3LEvy\\_LfbUdM&imgurl=http://www.viagemsemprograma.com/img/bio.jpg&w=1792&h=1422&ei=RTT1UcLrMsHA7AbFq4D4Ag&zoom=1&ved=1t:3588,r:1,s:200,i:7&iact=rc&page=5&tbnh=179&tbnw=192&ndsp=49&tx=45&ty=74](http://www.google.pt/imgres?q=siza+vieira+escrit%C3%B3rio&start=187&biw=1920&bih=1056&tbs=isz:l&tbn=isch&tbnid=0KwyPWzF0_5cqM:&imgrefurl=http://axsoris.com/alvaro-siza-drawing.html&docid=zy3LEvy_LfbUdM&imgurl=http://www.viagemsemprograma.com/img/bio.jpg&w=1792&h=1422&ei=RTT1UcLrMsHA7AbFq4D4Ag&zoom=1&ved=1t:3588,r:1,s:200,i:7&iact=rc&page=5&tbnh=179&tbnw=192&ndsp=49&tx=45&ty=74) consultado no dia 14/7/2013

26 | <http://rccs.revues.org/4158?lang=en> consultado no dia 12/7/2013

27 | AAVV. (2012). *O Ser Urbano nos caminhos de Nuno Portas*. Org. Nuno Grande. Guimarães: Imprensa Nacional Casa da Moeda. P. 259, 263, 272.

28 | <http://www.abebooks.it/servlet/BookDetailsPL?bi=8737922511&searchurl=an%3Dlotus%2Binternational%2Barchitecture%2Brivista%2Bdi%2Barchitettura%26amp%3Bbsi%3D0%26amp%3Bds%3D30> consultado no dia 21/7/2013

[http://www.digitaliapublishing.com/recurso/articulo/02131962\\_0012.jpg](http://www.digitaliapublishing.com/recurso/articulo/02131962_0012.jpg)

29 | *L'Architecture d'Aujourd'hui - Histoire et tendances de l'architecture portugaise - La passion d'Alvaro Siza*. (1976). Archipress & associés. N° 185.

#### CAPÍTULO CHARNEIRA [25 DE ABRIL]

<http://olhares.sapo.pt/onde-estavas-no-25-de-abril-de-1974--foto1899404.html>

30 | <http://cambetabangkokmacau.blogspot.pt/2010/03/politica-vamos-la-entende-la.html>

<http://codigodacultura.wordpress.com/2010/04/25/spinola-o-%E2%80%98anti-heroi%E2%80%99-da-revolucao-de-25-abril-de1974/> consultado no dia 15/7/2013

31 | <http://arrastao.org/2800824.html> consultado no dia 24/7/2013

#### NUNO PORTAS E AS POLÍTICAS SOCIAIS

[http://cinemactiv.com/paredesmeias/?page\\_id=112](http://cinemactiv.com/paredesmeias/?page_id=112) consultado no dia 20/7/2013

32 | <http://www.flickriver.com/photos/faasdant/4132861872/> consultado no dia 22/7/2013

33 | CAMPOS, C. M. F. (2011) *Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 18.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

- 34 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 20.
- 35 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 136.  
<http://www.martinesonnet.fr/Site/Cartographie.html>
- 36 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 106.
- 37 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 60.
- 38 | PORTAS, N. (1959) *Habitação Social: proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: FAUP publicações – versão 2004. P. 91
- 39 | PORTAS, N. (1959) *Habitação Social: proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: FAUP publicações – versão 2004. P. 94
- 40 | <http://www.museudaimprensa.pt/galeriavirtualdacensura/cronologia.htm>  
consultado no dia 22/7/2013
- 41 | <http://stoppatternov.com/a-pattern-language-alexander/> consultado no dia 22/7/2013  
<http://edicoescosmos.blogspot.pt/2009/03/arquitectura-da-cidade-aldo-rossi.html>  
consultado no dia 24/7/2013
- 42 | AAVV. (2012). *O Ser Urbano nos caminhos de Nuno Portas*. Org. Nuno Grande. Guimarães: Imprensa Nacional Casa da Moeda. P. 315.
- 43 | <http://rccs.revues.org/docannexe/image/1816/img-1.jpg> consultado no dia 22/7/2013
- 44 | <http://rccs.revues.org/3729> consultado no dia 22/7/2013
- 45 | <http://entreasbrumasdamemoria.blogspot.pt/2011/02/depois-de-amanha.html>  
consultado no dia 22/7/2013
- 46 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 106.
- 47 | <http://blogs.colum.edu/marginalia/2012/12/10/secrets-corners-words-poems-drawers-chests-and-wardrobes/#.UfW3y9IU9wU> consultado no dia 24/7/2013
- 48 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 242.

POLÍTICAS DE AUTOR OU POLÍTICAS SOCIAIS?  
NUNO PORTAS E O PAPEL DO ARQUITECTO EM PORTUGAL

- 49 | Centro de Documentação 25 de Abril . Universidade de Coimbra
- 50 | [http://www.snpcultura.org/vol\\_operacoes\\_saal\\_um\\_dos\\_mais\\_importantes\\_documentarios\\_portugueses.html](http://www.snpcultura.org/vol_operacoes_saal_um_dos_mais_importantes_documentarios_portugueses.html) consultado no dia 24/7/2013
- 51 | MENDES, M. (2005). *Arquitectura (s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: Ed FAUP. P. 24.
- 52 | PORTAS, N. (1959) *Habitação Social: proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: FAUP publicações – versão 2004. P. 123.
- 53 | <http://www.tiendavirtualupb.com/editorial/arquitectura-diseno-y-arte/jose-luis-sert-y-colombia-de-la-carta-de-atenas-a-una-carta-del-habitat.html> consultado no dia 22/7/2013
- 54 | CAMPOS, C. M. F. (2011) Nuno Portas- Diálogos entre teoria e prática [1957-1974]. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 116.
- CARVALHO, M. M. R. R. (2012) *Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 200
- 55 | Centro de Documentação 25 de Abril . Universidade de Coimbra
- 56 | Centro de Documentação 25 de Abril . Universidade de Coimbra
- 57 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) *Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 202
- 58 | CARVALHO, M. M. R. R. (2012) *Investigação em Arquitectura – o contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. P. 204
- 59 | MENDES, M. (2005). *Arquitectura (s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*. Porto: Ed FAUP. P. 30.

